Nº 9 CR$ 3.900,00

ANO ZERO

JANEIRO 1992

Luiz Carlos Maciel:
A DOUTRINA DE CASTANEDA

Transferência amorosa

Entrevista com
ALDO CAROTENUTO

Autômatos
SUA EXCELÊNCIA, O ROBÔ

Cidades subterrâneas
VIVEREMOS ASSIM NO FUTURO ?

Marlon Brando:
CARMA EXPLÍCITO?

Templários
A CAVALARIA NA NOVA ERA

Exclusivo:
JORNAL DA MUFON

ANO ZERO

Uma publicação mensal de © Editora Ano Zero Ltda.
Rua do Russel, 450 grupo 802 - Glória - RJ - Telefone: 205-4907
Telefax: 285-6096
CEP 22210
© Hobby Press S.A. - Madri - Espanha

Diretor Gerente
Sérgio Coelho

Diretor Editorial
Pedro Camargo

Diretor Comercial
Miguel Angel Nieto

Redator chefe
Raul Fernandes Sobrinho

Conselho Editorial
Luis Pellegrini, Miguel H. Borges, Pedro Camargo e Philippe Piet van Putten

Conselho Consultivo
Alejandro Agostinelli (Argentina), Anna Maria Costa Ribeiro, Cauby Araújo, Claudeir Covo, Ely Cardoso, Irene Granchi, Luciano Stancka e Silva, Robert M. Rickard (Inglaterra), Sergei F. Bulantsev (Rússia), Ubirajara Franco Rodrigues, Waldo Vieira, William R. Corliss (Estados Unidos)

Redatores
Alexandre Mansur, Bernardo Horta, Raul Fernandes Sobrinho

Colaboradores
Marcos Guttmann, Rodrigo Bruno, Fábio Campos

Diagramação: David Lacerda
Arte-Final: Maril Avilez

Publicidade
A.A.F. Comunicação e Marketing Ltda.
Rua Siqueira Campos, 43 / 835
CEP 22031 - Rio de Janeiro - RJ - Tel.: (021) 256-8724 -
Fax: (021) 235.6032
Contatos: Sidney Lobato / José Carlos Corrêa

Representantes Publicidade
Minas Gerais - Flavia Bouchardet
Av. do Contorno, 2.250 - Sala 808 - CEP 30110 - Belo Horizonte - MG - Tel.: (031) 224-0635
Paraná/Sta. Catarina - Gilberto Paulim - Rua Conselheiro Laurindo, 825/704 CEP 80060 - Curitiba - PR - Tel.: (041) 222-1766
Rio Grande do Sul - Flávio Zaveruska
Av. Salgado Filho, 360/114 - CEP 90010 - Porto Alegre - RS - Tel.: (0512) 217369 / 216643

Fotocomposição: Lidio Ferreira Jr. Ltda. - RJ
Fotolito: Cromolito S.A. - Santiago - Chile

Distribuição e Venda para todo o Brasil:
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.
Rua Teodoro da Silva, 907 - Grajaú - RJ - Telefone: 577-6655 - CEP 20563

Números atrasados
A Editora Ano Zero mantém suas publicações em estoque até seis meses após seu recolhimento. As publicações atrasadas são vendidas pelo preço da última edição lançada (corrigido, caso não haja alguma edição em bancas). Escolha entre as opções abaixo.

Nas bancas
Através do jornaleiro ou distribuidor Chinaglia de sua cidade.

Pessoalmente ou por carta
Diretamente à Editora Monterrey. Rua Visconde de Figueiredo, 81 - Tijuca - Tels.: 248-7067 ou 234-8398
Rio de Janeiro - CEP 20550.

Importador para Portugal:
EDIBER - Edição e Distribuição de Publicações Ltda., Rua Dom Carlos de Mascarenhas, 15 - Lisboa - Portugal.

Distribuidor para Portugal:
MIDESA - Marco Ibérica, Distribuição de Edição S.A. Rua Dr. José Espírito Santo, Lote 1A - Lisboa - Portugal.

Editora Ano Zero Ltda., não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.

Impressa nas oficinas de:
Lord Cochrane S.A. - Santiago - Chile

Janeiro, 1992

Foto da capa:
Agência Keystone - RJ

SUMÁRIO

RENASCIMENTO

Início de ano, vida nova. O leitor habitual deve estar decepcionado: "Não tinha mais nada para dizer?" Tudo bem. Mas vamos considerar um ponto: independente de ser ou não início de ano, alguém duvida que estejamos vivendo *mesmo* o início da Nova Era, o mais extraordinário período da História?

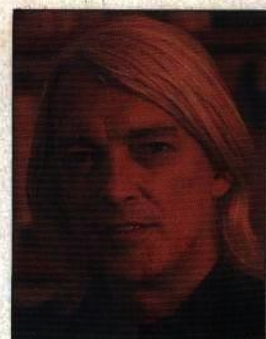
Peter Russel, em seu livro *O despertar da Terra*, afirma que um momento de semelhante importância só ocorreu há 6,5 bilhões de anos atrás, quando a vida orgânica surgiu no Planeta. Tal afirmação, de quem sabe o que diz, anuncia o próprio Renascimento, não simplesmente no nível do que ocorreu após a Idade Média, mas uma renovação absoluta. Um período difícil. Estamos em vias, ou de renascer, ou de desaparecer. É indispensável, para garantir a sobrevivência, que se renove a Consciência, que surja o novo homem.

O sonhado super-homem é uma idéia muito antiga, presente em toda a história do pensamento humano.

A Nova Era pressupõe a coragem de abrir mão dos velhos preceitos — ou preconceitos — para conceber o novo homem. Mas é preciso coragem. Não vai ser fácil enfrentar a insegurança e a solidão da virada. Nietzsche levantou a ponta do véu em *Assim falou Zaratustra:* "O homem precisa ser superado. O que fizestes para superar o homem? O que vem a ser o macaco para o homem? Motivo de riso ou dolorosa desgraça! É precisamente isso que o homem será para o super-homem. Uma corda estendida sobre o abismo, uma travessia perigosa, um perigoso olhar para trás, um perigoso tremer e parar."

Marcos Guttmann

Apesar de carregar um pouco nas cores do macaco (ou do homem), os vastos bigodes desse alemão introvertido e genial parecem ter captado, há um século, o drama do nosso futuro próximo, para digerirmos a duvidosa herança tecnológica deste final de século em que drogas são usadas para controlar a mente, em que alguns cientistas se reúnem para criar "cidades" do futuro, bonitinhas, mas verdadeiras "máquinas de morar". Onde pode estar a saída? Castaneda? O ressurgimento do espírito cavaleiresco? Robôs que nos proporcionem algum ócio para a meditação? Reflexões sobre o carma, explícito ou não?...

ANO ZERO continua atenta. E neste número traz uma novidade alvissareira: estréia entre nós o *Jornal da Mufon*, a mais credenciada entidade internacional de pesquisas ufológicas. O JM estará mensalmente conosco, em absoluta exclusividade, através da Academia Brasileira de Paraciências.

Pedro Camargo

4 A DOUTRINA DE CASTANEDA

Os ensinamentos do velho feiticeiro Don Juan mostram que através de uma nova focalização da consciência poderemos descobrir outras realidades e atingir a iluminação. Aí, a magia seria natural. Mas para isso é preciso espreitar a si próprio e acima de tudo ser um "guerreiro" nesse caminho do conhecimento.

34 A CAVALARIA NO TERCEIRO MILÊNIO

O jornalista Marco Antônio Coutinho, um Cavaleiro da Nova Era, nos conta a história da Ordem do Templo, uma instituição milenar que fascina milhares de pessoas, mantendo a tradição do espírito cavaleiresco no século XXI.

50 SUA EXCELÊNCIA, O ROBÔ

Inicialmente encaradas com desconfiança — e até medo — as máquinas inteligentes saíram do universo imaginário de escritores como Isaac Asimov e hoje fazem parte de nosso cotidiano. São robôs industriais, domésticos ou florestais cuja versatilidade sugere grandes possibilidades na exploração equilibrada de nossos recursos naturais.

DA ESPREITA AO SONHO:

A DOUTRINA DE CASTANEDA

Sucesso extraordinário nos primeiros anos 70, os livros de Carlos Castaneda trouxeram, na época, um respaldo teórico à busca dos estados alterados da consciência que os *hippies* empreendiam através das drogas. Agora, o jornalista e filósofo Luiz Carlos Maciel apresenta para ANO ZERO, de uma perspectiva dos anos 90, sua visão sobre o pensamento do misterioso antropólogo.

Luiz Carlos Maciel

O lançamento do primeiro livro de Carlos Castaneda, *The Teachings of Don Juan*, em 1968, foi um fenômeno editorial. Apresentado como uma tese para um grau universitário em Antropologia, o livro virou uma *best-seller* mundial. Não se falava de outra coisa e, pouco depois já era o assunto da reportagem de capa da revista *Time* — o que, no início dos 70, pelo menos, era prova definitiva de sucesso. Com os três livros seguintes, o êxito foi semelhante. Castaneda era o portador da sabedoria da América pré-colombiana, que muitos ligavam a doutrinas orientais, como o Zen, ou a escolas esotéricas ocidentais, como a de Gurdjief. Com a vantagem de que o mestre de Castaneda, o velho feiticeiro índio a quem chama de Don Juan, era mais simpático, mais espirituoso, mais engraçado, além de ser dono de um carisma que despertava nos leitores a mais absoluta confiança.

Mas havia, também, a moda das drogas. Thimoty Leary apregoava as virtudes religiosas do LSD. A experiência dos chamados estados *alterados da consciência*, induzidos por agentes químicos, passara a fazer parte da formação dos jovens e Don Juan utilizava, para comunicar seus ensinamentos, três plantas alucinógenas — o estramônio, o cogumelo mágico mexicano e o peiote — que ele chama "plantas de poder". Depois, porém, verificou-se que este era um detalhe pouco importante no contexto da doutrina que estava sendo transmitida. Dos oito livros publicados por Castaneda até hoje os únicos que tratam das "plantas de poder" são o primeiro, cujo título foi inexplicavelmente traduzido no Brasil para *A Erva do Diabo*, e o segundo, *A Separate Reality* — que, aqui, virou *Uma Estranha Realidade*. A partir do terceiro livro, *Journey to Ixtlan (Viagem a Ixtlan)*, o assunto é abandonado, exceto por breves observações corretivas, e relegado a uma posição secundária no sistema de crenças e práticas descrito pelo escritor. Os livros não se classificam na literatura sobre drogas, característica dos anos 60, nem a prática de Don Juan tem qualquer semelhança com a de seitas religiosas que incluem alucinógenos em seus cultos, como a Igreja-Nativista Americana, com o peiote, ou o Santos Daime, no Brasil, com a *ayahuasca*. A imagem popular de Castaneda e Don Juan como grandes tomadores de drogas é mera distorção. Não tem nada a ver.

Por outro lado, a questão sobre a veracidade da história é um pouco mais complexa. Castaneda é acusado de "impostor" por ter pretendido passar mera ficção, produto de sua imaginação, por relato verídico, reportagem e estudo científico. Alguns críticos norte-americanos ficaram logo muito preocupados com isso; contudo, apesar de surgirem vários livros para demonstrar a alegada farsa, como *The Journey of Castaneda*, de Richard De Mille, o próprio Castaneda continua a insistir vigorosamente na veracidade de sua narrativa.

A consciência é uma só

De qualquer maneira, o conteúdo doutrinário da obra independe dessa circunstância. Ficção ou realidade — para o admirador típico de Castaneda, trata-se de um dilema irrelevante. O que importa, aqui, é o conteúdo, a visão-de-mundo, a perspectiva aberta de um sentido para a compreensão e a evolução espiritual. A doutrina exposta por Castaneda é o valor principal de seus livros, pela profundidade, sutileza e exatidão de suas intuições fundamentais. O chamado "mundo", pode-se afirmar, é bem como Castaneda diz que ele é.

O fundamento da doutrina é o fenômeno da consciência, o fato de que somos seres perceptivos e de que sabemos que o somos.

Desde suas primeiras lições, Don Juan, o mestre, trata as realidades percebidas em diferentes estados de consciência como realidades separadas mas tão "reais" quanto a que costumamos, em nossa vigília cotidiana, considerar normal. A equação entre o interno e o externo é o suposto fundamental de todo conhecimento esotérico comunicado por Don Juan. O mundo é assim como pensamos que é, só porque nos dizemos, todo o tempo, que ele é assim; se pararmos de nos dizer que o mundo é assim, ele deixará de ser assim — diz o mestre. A interrupção do diálogo interno implica em "parar o mundo" — e esta é a condição necessária de toda ação mágica.

Segundo Castaneda, a realidade

depende de uma focalização da consciência, de certa maneira, ela é essa focalização. A consciência de um bebê ainda não está focalizada, está no infinito indeterminado, o desconhecido, que Castaneda chama o *Nagual*. A focalização é feita nos primeiros anos de vida através de uma capacidade estruturante da consciência que é a atenção. A atenção seletiva, ensinada aos filhos pelos pais, é uma focalização particular, a que a doutrina dá o nome de Primeira Atenção, e a realidade particular que ela constitui chama-se Tonal. Assim, nossa realidade familiar, que julgamos única e absoluta, é apenas uma criação particular da consciência focalizada pela Primeira Atenção. Essa focalização, diz Don Juan, é uma proeza admirável do ser humano — que, provavelmente, levou muitos séculos para realizá-la — mas, fixada, também é uma camisa-de-força que impede outras focalizações e, portanto, a experiência de outras realidades.

Os feiticeiros trabalham para escapar dessa camisa-de-força, desmanchando essa focalização e desenvolvendo procedimentos capazes de estabelecer novas focalizações, no Nagual, às quais a doutrina chama de Segunda Atenção. As "plantas de poder" são, nos primeiros livros, o principal recurso utilizado pelo mestre para afrouxar, no discípulo, a focalização da Primeira Atenção e, assim, abrir a possibilidade de novas focalizações da Segunda Atenção. Nos livros seguintes, entretanto, a tarefa é confiada a uma técnica conhecida como "a arte de sonhar". Quando adormecemos, desmancha-se naturalmente a focalização da Primeira Atenção; a consciência afunda-se no Nagual, de maneira não-fooalizada; o que chamamos de "sonhos" são as lembranças da consciência refocalizada na Primeira Atenção, de suas experiências não-focalizadas no Nagual; o domínio do "sonho" permite a focalização da Segunda Atenção, um procedimento semelhante ao que chamam de "sonhos lúcidos" e "projeção astral". O domínio da consciência, através de sua expansão, ou domínio da Segunda Atenção, não visa, apenas, a ação mágica dos feiticeiros, mas o conhecimento.

Carlos Castaneda, mito ou realidade?

O índio huichol prepara o peiote, planta utilizada por Don Juan

Para a doutrina, a gnoseologia realista, substancialista ou materialista, é ingênua e excessivamente parcial. Não há uma realidade objetiva, em si, a ser refletida pela consciência; entretanto, ela não é um poder constituinte absoluto, como no idealismo filosófico. As duas posições clássicas, privilegiando um dos pólos da relação ontológica — o sujeito ou o objeto — são igualmente rejeitadas. A cada estado da consciência corresponde uma realidade ontologicamente correlata mas nenhum dos dois pólos está em destaque. O ser não se reduz à consciência, apenas, mas só se expressa através dela. O que há é o ser; o que há é a consciência; esses dois são um só.

O conceito utilizado por Castaneda, a partir de *The Fire From Within (O fogo interior)*, para descrever o que se passa, é o de "alinhamento".

Os diferentes "alinhamentos" entre ser e consciência dão conta, não só dos diferentes estados subjetivos mas também das diferentes realidades objetivas. Pode-se, para usar uma linguagem acadêmica, falar de uma espécie de "ontopsicologia" em Castaneda, desde que, para ele, essas duas áreas da realidade, supostamente distintas, são, em verdade, a mesma.

Pode-se também dizer que a doutrina concebe a realidade à maneira da Física contemporânea, como um campo unificado de energia, a que chama "o campo das emanações da Águia". Temos, aqui, a metáfora básica do sistema para designar, nos livros *The Eagle's Gift (O presente da águia)* e *The Fire From Within (O fogo interior)*, o poder supremo que "governa todas as coisas". Tal poder é absoluto. Nada existe, na verdade, exceto a Águia e as suas emanações. A percepção e a consciência (ambos os termos são sinônimos, em Castaneda) surgem como um determinado alinhamento dessas emanações, alinhamento que também determina, ao mesmo tempo, o objeto delas. Esta idéia é fundamental, na doutrina, porque é o alinhamento de emanações que constitui toda realidade perceptível, isto é, percebida, criando a aparente polaridade entre sujeito e objeto. A mudança de alinhamento, o que pode ser feito pelo emprego de uma quantidade adequada de energia, é uma operação cosmotrópica, instauradora do real.

Este é o ponto básico. A visão de Castaneda fundamenta-se nessa compreensão ontológica, que não encontra paralelo na tradição filosófica ocidental, a não ser nos chamados filósofos pré-socráticos gregos, na própria aurora do pensamento do Ocidente. É uma compreensão do ser como "presença do presente", para usar os termos de Heidegger.

O velho indígena medita, focalizando sua consciência na Segunda Atenção

Só a magia é natural

A filosofia do Ocidente é, primeiro, dominada pelo objeto, a partir do período pós-socrático; isso se verifica na filosofia grega clássica, de Platão e Aristóteles, na filosofia medieval, cristã, de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino; e até no materialismo mecanicista que é o fundamento da ciência ocidental. Depois, é dominada pelo sujeito, no seu período moderno, com Descartes e Spinoza, tanto em suas expressões racionalistas (Kant, Hegel) quanto irracionalistas (Nietzsche, Kierkegaard). Esse processo histórico de errância foi chamado por Heidegger de "esquecimento do ser" e envolve a perda progressiva da intuição mais profunda dos filósofos pré-socráticos. A necessidade mais crucial do pensamento contemporâneo é a de recuperar o que foi perdido em tal processo. A doutrina de Castaneda nos restitui à perspectiva correta.

Em seu mundo, a magia é mais do que possível, é natural. Tudo se faz por mágica; as aparências em contrário são apenas distorcentes. Por isso, o aprendizado do discípulo com Don Juan termina com um salto sobre um abismo, episódio de importância central em toda a saga e narrado pelo menos três vezes, nos finais de *The Second Ring of Power (O segundo círculo do poder)*, *The Eagle's Gift* e The Fire From within. O discípulo não morre no fundo do abismo porque, no meio do salto, sua capacidade para realinhar as emanações, ou refocalizar a consciência, simplesmente leva-o a ressurgir em outro lugar. Consciência e ser — esses dois são um só alinhamento.

Como seres perceptivos, não passamos de um ponto de aglutinação para o alinhamento das emanações da Águia; é a posição desse ponto, no campo das emanações, que determina a natureza do alinhamento.

Conforme já vimos, a constituição do polo objetivo se faz através de uma focalização específica da consciência que se chama atenção. Há diferentes "atenções", que correspondem a diferentes alinhamentos. Nossa consciência comum está fixada no que Castaneda chama Primeira Atenção, ligada ao Tonal, à vigília e ao mundo material familiar a que nos acostumamos a considerar como única e absoluta "realidade". Mas o movimento do ponto de aglutinação à outra posição e conseqüente realinhamento de emanações, leva a focalização da consciência na Segunda Atenção, a uma outra "realidade", desconhecida, mas igualmente "real" e que pode se dominada no sonho. O aprendizado a que Castaneda se submete, sob a orientação de Don Juan visa, acima de tudo, ao domínio da consciência para que finalmente o discípulo, unindo a Primeira e a Segunda Atenção, atinja um estágio superior, a "totalidade de si mesmo", tornando-o capaz de focalizar a Terceira Atenção e entrar na "liberdade total", o incognoscível. O processo de crescimento e conhecimento do discípulo é o de uma contínua expansão da consciência. Aprender é alcançar estados mais compreensivos da consciência.

Uma outra cultura

Os livros de Carlos Castaneda, antropólogo e feiticeiro, são, na verdade, um único e inacabado livro, uma obra que está sendo criada ao longo dos anos, a cuja elaboração estamos assistindo, *pari passu*, há mais de duas décadas. Esta obra, ao que tudo indica, ainda está longe de seu término. A experiência descrita por ela confunde-se com a própria vida de seu escritor, como aprendiz de feiticeiro ou, melhor dito, como um homem em busca do conhecimento pleno e até da superação de sua própria condição humana. O objetivo final, a Terceira Atenção, é um estado de consciência que envolve uma transmutação física radical, uma verdadeira vitória sobre a morte. A audácia e a originalidade dessa visão são, sem dúvida, totalmente alheias à nossa cultura.

Como os ensinamentos de Don Juan vem sendo transmitidos ao leitor à medida em que vão sendo assimilados pelo aprendiz, os livros de Castaneda revelam uma interdependência mútua cada vez mais acentuada. A compreensão adequada dos últimos volumes, por exemplo, exige a leitura dos anteriores, ao mesmo tempo que o sentido destes só é realmente elucidado por aqueles. Por isso, muitos dos novos leitores de Castaneda têm preferido começar o exame da obra pelos últimos volumes. Na verdade, todos esses livros lançam luz crescente uns sobre os outros, apesar de algumas pequenas incongruências que são bastante irrelevantes ou, quem sabe, um mistério ainda a ser estudado. Devem ser lidos como um todo, é a sua unidade que leva à compreensão correta.

Nos quatro primeiros livros *The Teachings of Don Juan* (*A erva do diabo*), *A Separate Reality* (*Uma estranha realidade*), *Journey to Ixtlan* (*Viagem a Ixtlan*) e *Tales of Power* (*Porta para o infinito*), trata-se de um aprendizado estritamente individual. Don Juan, o velho mestre, ensina sua sabedoria ao jovem discípulo porque este foi "escolhido pelo poder". Ele deve abandonar sua antiga visão-de-mundo e passar a viver "como um guerreiro". Aqui, a doutrina ressoa outros ecos de Heráclito, para quem a guerra era "o pai de todas as coisas", pois, para ele, só como um "guerreiro" é possível avançar no caminho do conhecimento. E é como um guerreiro que o discípulo enfrenta o abismo e o desconhecido no final de *Tales of Power*.

WARNER BROS.

SCHLESINGER

Suposto retrato de Castaneda jovem

A ciência tolteca

No quinto livro, *The Second Ring of Power*, entretanto, revela-se que o conhecimento de Don Juan vem de uma antiquíssima tradição esotérica, que remonta, na civilização pré-colombiana, a uma cultura a que a investigação arqueológica dá o nome de Tolteca. Os toltecas desapareceram muito antes da chegada dos europeus ao Novo Mundo, mas possuíam o conhecimento do domínio da consciência, em especial a manipulação da Segunda Atenção e, conseqüentemente, da ação mágica.

Representação onírica da adoração do cogumelo mágico peiote

A ciência tolteca vem sendo transmitida oralmente através dos séculos e, em especial, nos últimos tempos, por grupos de "guerreiros", sob a liderança de um deles, a quem a doutrina chama de Nagual, por sua identificação com a realidade infinita e desconhecida. Nagual e Tonal, por sinal, são termos toltecas. Quando Don Juan resolve ensinar seu conhecimento ao antropólogo Castaneda, ele está, na verdade, atraindo um novo membro para seu grupo de "guerreiros" ou, mais exatamente, o futuro Nagual de um novo grupo de guerreiros encarregado de dar continuidade à tradição e tornar-se capaz, ele próprio, de entrar na Terceira Atenção. Essas revelações são feitas nos quatro últimos livros (*The Second Ring of Power, The Eagle's Gift, The Fire From Within* e *The Power of Silence) (O Poder do silêncio)* e colocam a história de Castaneda em nova e aparentemente mais fantástica perspectiva. Os dois últimos volumes relatam ensinamentos de Don Juan ministrados ao autor, nos anos 60, em estado de consciência intensificada, e que, por isso, haviam sido esquecidos e omitidos nos quatro primeiros livros.

O objetivo final é a expansão, o enriquecimento, a intensificação da consciência além de todos os limites concebíveis. O sentido do ser é a plenitude da consciência.

A consciência não "reflete" o mundo, nem o "projeta". A idéia de alinhamento supera as posições filosóficas tradicionais, permitindo ao conhecimento manifestar-se finalmente como poder, sem mediações. O domínio da Segunda Atenção possibilita a ação mágica mas esse poder limitado é uma armadilha capaz de interromper o caminho do discípulo até a última meta. A possibilidade mais alta da consciência individual é, conforme o exposto em *The Eagle's Gift*, a de enganar a Águia, escapar do destino aparentemente inexorável de servir-lhe de alimento e aceitar o seu "presente", que é o da preservação da individualidade da consciência, na focalização plena da Terceira Atenção, quando há o alinhamento de todas as emanações da Águia a partir de um determinado ponto de aglutinação. Tanto as emanações quanto os alinhamentos são ordens, ou comandos, da Águia; é a Águia, portanto, que cria a consciência com o objetivo de devorá-la, pois a consciência é o alimento da Águia. O "presente" da Águia é permitir ao ser humano, por seu próprio esforço, escapar de seu bico voraz. O objetivo da doutrina é ensinar a aceitar esse presente, pois a Águia o oferece com o objetivo de preservar e ampliar a consciência.

O aprendizado visa o domínio da consciência, mas também do que Castaneda chama de "espreita" e de "intenção", como meios para atingir a meta. A espreita, ou a "arte da espreita", é o controle adequado da Primeiro Atenção, no Tonal, e um de seus conceitos fundamentais é o de "loucura controlada", o comportamento adequado a cada circunstância que o guerreiro é obrigado a enfrentar.

Os princípios da espreita

Em *The Eagle's Gift*, Florinda, uma das guerreiras do grupo de Don Juan, expõe os seis princípios da Arte da Espreita:

1. O guerreiro conhece e escolhe o seu campo de batalha.
2. O guerreiro considera que toda batalha é mortal e, por isso, ele está preparado para morrer a qualquer momento.
3. O guerreiro descarta tudo o que não lhe é necessário porque isso significa um desperdício de energia.
4. O guerreiro relaxa e se abandona, não dando importância ao medo nem se paralisando por causa dele.
5. Quando diante de uma situação que não sabe resolver, o guerreiro se poupa, dedicando sua atenção a alguma outra coisa.
6. O guerreiro condensa o tempo; cada minuto é absoluto. Um guer-

reiro não tem tempo.

A intenção, por sua vez, é o poder que torna efetivo tudo o que existe, é a força que move todas as coisas. É incomensurável e indescritível. O guerreiro procura efetivar plenamente sua conexão com a intenção, ou *intento*, conforme é explicado em *The Power of Silence*. Os ensinamentos anteriores já haviam enfatizado a importância de um *propósito inflexível* no aprendizado mas, agora, nesse livro, revela-se sua conexão essencial com o conhecimento silencioso, pois o conhecimento do *intento* é direto, sem a intervenção da linguagem falada. Naturalmente, a expansão da consciência é necessária ao domínio da intenção pois ela é o elo vivo que "acende" o campo das emanações da Águia. O conhecimento silencioso, portanto, é o contato direto com a intenção. O domínio dessa força misteriosa, mas absoluta, parece ser a derradeira exigência a que o discípulo se submete para alcançar o conhecimento final e poder, finalmente, focalizar a Terceira Atenção.

Egomania - o grande vilão

A Arte da Espreita apresenta ainda quatro exigências: impiedade, astúcia, paciência e doçura. Destas, a fundamental é a *impiedade* que não significa crueldade mas firmeza, rigor consigo próprio. O inimigo que deve ser vencido pelo guerreiro é a própria auto-indulgência, o sentimento de autopiedade fundado na importância indevida que atribuímos ao nosso auto-reflexo. Espreitar a si próprio significa reconhecer nessa *egomania* o tirano que deve ser derrubado. Segundo Don Juan, o homem dos tempos antigos, imemoriais, descobriu que, além de agir, podia prever e planejar seus atos; assim, apareceu a idéia de "eu". Quanto mais esta idéia se fixou, fortalecendo um pretenso "eu individua", mais o homem perdeu sua conexão natural com todas as coisas, através do conhecimento silencioso, em favor de um domínio cada vez maior da razão e do conceito. A guerra do guerreiro, portanto, é uma luta total, de vida ou morte, contra esse "eu individual", que privou o homem de seu poder. Para o guerreiro que busca, e portanto espreita, a impiedade é uma expressão da necessidade de eliminar a autopiedade, quebrar o espelho do auto-reflexo e destruir a auto-imagem, raízes de todo extravio egocêntrico.

Em suma, o fenômeno Carlos Castaneda é um dos paradoxos mais curiosos de nosso tempo. As revelações esotéricas mais sutis e detalhadas de que se tem notícia, em quaisquer círculos *exo* ou *esotéricos*, estão sendo generosamente divulgadas para todo o mundo. Os grandes segredos estão ao alcance de todos. E o sucesso comercial

dos livros é espantoso: além de se tornar feiticeiro, Castaneda ficou rico.

A contradição é apenas natural num mundo, como o nosso, cuja lei fundamental parece ser o paradoxo. E, rico ou não, Castaneda é provavelmente o mestre espiritual mais importante de nosso século. Sua doutrina está livre das heranças pesadas, eivadas de equívocos, das tradições ocidental e oriental. É uma revelação original, que brotou no Novo Mundo, para um florescimento imprevisível. Não há dúvidas que sua influência, por mais persistente que tenha parecido nas duas últimas décadas, está ainda no começo de uma ação que, certamente, se estenderá pelos anos por vir.

O impacto dessa doutrina em nossos formatos de conhecimento é inevitável. Em nossa cultura, uma visão-de-mundo é sempre expressa em prismas, ou gêneros literários, específicos. São descrições mitológicas, religiosas, filosóficas ou científicas. A cabeça das pessoas é moldada por essas categorias e, por isso, pode ter dificuldades em entender uma visão-de-mundo que não seja vazada numa delas. A doutrina de Castaneda não é mitologia, nem religião, nem filosofia, nem ciência. Ela a chama simplesmente de conhecimento, *knowledge*, um conhecimento inclassificável pelos acadêmicos. Mas é um conhecimento autêntico, uma apreensão genuína do real, que você pode perceber, de modo profundo e instantâneo, com sua intuição e sua sensibilidade.

Na filosofia ocidental a visão de Castaneda só encontra paralelo nos pré-socráticos.

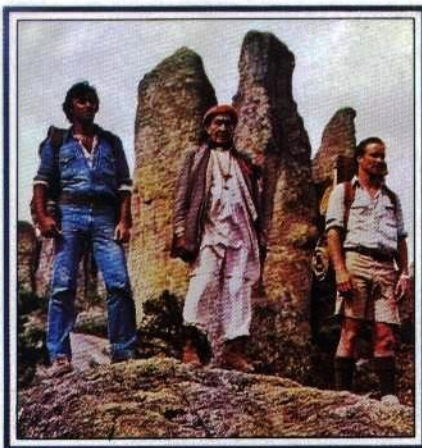



Imagem do filme de Ken Russell (Viagem alucinante ao fundo da mente), que recria o processo de iniciação dos jovens com um índio mexicano

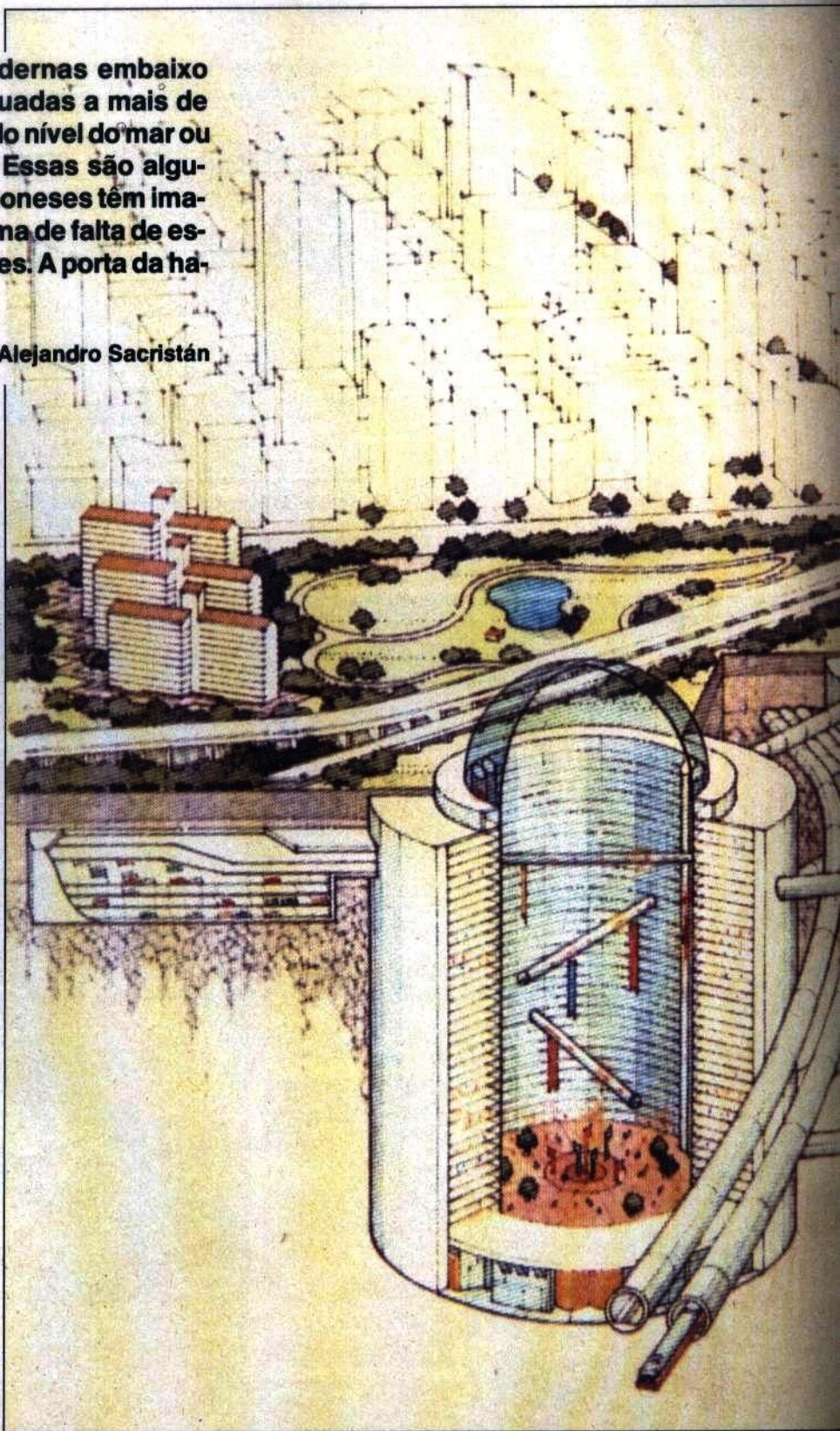
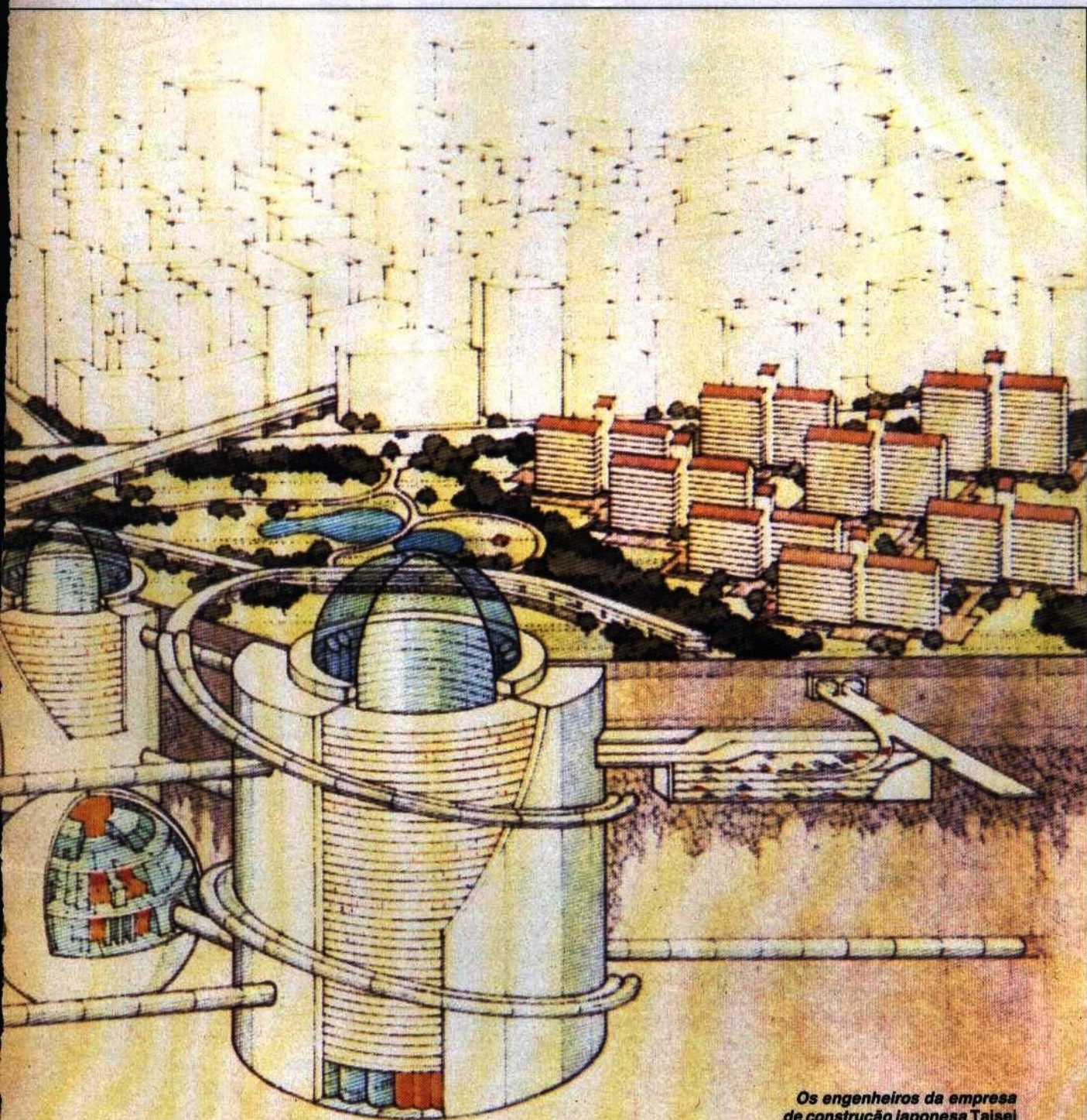
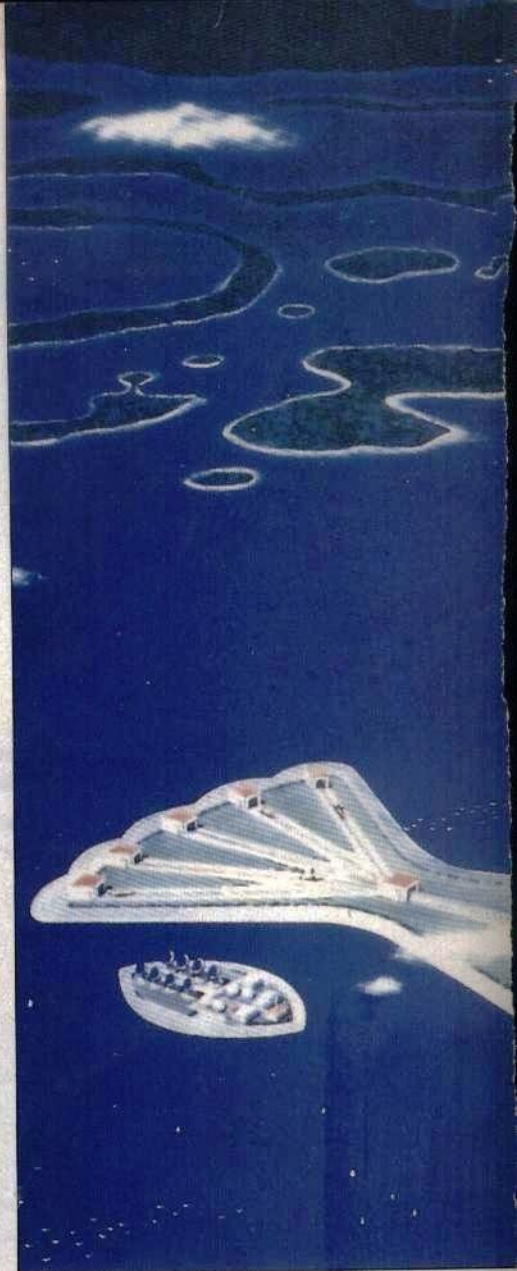
O sucesso comercial dos livros de Castaneda é um dos resultados de sua *impecabilidade* na arte da espreita. Pode parecer que ele esteja, como dizia Jesus Cristo, simplesmente jogando suas pérolas aos porcos — e, em nosso mundo, como se sabe, porco é o que não falta. Mas Castaneda é, de fato, um mestre, deve saber o que está fazendo. As conseqüências de sua magia, de sua espreita, ainda são imprevisíveis. Prestem atenção.

VIVEREMOS ASSI

Cidades imensas e ultramodernas embaixo da terra, gigantescas urbes situadas a mais de um quilômetro de altura acima do nível do mar ou cidades flutuantes no oceano. Essas são algumas das alternativas que os japoneses têm imaginado para minimizar o problema de falta de espaço e racionamento nas cidades. A porta da habitação do futuro está aberta.

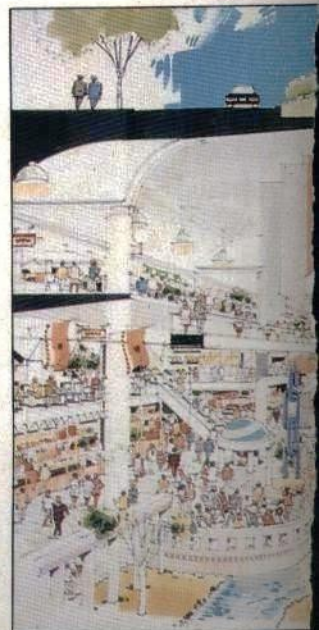
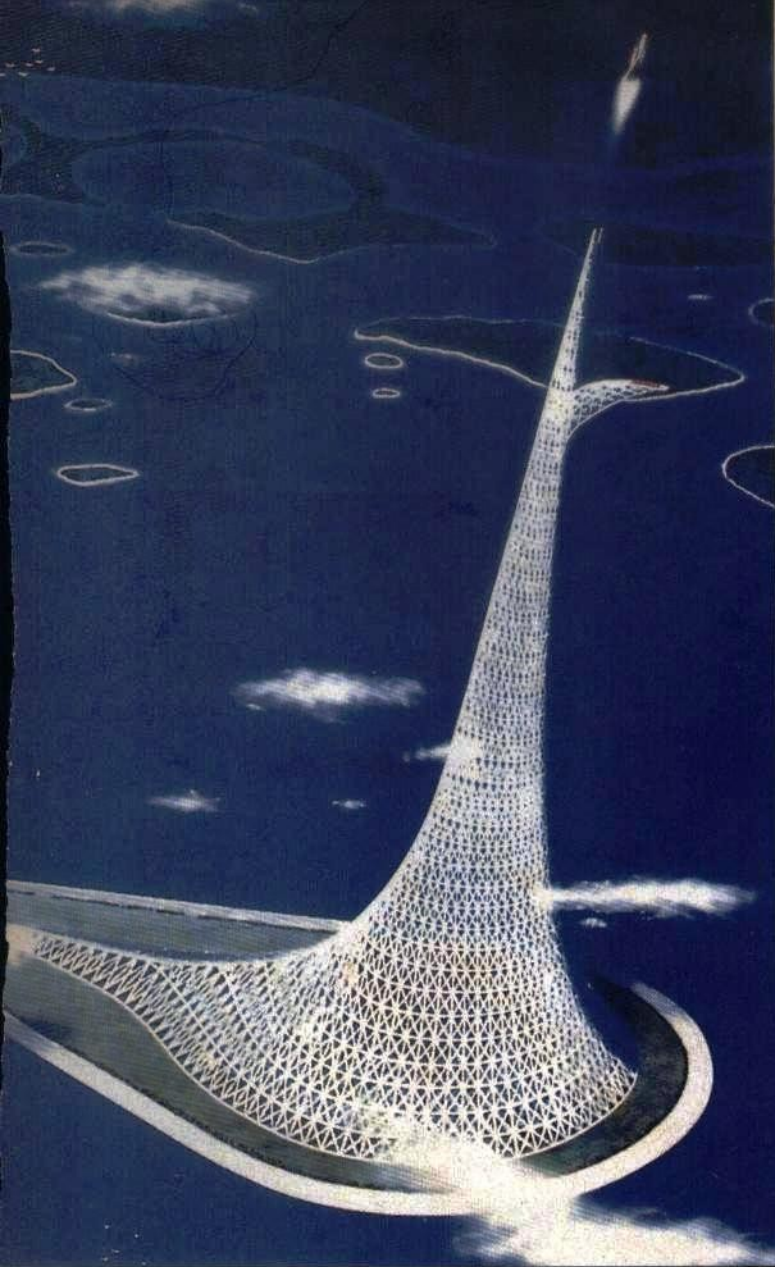
Alejandro Sacristán

Um elevador ultramoderno desce carregado de pessoas; em questão de segundos as portas se abrem e diante dos olhos se estende um oásis futurista — um parque com grandes árvores e rios de águas límpidas, onde as crianças brincam tranqüilamente. Alguém olha para cima, procurando instintivamente a luz do sol, mas o céu está mais distante do que de costume e entre ele e o parque há imensas cúpulas de cristal transparente, edifícios verticais e autopistas, controladas por computador, que descem em espiral. Estamos a 2000 metros abaixo da superfície da terra.

Não se trata do roteiro de um filme de ficção científica. É o Japão do ano 2010. Assim serão as cidades subterrâneas, desenhadas até os mínimos detalhes pela companhia construtora *Taisei Corporation*. Trata-se de um sonho alucinante: construir cidades verticais, e não horizontais. Até os céus (*Alice City*) ou até o centro da terra (Aerópolis). E tudo isso conservando a paisagem de bosques e montanhas, próprios do país do Sol Nascente. Esta seria a única solução para os cruciantes problemas de espaço dos nipônicos.

M NO FUTURO?

Os engenheiros da empresa de construção japonesa Taisei projetaram uma rede de cidades subterrâneas para aproveitar até dois quilômetros de profundidade no subsolo

Explosão demográfica e caos

A população japonesa é, em número, a metade da população norte-americana; todos esses japoneses — mais de 122 milhões — vivem em um espaço vinte e cinco vezes menor do que os EUA, o equivalente ao estado de Montana. Esta comparação entre as duas grandes potências econômicas não é gratuita. O Japão enfrenta um grave problema, é o país industrializado que tem a maior densidade demográfica: 323 habitantes por quilômetro quadrado. Acrescente-se a isto o fato de ser um país muito montanhoso, onde os terrenos planos representam apenas 12% da superfície total. É a zona com a maior atividade sísmica do mundo e, além disso, é cheia de vulcões, muitos deles ainda em atividade.

Isto é o Japão, mas se por exemplo, nos fixamos na megalópole costeira de Tokaido, um corredor urbano de 500 quilômetros que percorrre Tóquio, Osaka, Kobe e Kioto, nos depararemos com problemas de toda ordem: poluição, tráfego, especulação do solo, entre muitos outros. Tóquio é a cidade mais poluída do mundo (ao lado da Cidade do México) e em dez anos terá atingido a cifra de 17 milhões de habitantes, o que resultará numa velocidade média de trânsito de 5 km por hora e os trens, nas horas de pico, deverão circular com 300% da sua capacidade. Tóquio se parecerá mais com uma caótica cidade do terceiro mundo do que com a capital do mais próspero império econômico e financeiro do mundo.

As cidades em baixo da terra, ou Alice Cities, disporão de numerosos espaços destinados ao lazer, onde haverá parques e rios como os da superfície

Se chegará às cidades subterrâneas, protegidas por uma cúpula de cristal, através de autopistas em espiral; as cidades flutuantes disporão de aeroportos próprios.

A *Taisei* nos convida a entrar na cidade subterrânea. Em uma primeira fase, a construção descerá 500 metros. A *Cidade de Alice 1* (que assim é chamada) apresenta uma enorme estrutura de gigantescos tubos horizontais e verticais, capazes de resistir a grandes pressões geológicas, sísmicas ou térmicas. Nas palavras do engenheiro Tetsuya Hanamura, criador do projeto *Alice*, as cidades subterrâneas "terão ruas com cafés e terraços; áreas de lazer e zonas verdes. A sonorização interior difundirá ruídos de cascatas e o ar terá cheiro de vegetação".

A idéia da *Taisei Corporation* é fazer um conjunto de cidades subterrâneas, cada uma delas localizada em um imenso espaço arejado, sob cúpulas e tetos transparentes. As diferentes *Alice Cities* estarão conectadas entre si por um sistema de trens com propulsores magnéticos. Cada cidade — que crescerá até as profundezas — é projetada para ser auto-suficiente, com sistemas geradores de energia próprios. Mesmo que alguns edifícios e estradas possam permanecer sobre o solo, a maior parte da superfície seria destinada à construção de parques públicos e bosques, conservando, deste modo, a natureza, e criando uma reserva ecológica em um planeta cada vez mais contaminado.

Como a Alice, de Lewis Carroll, Tetsuya Hanamura — urbanista e visionário — propõe uma descida ao mundo subterrâneo no ano 2000. O lugar é o Japão, possivelmente perto da costa de Shikoyu, a oeste de Osaka. O primeiro reino das profundezas, que poderia ser ocupado até o ano 2004 por mais de 120.000 pessoas, seria o embrião de um mundo subterrâneo com dezenas de cidades ligadas por túneis e elevadores magnéticos, onde se desceria por auto-estradas em espirais desde a superfície.

Com projetos como este, os japoneses parecem ter encontrado uma solução para utilizar o escasso espaço que têm para construir em seu país. Com dois objetivos: progredir na liderança econômica mundial e alcançar um desenvolvimento paralelo, preservando o meio ambiente e suas tradições culturais.

Os planos de Alice City

Cada *Cidade de Alice* será dividida em três setores: na área da cidade propriamente dita serão construídos autênticos bulevares subterrâneos e espaços abertos, como praças e terraços, livres do barulhento tráfego automobilístico. Estes bairros, além das zonas residenciais, estarão equipados com modernos centros comerciais e sofisticados complexos esportivos e de lazer.

Na zona dedicada aos escritórios, se localizarão os arranha-céus", junto a centros comerciais, hotéis e uma grande quantidade de apartamentos. Os escritórios, ligados entre si por elevadores expres-

sos estarão situados sob amplos tetos transparentes que filtrarão a luz solar e, através de espelhos, a farão chegar aos pontos mais ocultos dos "arranha-céus", para impedir a sensação de claustrofobia.

Separados da zona residencial e da área dos escritórios, se situarão os centros de infra-estrutura. Dentro de cilindros e túneis gigantescos haverá mecanismos geradores de energia, sistemas de calefação e refrigeração e os dedicados à reciclagem do lixo e à filtragem da água.

Mas os projetos de cidades debaixo da terra não se limitam à *Taisei*. A *Shimizu Corporation*, por exemplo, lançou a proposta da *Urban Geo Grid*, onde as cidades são cavernas unidas por uma infinidade de túneis. As cidades-cavernas estão separadas por *Estações Grid*, que são pontos de abastecimento e lazer. Construir uma *Urban Geo Grid*, que poderia chegar a ter uma população de meio milhão de pessoas, custa aproximadamente 80 bilhões de dólares, quase o dobro do preço da estação orbital que se pretende criar para o ano 2010.

Os homens-pássaro

bano e a deterioração ecológica, mas também poderão ser muito seguras nos terremotos. Os movimentos da terra durante um sismo duram menos debaixo da terra do que na superfície, e no subsolo tem menor intensidade. Também a temperatura embaixo da terra permanece quase constante. Este fato reduziria o uso de combustíveis nas cidades subterrâneas, questão muito importante dado o forte déficit petrolífero que sofre o Japão.

Por outro lado, como se sabe, o subsolo já é utilizado no Japão como um espaço útil. Por exemplo, o edifício da nova biblioteca Nacional conta com oito andares subterrâneos. Com facilidade, muitos outros serviços de uma cidade podem funcionar sob a superfície, como avenidas importantes, cinemas, centros comerciais e escritórios.

Isto é o que sugere o projeto *Anglade*: polígonos industriais que normalmente se encontram circundando as grandes cidades, em forma de cinturão, podem ser construídos em baixo da terra. Com isto, o parque industrial de Tóquio e seus arredores ficariam enterrados sob a meseta continental, onde robôs e unidades de produção automatizadas realizariam as tarefas principais.

Sobre as cidades subterrâneas de *Alice*, embora a maioria dos espaços esteja coberta por bosques e parques, também se encontram os "arranha-céus". Trata-se de torres de um quilômetro de altura, plataformas de dois mil metros de altitude sobre as quais se construirão "pequenas" cidades de 150.000 habitantes. São as *aerópolis*.

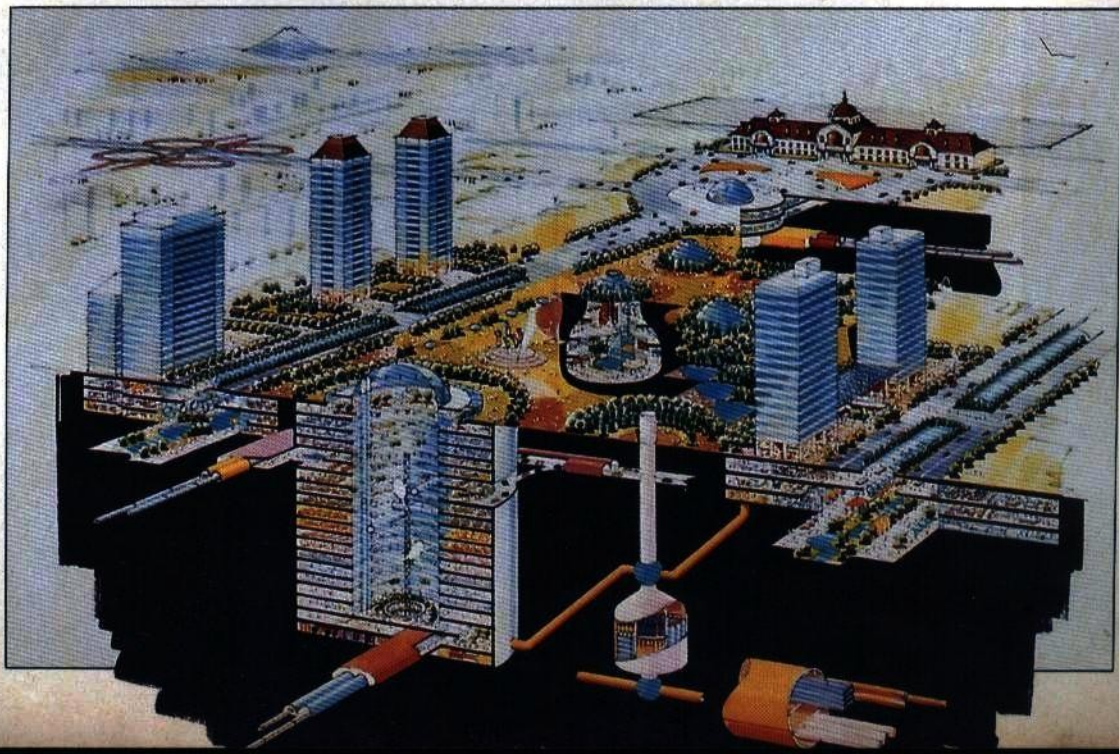
Os homens-pássaro viverão e se moverão principalmente na vertical, em elevadores de propulsão magnética dotados de um sistema que permitirá ao organismo se habituar à mudança de pressão atmosférica. Nos edifícios de um quilômetro de altura a vida será auto-suficiente. O transporte será realizado, seguramente, com um trem que se deslocará como uma escada em caracol.

Todos os níveis de moradia serão miniedifícios de dez a vinte andares, formando um círculo ao redor de uma praça-parque. Os outros níveis serão reservados para escritórios, lojas, centros de diversões ou espetáculos esportivos. As últimas descobertas da tecnologia anti-sísmica devem ser suficientes para garantir a segurança destas macroestruturas aéreas.

A alternativa flutuante

Tetsuya Hanamura nega que a terra retirada para construção, das cidades subterrâneas vá servir para aterrar a baia de Tóquio e construir ilhas artificiais. Este é o sonho de outro engenheiro e visionário japonês: Kisho Kurokawa.

Segundo Kurokawa, no ano 2016 estará terminada uma cidade de

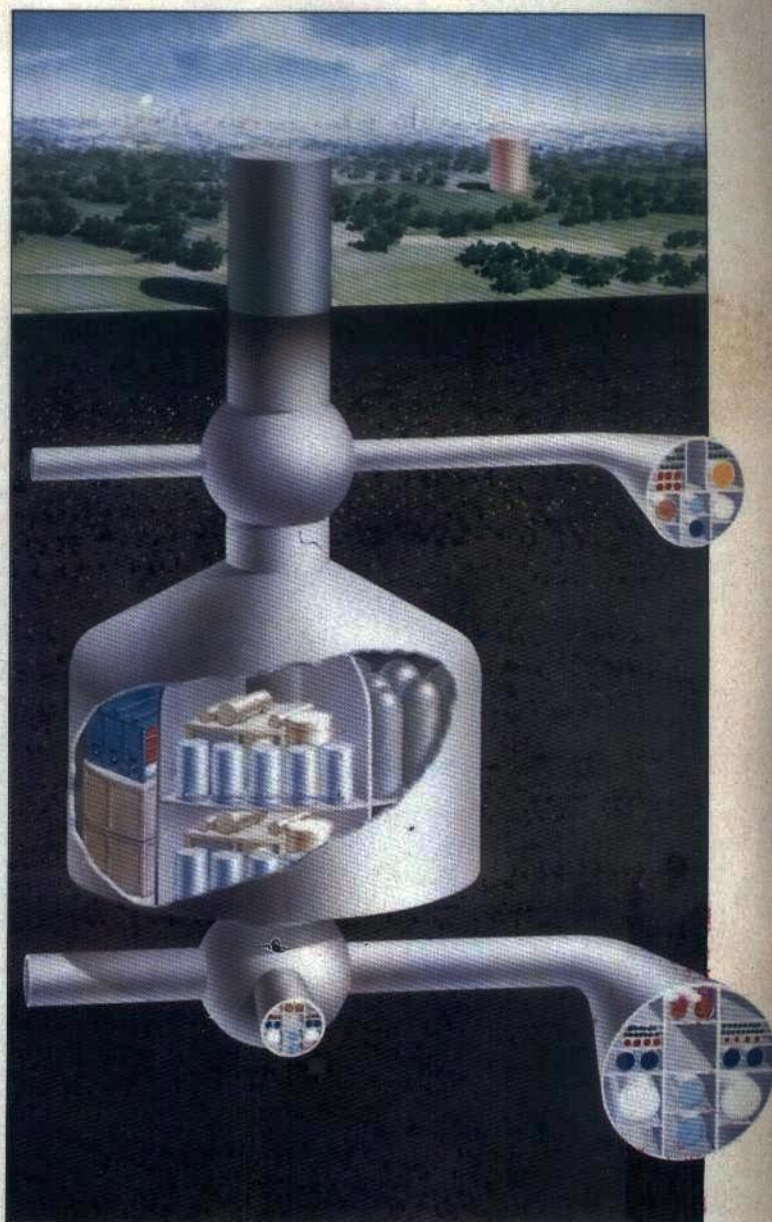
A construção de cidades debaixo da terra é uma das alternativas que os japoneses encontraram para solucionar o cruciante problema da superpopulação em suas cidades

aço e cristal sobre a baía de Tóquio. Um total de 30.000 hectares sobre o mar, unidos por vários túneis subterrâneos e autopistas regulados por computador e trens magnéticos viajando a mais de 300 quilômetros por hora, que ligarão esta ilha artificial, com possibilidades de habitação para 5 milhões de pessoas, com Tóquio e arredores. A construção desta gigantesca ilha artificial será a tábua de salvação que necessita a capital japonesa para evitar a sua total deterioração. É um projeto que modificará radicalmente o meio ambiente. Serão transportadas montanhas de materiais e a ilha será ligada a Tóquio através de túneis e pontes, se alterarão as correntes marítimas e a vida dos habitantes do mar. A outra alternativa, segundo Kurokawa, é a lenta, porém progressiva, metamorfose de Tóquio em uma selva de asfalto desprovida de significado humano.

As possibilidades utópicas não param por aí: o engenheiro e professor Terai idealizou *Aquópolis*, uma gigantesca cidade semiflutuante com capacidade para abrigar um milhão de pessoas. *Aquópolis* constaria de quatro níveis de cinco por cinco quilômetros cada um. A estes enormes quadrados, serão acrescentadas as pistas do aeroporto internacional preparado para o tráfego e aterrissagem de aviões supersônicos.

Aquópolis é uma cidade futurista completamente informatizada. Estará situada à 120 quilômetros de Tóquio, sobre o oceano Pacífico e disporá de um rápido serviço de lanchas-anfíbias. Dez mil pilotis articulados suportarão a impressionante estrutura de *Aquópolis*, dotados de sensores hidráulicos que se autonivelarão no caso de movimento de terras.

Afastados das zonas residenciais e dos espaços dedicados aos escritórios e apartamentos, se localizam os centros de infra-estrutura, dentro de gigantescos cilindros e enormes túneis

O novo urbano

As mudanças anunciadas por engenheiros e arquitetos japoneses não param de nos surpreender. Viver sobre a água pode ser viável, mas é possível que o homem possa se acostumar a um novo habitat um quilômetro acima ou abaixo da camada terrestre?

Afinal de contas, os novos cidadãos passarão a maioria dos seus dias em *Alice City* ou em *Aerópolis*, do mesmo modo que nós vivemos a maior parte de nosso tempo em nossa cidade, que só deixamos nos fins de semana ou em períodos de férias. Segundo Tetsuya, em *Alice City* "não haverá a sensação de se estar enterrado; a quantidade de luz natural será a mesma de qualquer cidade normal, ou até mais. As paredes e as cúpulas serão transparentes e um sistema de espelhos e fibras óticas levará a luz do dia, captada na superfície, a todos os cantos da cidade. Imaginaremos sem dificuldade que estamos sobre o solo, ainda que, na realidade, nos encontremos embaixo dele".

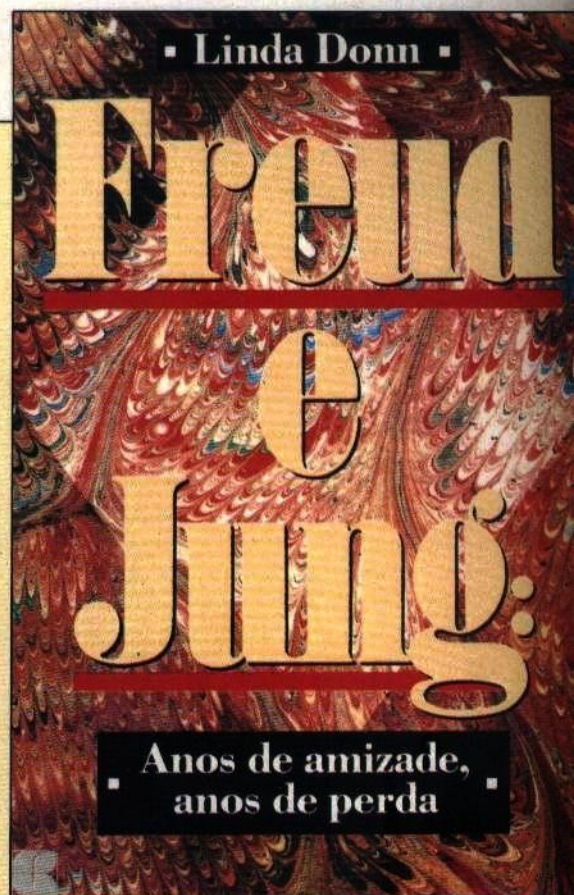
Uma das razões que levaram os japoneses à idéia de descentralizar Tóquio e diversificar as grandes indústrias e corporações, é a ameaça sismológica que, ciclicamente, se abate sobre o país do Sol Nascente, e particularmente a capital. Um terremoto como o que destruiu Tóquio em 1923, paralisaria o Japão e, por extensão, o mundo inteiro. Ocorreria uma grande recessão econômica mundial.

Talvez as palavras de Forrest Ackerman sobre o filme *Metrópolis* de Fritz Lang venham a ser a palpitante atualidade: "Bem-vindo à Metrópolis, minha cidade. A mais fabulosa e apaixonante que existe sobre a face da Terra e sob a Terra. Londres, Los Angeles, Nova Iorque, Paris, Berlim Tóquio... Todas mescladas e fundidas em uma". O futuro já chegou, está no Japão.

LIVROS

Conflito psicológico Psicologia

"Escrito por uma doutora em Psicologia pela Sorbonne e pela *New School for Social Researck* (Nova Iorque), este livro não se limita a considerações acadêmicas e recoloca *vivos*, diante de nós, dois gigantes do pensamento ocidental, vistos em sua intimidade, suas angústias e incertezas, através de cartas, documentos, entrevistas com parentes e colegas, amigos e inimigos, revelandonos — e tom adequadamente dramático — as causas e as conseqüências de um conflito de fundamental relevância para a história científica e cultural deste século." (Ênio Silveira - editor).

Com uma narrativa fluente, e estudo de Linda Donn inclui entrevistas com filhos de Freud e Jung, transcrição de cartas trocadas entre eles, e depoimentos de amigos e inimigos.

Freud e Jung: Anos de amizade, anos de perda, de Linda Donn, 358 páginas, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro - 1991.

Equilíbio yin e yang

Segundo Chris Griscom, muitas pessoas sentem-se frustradas por imposições sociais e valores restritivos que determinam o que é masculino ou feminino. Essas imposições geram contradições, medos e problemas desnecessários ao indivíduo. Na verdade, diz Chris, somos masculinos e femininos ao mesmo tempo.

A autora sugere aos homens que aceitem a força do sexto sentido, das percepções e da energia yin. O mesmo vale para as mulheres que não exploram a potencialidade yang. O feminino e o masculino não são polaridades separadas, mas energias que fluem uma de encontro a outra.

Psicóloga e escritora, Chris é fundadora do instituto da Luz e da Escola Nizhoni de Consciência Global, no Novo México (EUA). Ficou mais conhecida como guru espiritual de artistas como Shirley Maclaine.

A fusão do feminino de Chris Griscom, 214 páginas. Editora Siciliano, São Paulo - 1991.

Do nome à alma

Depois de publicar cinco livros sobre Astrologia, Anna Maria Costa Ribeiro apresenta, pela primeira vez, seus conhecimentos de Numerologia. Estruturado como um manual para leitura rápida, *Prática da Numerologia* não esgota o tema, mas permite a qualquer um compreender o valor numérico das letras de seu nome, que está ligado à imagem que se passa para os outros e aos desejos internos.

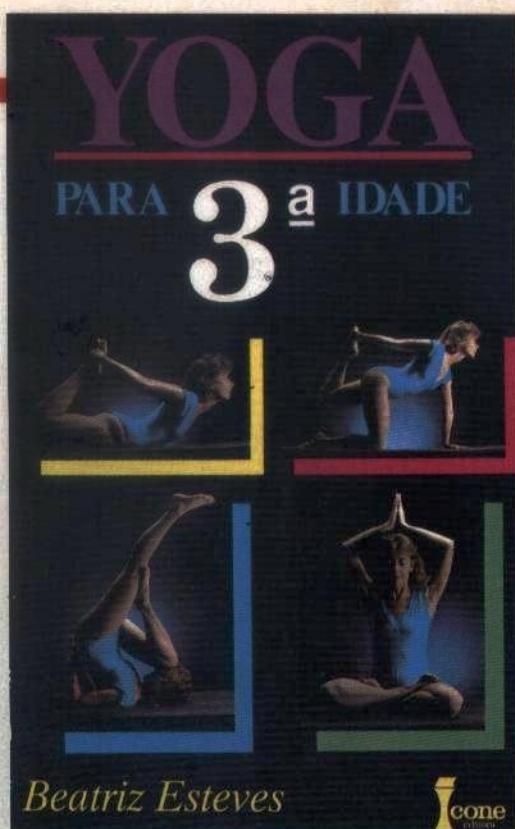
A autora não recomenda que o leitor altere o próprio nome em busca de melhor sorte. Segundo ela, não existem números bons ou maus, mas números bem ou mal vividos. E avisa: "Se você tem um nome é porque tinha que tê-lo."

Anna Maria Ribeiro tem exposto suas idéias relacionando astrologia com ufologia, doenças (inclusive Aids) e condições de morte. Este novo manual foi escrito a partir do esoterismo tradicional e uma pratíca de vinte anos da autora. Pode ser encontrado em grandes livrarias ou encomendado pela caixa postal 44176, CEP 22060.

Prática da Numerologia, de Anna Maria Costa Ribeiro, 93 páginas, Editora Hipocampo, Rio de Janeiro - 1991.

Ioga para idosos

Trata-se de um manual de Hatha Ioga escrito por Beatriz Esteves para pessoas idosas. Sua prática procura manter coração e pulmões em boas condições, fortalecer músculos e ossos, dar flexibilidade às articulações e ligamentos, ajudar a controlar a pressão arterial e o diabetes e eliminar cristais e toxinas que se acumulam nas articulações.

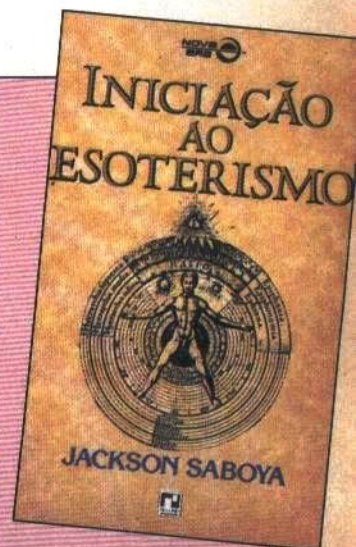
Das inúmeras técnicas de Hatha Ioga, o manual cita exercícios físicos ou posturas (Asanas); exercícios respiratórios (Pronayamas), relaxamento (Ioga Nidra), concentração (Dharana) e meditação (Dhyana).

A autora é professora de ioga e trabalha no Departamento de Geriatria do Hospital das Clínicas e na Federação dos Cegos Laboriosos, além de dar cursos no Sesc-Pompéia, em São Paulo.

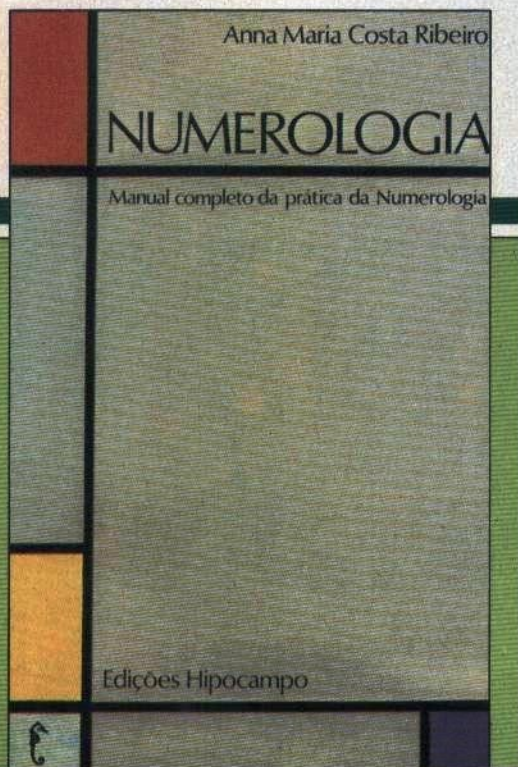
O livro é acompanhado por uma fita cassete.

Yoga para 3.ª idade de Beatriz Esteves, 141 páginas. Editora Cone, São Paulo - 1991.

Primeiro passos

Iniciação ao Esoterismo inaugura uma série de livros introdutórios que pretendem revelar noções básicas dos conhecimentos ocultos, resgatando a natureza mística e espiritual do ser humano que vive no limiar da Nova Era.

O livro de Jackson Saboya não apresenta fórmulas feitas, sagradas ou profanas, nem pretende determinar caminhos a serem seguidos. Sua principal intenção é despertar a simpatia dos interessados na história do discursos hermético. Incentivando a busca por um saber que atenda às necessidades espirituais do mundo atual, Saboya mostra ao leitor que a harmonia resulta da analogia dos contrários, logo do rompimento com dogmas estabelecidos.

Iniciação ao Esoterismo de Jackson Saboya, 140 páginas, Editora Record, Rio de Janeiro - 1991.

Anna Maria Costa Ribeiro
NUMEROLOGIA
Manual completo da prática da Numerologia
Edições Hipocampo

Crise e criatividade

Descrevendo como entender e agir na revolução por que passa o mundo atual, o livro *Ponto de ruptura e transformação* de George Land e Beth Jarman complementa o cenário construído pelo *Ponto de mutação* de Fritjof Capra e *O despertar da Terra* de Peter Russell e trata das dúvidas que surgem num momento como este.

Que tipo de mudanças vão ocorrer? Qual será sua rapidez? Qual será o resultado disso tudo? Como poderemos assimilá-lo de uma maneira enriquecedora? São indagações analisadas pelos autores. Eles desejam indicar os instrumentos e habilidades pessoais necessários para lidarmos com as transformações que já estão se processando. E a chave para o êxito estaria na criatividade.

Ponto de ruptura e transformação de George Land e Beth jarman, 223 páginas. Editora Cultrix, São Paulo - 1991.

DISCOS

Sem ironia

Com seu disco *Contatos*, o cantor e compositor Eduardo Dusek pretende desligar-se, ao menos por enquanto, do humor sarcástico que marcou sua música na década de 80. "Hoje não tem mais sentido", diz. Trata-se de seu primeiro disco desde que tornou-se membro da doutrina do Santo Daime.

Há uma nítida diferença entre os trabalhos anteriores e *Contatos*, que tem uma abordagem mais espiritualizada da vida. "Eu sempre tive esse lado, hoje entende-se melhor quando alguém fala disso", conta Dusek. Ele compreendeu no Daime que a grande sabedoria está na prática da simplicidade, inclusive melódica.

Ao mesmo tempo, suas composições estão mais otimistas. "A realidade em si é pesada. A arte precisa superá-la de uma maneira que energize as pessoas", explica.

Contatos, de Eduardo Duzek, Eldorado, São Paulo - 1991.

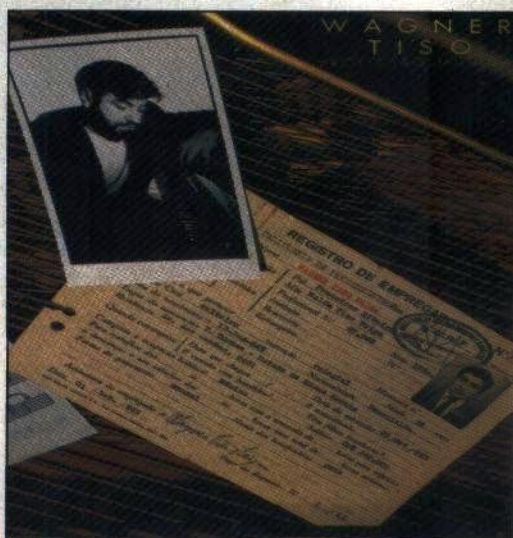
New age acústico

Depois de lançar *Manú Çaruê, Uma aventura holística* (88) e *Baobá* (90), discos que exploram as possibilidades da eletrônica e sons tradicionais, Wagner Tiso apresenta *Profissão: Música*. Criador no Brasil do conceito de música holística, o compositor mineiro desta vez fixou-se no piano.

Não há em *Profissão: Música* o tradicional arranjo para cada instrumento. "Os músicos tocam em função de uma criação do piano", explica Wagner Tiso. E brinca: "Holístico dessa vez foi o processo de escolha do repertório." As músicas, nenhuma dele próprio, foram selecionadas a partir de sugestões de amigos como Toninho Horta, Sérgio Carbral e Mauro Rasi.

No estilo new age mais explícito, estão os improvisos de *mulher rendeira* e o *Trenzinho caipira* executados em duo com Egberto Gismonti. Também participam do disco alguns dos melhores instrumentistas do país.

Wagner Tiso retorna dos EUA em fevereiro para excursionar pelo Brasil até o fim de março.

Profissão: Músico, de Wagner Tiso, Polygran, Rio de Janeiro - 1991.

[1] **O CAMINHO DOS ESSÊNCIOS** – A Vida Oculta de Cristo Relembrada – Anne e Daniel Givaudan
Livro marcante sobre a importância do povo essênio na preparação da Missão do Cristo na Terra. Os Anais de Akasha. A interpretação da Aura na visão essênia. 378 págs. **Cr$** 17.680,00

[2] **AS TRADIÇÕES CELTAS** – A Doutrina Iniciática do Ocidente – Robert Ambelain
O consagrado autor nos revela as tradições da única religião surgida no Ocidente. O alfabeto rúnico. Os monumentos e registros culturais do Celtismo. A concepção da Origem do Mundo segundo os Druídas. Ilustrado. 240 págs. **Cr$** 12.680,00

[3] **O LIVRO DE NETUNO** – O Etéreo e o Espiritual Refletidos no Subconsciente – Marilyn Waran
O planeta da compaixão e do sentimento analisado em livro de profunda inspiração e sabedoria. Netuno e os aspectos não concretos. A análise dos aspectos com outros planetas. 257 págs. **Cr$** 12.680,00

[4] **PÊNDULO** – Sua Utilização Prática e Fácil – Tom Graves
Como perguntar corretamente ao Pêndulo, como evitar a manipulação das respostas. A integração da Radiestesia à Física moderna. O autor revela, em narrativa simples, a conexão entre o uso do Pêndulo e a mente. 128 págs. Ilustrado. **Cr$** 8.980,00

[5] **A MAGIA DOS CRISTAIS** – A Descoberta Consciente do Poder das Pedras – Kevin Sullivan
Contendo um guia de A a Z do uso e do poder de cada pedra de cura, esta obra nos revela os cuidados na utilização dos cristais, os exercícios de energização e a inter-relação com o Zodíaco. 141 págs. **Cr$** 10.980,00

[6] **COMO ENTRAR EM CONTATO COM SEUS GUIAS ESPIRITUAIS ATRAVÉS DA CANALIZAÇÃO** – Kathryn Ridall
Todos podem canalizar? Que cuidados tomar? O que podemos esperar de nossos aconselhadores do Astral. Como podemos dirigir nossas vidas ao encontro da harmonia e nos transformarmos em "canais" emissores de energia positiva. 148 págs. **Cr$** 8.980,00

[7] **VIAGEM AO SEXTO SENTIDO** – A Descoberta do Mundo Esotérico.
– Shelley Von Strunckel
32 assuntos esotéricos analisados com clareza, orientações sobre como proceder junto aos estudiosos e profissionais de cada área. Numerologia, Devas e Elementais, Poltergeist, Cristais, Canalização, Fisiognomonia, Magia, Tarot, Astrologia, Quiromancia e mais 20 temas descritos em linguagem fácil e acompanhados de glossário das principais terminologias. 230 págs. **Cr$** 10.980,00

[8] **O EQUILÍBRIO DA ENERGIA ESTÁ NO SALTO DO TIGRE** – Virgínia Cavalcanti
Já em sua 8ª edição, este guia de utilização dos cristais nos ensina como programar as pedras, sensibilizar os chacras e quais as formas mais eficazes de utilização dos cristais. Texto fascinante. Ilustrado. Traduzido na Espanha e na França. 120 págs. **Cr$** 8.680,00

Na compra de 3 livros Desconto de 10%

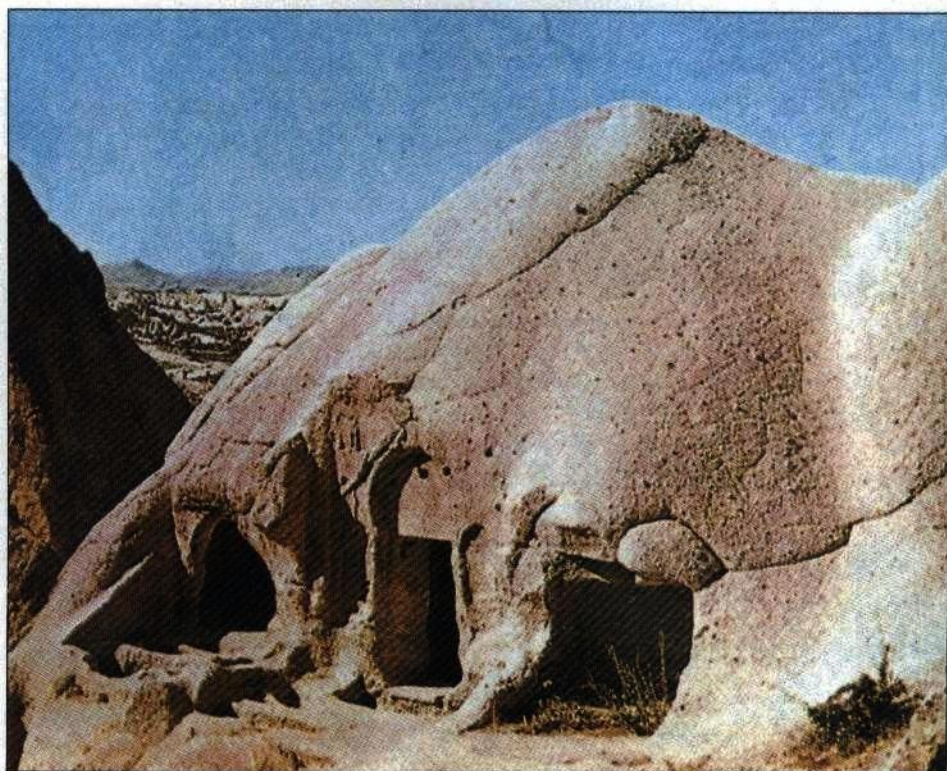
Preços válidos para os pedidos remetidos até 31/12/91

Historiadora afirma que cristianismo primitivo não era bem assim

OS EVANGELHOS GNÓSTICOS DE NAG HAMMADI

Heloisa Cardoso da Silva

do Grupo de Estudos C. G. Jung e do Centro Brasileiro de Psicologia Junguiana

Jesus teve irmãos? Teria ele passado ensinamentos ocultos que não os relatados nos textos oficiais aceitos pela Igreja Católica? Jesus amou Maria Madalena não apenas como amigo? Houve um cristianismo esotérico nos primeiros anos de nossa era? Essas e outras questões finalmente encontraram novas respostas com a divulgação ao público dos 13 livros de papiro encontrados por pastores egípcios em cavernas do Alto Nilo, depois da Segunda Guerra Mundial.

Os evangelhos gnósticos foram achados num cemitério da época romana em Nag Hammadi, no Alto Egito, em bom estado

Elaine Pagels explica, no livro *Os Evangelhos Gnósticos*, lançado este ano, a sensacional descoberta em Nag Hammadi, no Alto Egito, em dezembro de 1945, de treze livros de papiro, encadernados em couro, contendo 52 textos — chamados códices — em copta. Escritos por volta dos séculos 4 ou 5 da era cristã, eles se referem a escritos mais antigos dos anos 50 a 100 d.C., contemporâneos, portanto, dos apóstolos evangelistas.

A descoberta, acidental, foi feita por pastores em uma das 150 cavernas do Monte JABAL al-TARIF, que deram com o achado em um pote vermelho de cerâmica, de um metro de altura.

Procurados pela polícia por terem vingado a morte do pai, os pastores entregaram o material à guarda do sacerdote al-Qummus Basiliyus Abd al-Masih. Este não conseguiu impedir que um professor de História, vendo um dos livros, o enviasse ao Cairo, onde foi vendido no mercado negro. Alertado, o governo egípcio adquiriu um e confiscou dez e meio dos 13 livros, que ficaram, en-

tão, no Museu Copta do Cairo.

O 13.º códice, composto de cinco textos, contrabandeado para os Estados Unidos, acabou sendo adquirido por Gilles Quispel para a Fundação JUNG de Zurique, pelo que ganhou o nome de Códice JUNG, em homenagem ao Pai da Psicologia Analítica.

Um sem número de empecilhos políticos e litígios diversos retardou o conhecimento público do material de Nag Hammadi, ao contrário dos pergaminhos do Mar Morto, conhecidos já há vinte e cinco anos.

Finalmente publicada

A coleção foi finalmente nacionalizada em 1952 e, após dez volumes terem saído em edição fotográfica, entre 1972 e 1977, a primeira edição bilíngüe copta/inglês só foi editada pelos esforços da UNESCO, que para isso constituiu uma comissão internacional. O Evangelho de São Tomé, do Códice JUNG, fora publicado ainda em 1959, mas é só na década de 80 que é organizada a Bibliografia de Nag Hammadi, por D.M. Scholer, atingindo 4 mil títulos entre livros, edições, resenhas, artigos, etc.

Os textos secretos eram um conjunto de poemas, descrições semifilosóficas, mitos, rituais de magia e instruções para a prática mística. Alguns dos principais textos podem ser citados:

a) Evangelho segundo Tomé — texto secreto em que, segundo Quispel, aparecem outras dimensões de significado para os atos e a mensagem de Jesus. Dataria de 140 d.C., aproximadamente.

b) Evangelho de Felipe;

c) Apocryphon (quer dizer: livro secreto) de João, revelando os mistérios de Jesus;

d) Evangelho da Verdade, poético e evocativo, atribuído a Valentino, um dos mais famosos gnósticos, contém uma bela metáfora de Jesus preso à cruz, percebida como árvore, cujo fruto — Jesus — é a própria gnose ou conhecimento de Deus;

e) Evangelho dos Egípcios ou o "Livro Secreto do Grande Espírito Invisível";

f) Livro Secreto de Tiago;

g) Apocalipse de Paulo;

h) Epístola de Pedro a Felipe, com uma versão diferente da crucificação, falando inclusive de Jesus, o Vivo;

i) Tratado sobre a Ressurreição, considerada não como aparição ou fantasia, etc.

Interpretação diferente do Cristianismo

Pagels considera o conteúdo da maioria dos textos nitidamente cristão ao lado de outros de fonte pagã ou ligados à tradição judaica. De que tratavam estes textos? Diz a autora: "Vamos ouvir o que os próprios hereges tinham a dizer".

E ela fala do que possuíam em comum os diferentes textos: uma nova interpretação da ressurreição de Jesus; a organização da autoridade igualitária, incluindo a participação da mulher; uma outra concepção do martírio; mas, sobretudo, um tipo diverso de relacionamento entre Homem e Deus, revelado no interior de cada um, fonte autêntica da verdade, sem a necessidade do intérprete autorizado, no que se constituíra a hierarquia apostólica oficial.

Os textos em copta estavam escondidos em um pote vermelho de cerâmica

Tal hierarquia, talvez a única forma de preservar a Igreja que então se formava, reagiu prontamente, e, em 367, Atanásio manda eliminar os apócrifos, considerados heréticos. Não eliminados, mas apenas escondidos e tendo vindo à luz, numa época de tolerância religiosa e cultural, tais textos têm muito a dizer sobre as origens do cristianismo, a grande diversidade de correntes que à época existiam e a disputa entre as duas maiores: a gnóstica e a oficial.

Que novidade eles nos trazem? Teria tido Jesus um irmão gêmeo — Judas Tomé? Teria Jesus amado a Maria Madalena diferentemente do que aos outros discípulos? Teria sido a concepção de Jesus realmente imaculada? Teria havido a ressurreição corporal ou teriam os discípulos visto Jesus através de visões, sonhos e êxtases? Se Madalena foi a primeira a vê-lo após a ressurreição, por que não foi acreditada? Que mistérios e coisas ocultas foram revelados por Jesus, o Cristo, como espírito intelectual, pleno de luz radiante? Qual o verdadeiro papel da serpente ao apontar a árvore do conhecimento, se não o de ter simbolizado a própria sabedoria divina? Que influências orientais, quiçá indianas, sofreu o cristianismo com a ida de Tomé para Índia?

Em suma, as três premissas básicas — a) o cânone do Novo Testamento; b) o credo apostólico; c) as formas específicas da instituição eclesiástica — parecem não ter sido aceitas por todos aqueles que se incluíam entre os cristãos. Assim, permanecem algumas questões instigantes como as relações entre o gnosticismo e a filosofia helênica; quem teria feito a seleção de textos, aceitando uns, rejeitando outros, e por quais motivos? Quais os critérios que definiam o que era ortodoxo, oficial e o que era herético e inaceitável? O que tornava os gnósticos tão perigosos? Como definir a fonte da autoridade religiosa das Escrituras, dos rituais e do clero em geral? E, a maior de todas, quem foi, realmente, o Cristo?

Eis que a historiadora americana Elaine Pagels apresenta em seu livro o gnosticismo como uma vigorosa alternativa para a tradição ortodoxa. Conclui ela: "Só agora começamos a considerar as perguntas com as quais ele nos confronta".

NOVOS HÁBITOS DE CONSUMO

Ecomercado: o futuro verde

Bernardo Horta

Ecologistas, empresários, políticos e representantes dos principais movimentos ambientalistas internacionais concordam que sem uma transformação do comportamento e dos hábitos de consumo não será possível impedir a destruição do meio ambiente. Neste sentido, países como Alemanha e Estados Unidos já contam com um grande número de iniciativas que visam produzir e comercializar artigos não poluentes. Desde o processo de produção, passando pela forma de vendas, embalagem, até as conseqüências de sua utilização, a mercadoria passa por um rigoroso controle de qualidade antes de entrar para a seção de *produtos amigos do homem e da natureza*.

Em muitos países, há um número cada vez maior de *consumidores verdes*, ou seja, pessoas que se dispõe a pagar um pouco mais caro para não agredir o próprio corpo e o meio ambiente. Metade da população alemã, 37% dos americanos e 15% dos brasileiros já fazem parte deste grupo que, segundo as pesquisas, deve aumentar nos próximos cinco anos.

Tecnologia limpa

Confirmando esta nova tendência mercadológica, foi inaugurado recentemente no Rio de Janeiro o primeiro mercado ecológico da América Latina. Localizado no Centro Empresarial Rio, em Botafogo, o Ecomercado é o primeiro ponto de venda a varejo de equipamentos que funcionam à base de energia solar, com sistema de aquecimento hidráulico e placas fotovoltaicas, que transformam a luz do sol em energia elétrica. O objetivo é colocar à disposição do consumidor novas formas de aproveitamento das fontes de energia.

Na loja está à venda a linha de papéis reciclados do projeto Ecomarapendi, em forma de produtos acabados e papel bruto. O projeto, criado há dois anos pela Associação Ecológica Lagoa de Marapendi, recicla material coletado seletivamente do lixo, reduzindo os custos e inibindo o desperdício, um dos grandes males do consumidor brasileiro. Além disso, o mercado é um dos centros de coleta voluntária de material reciclável, como papel, alumínio e vidro. Quem leva um quilo de papel, por exemplo, recebe um vale que dá direito a comprar os produtos da loja, ao todo 300 ítens.

Marcos Guttmann

Beatriz Saldanha, coordenadora do projeto, com o deputado Carlos Minc e o vereador Alfredo Sirkis

Ecologia do futuro

No Ecomercado funciona a primeira livraria da cidade especializada em ecologia, com publicações sobre o assunto e material dos grupos ambientalistas brasileiros e internacionais. Desenvolvendo uma nova mentalidade quanto aos hábitos de consumo, na seção de alimentos e bebidas a loja propõe uma forma de vendas na qual o consumidor reutiliza suas próprias embalagens, reduzindo o preço final da mercadoria. O mel, por exemplo, é armazenado em grandes recipientes com torneiras de corte rápido, no qual o cliente pode se servir em qualquer quantidade.

Sem o ranço dos que ainda acham que preservar a natureza é viver no mato, longe da civilização, o mercado reúne artigos produzidos por multinacionais com produtos das reservas extrativistas da amazônia, mostrando que preservar o meio ambiente não é retroceder no tempo, e sim transformar o modelo de produção. Uma linha de camisetas com estampas ecológicas assinadas por artistas plásticos e bicicletas também estão à venda na loja, acompanhando a nova orla da cidade, com lugar para veículos que não soltam fumaça e cujo combustível é a atividade física.

Segundo a empresária Beatriz Saldanha, coordenadora do Ecomercado, trata-se de um projeto lucrativo, não filantrópico, que pretende reinvestir seus resultados em outras iniciativas do movimento ambientalista, para integrá-lo ao processo de produção do país. "É preciso despoluir o próprio homem para que se possa preservar o planeta, a partir de uma revisão do modelo de vida que levamos", conclui ela.

Marcos Guttmann

O Ecomercado é a primeira loja da América Latina especializada em tecnologia e produtos verdes

O drama de Marlon Brando:

UM CASO DE CARMA EXPLÍCITO?

Miguel H. Borges

Será lícito ver-se, em um caso específico como o da crise familiar do ator Marlon Brando, um exemplo de "aplicação prática" da Lei do Carma? Não cabe duvidar disso, até porque a natureza cármica do tecido daquilo que costumamos chamar de "realidade" manifesta-se em tudo. Ocorre que o sofrimento particular de Marlon e seus filhos perdeu o caráter de "mal secreto", problema comum a tanta gente, segundo o célebre soneto de Raimundo Correia. Revelada ou disparada por um fato criminal, a crise veio a público, como pública é a figura central do pai Brando.

Esta circunstância permite uma especulação fundamentada sobre certa ação do ator contra a família como forma social. Praticada há uns 20 anos, estaria tal ação repercutindo agora, com tamanho impacto, na vida do artista? O presente artigo pretende encaminhar o alinhavo de uma resposta a essa indagação. E é preciso ir por partes.

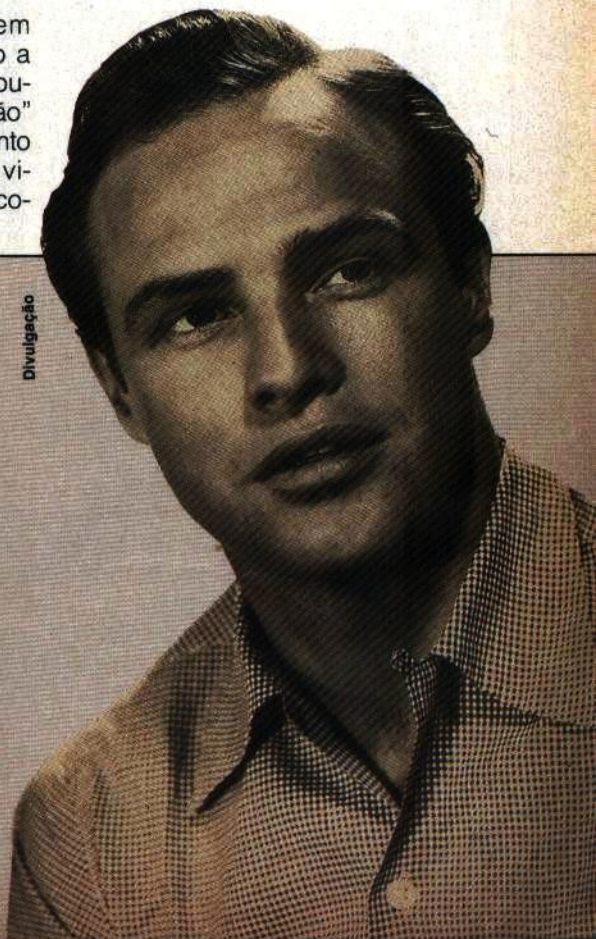
Certamente, das leis superiores da Natureza, o carma é a que mais diretamente tem a ver com o cotidiano da Humanidade e de cada indivíduo. No coloquial da sociedade moderna, voltada basicamente para a busca do bem-estar material, o vocábulo *carma* popularizou-se, massificou-se. O vulgo prefere entendê-lo como "choque de retorno", no sentido negativo, problemático e até catastrófico. Mas os mestres indicam que há carma negativo, carma positivo e carma neutro — este, o mais próximo do ideal de *saúde cósmica*, que seria o não-acréscimo de carga cármica. Ou seja, a sintonia com o inumerável conjunto das leis naturais, contornando-se ao máximo aquilo que é ao mesmo tempo um princípio da sabedoria das Idades e um dos fundamentos newtonianos da ciência moderna: "a toda ação corresponde uma reação de igual intensidade e em sentido contrário"

Com ou sem a reencarnação

Os grandes mestres são unânimes em proclamar: quem entender perfeitamente a Lei do Carma, decifrará o mistério da vida. Madame Blavatsky chama-a de "Lei da Retribuição", enquanto Henrique José de Souza, fundador da Eubiose, prefere chamá-la "da Causalidade", por oposição à "casualidade". É aliás significativo que as palavras "causal" e "casual" resultem de um anagrama, uma mudança na posição das letras, que as transforma em antônimos (opostos conceituais), conservando-as quase gêmeas no som e na grafia.

No entendimento religioso em geral, o carma é antes de tudo a grande lei moral que promove a "punição" dos "maus" e a "premiação" dos "bons". Como o funcionamento desse mecanismo nem sempre é visível no momento, costuma-se acoplar o carma à reencarnação: o castigo ou o prêmio que não se verificarem nesta vida, certamente não falharão na próxima. Ainda mais: se um ser humano, mesmo praticando o bem com persistência e fervor, não se dá bem neste vale de lágrimas, é certamente porque está "queimando um carma coletivo". A tal ponto chegaria sua abnegação, como no caso dos mártires. Estes são premiados imediatamente após a vida terrena, passando para outra dimensão, muito superior: o nirvana, o paraíso.

Na contramão, certos indivíduos aparecem aos olhos da coletividade humana como campeões da maldade. No século V, a cristandade européia, aterrorizada com a invasão dos Hunos, chamou o rei Átila de "o flagelo de Deus". Ele seria a personificação do raio da cólera divina contra os erros e crimes da Humanidade. Isto restabelecia o sentido moral do sofrimento imposto pelos invasores. Trata-se de um exemplo, entre tantos, de como as catástrofes sociais ou naturais precisam ser codificadas pelo entendimento humano, para que a vida deixe de ser "uma história contada por um idiota, cheia de barulho e fúria, sem qual-

Os problemas familiares por que tem passado o ator norte-americano Marlon Brando, como o assassinato de seu genro por seu filho, levaram o cineasta e hermetista Miguel H. Borges a considerar se esse sofrimento não seria resultado de uma aplicação da Lei do Carma. Para ele, Brando estaria pagando por um discurso contra a família na mais famosa cena do "Último tango em Paris."

Divulgação

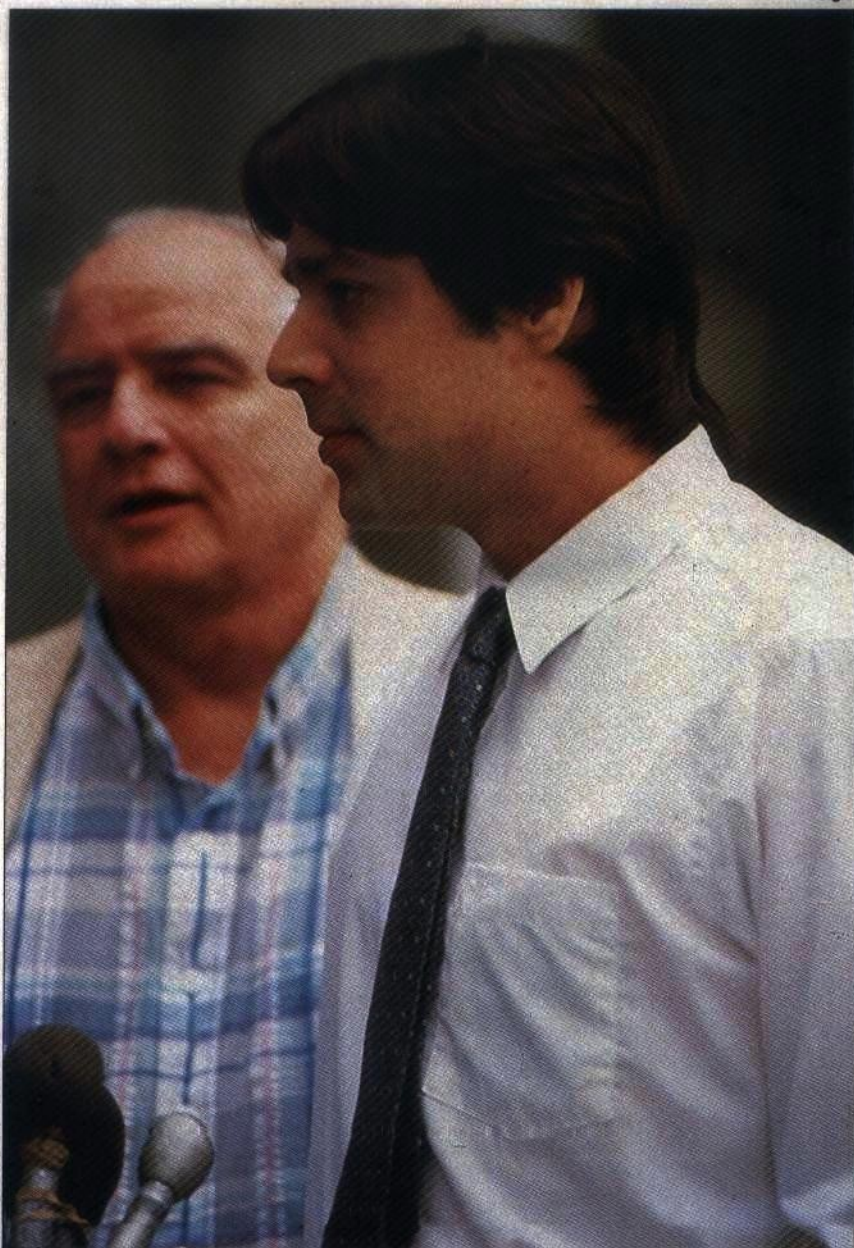
quer significado", como queria o regicida e usurpador Macbeth na amargura da derrota.

Encontra-se aí embutida a noção orientalista de que o ser humano escolhido pela lei para desempenhar o papel de *agente cármico* não gera culpa para si mesmo. Seria esta a situação do juiz e do carrasco que exercem corretamente os seus ofícios — a menos que eles venham a embriagar-se com o poder. O carma é conhecido também como lei da Neutralidade.

Segundo Blavatsky, as inteligências espirituais que cumprem a função de Senhores do Carma anotam tudo do ser humano — pensamentos, palavras, atos e omissões — na Luz Astral: o que é, o que foi e o que será. Não condenam nem perdoam, apenas "computam". No dizer da mestra, "ajustam as complicadas operações da lei cármica".

O entendimento vulgar tenta descomplicar o assunto reduzindo-o a um "ajuste de contas" e remetendo-o de preferência ao plano da reencarnação: uma coisa não se sustenta sem a outra. Fora desse esquema, seria impossível contornar um problema moral inquietante: o sofrimento e a morte da criança inocente. A religiosidade popular ocidentalista recompensa a pequena vítima com a condição de "anjinho", admitindo também que a divina providência livrou-a de se tornar um transgressor ou um grande sofredor na vida adulta. Mas então, por que a deixou nascer? Na linha orientalista, melhora-se a explicação: a morte da criança seria a resultante de um carma pessoal, uma pesada bagagem de vidas anteriores. A justiça tarda, mas a sucessão de renascimentos e re-morte$ (remorsos) continua girando. A Roda de Samsara não falha.

Contudo, esta antiga roda de reencarnações (seriam, segundo certa tradição, em um total-padrão de 777) encontra um correspondente completo na ciência moderna: a *linha de mundo* (*worldline*) da Física relativista. A *linha de mundo* vem a ser o objeto físico que melhor representa a superação das noções de passado e futuro, o "eterno presente" da Metafísica. Se de fato corresponde (como veremos a seguir) ao mito hinduísta da Roda de Samsara,

Sigla

Marlon Brando e seu filho Christian antes do julgamento em Los Angeles

então está girando aqui e agora, sem que os Senhores do Carma precisem tocar a manivela do morrer-renascer para fazê-la funcionar. Ainda que este continue sendo o seu método principal.

No caso Brando, este seria até um ponto pacífico, desde que o pai, geneticamente e por assim dizer, "reencarna" nos filhos. Mas Marlon sofre com o sofrimento deles.

A roda de Samsara e o atropelamento dos Brando

Estará a Roda de Samsara passando por cima do ator, atropelando-o em vida?

Para se propor um paralelismo entre a teoria da reencarnação e a teoria da Relatividade cabe, em primeiro lugar, indagar: o que é que reencarna?

Certamente, não a *persona* (a personalidade de cada um), aquilo que Lobsang Rampa chama de *títere,* uma aparência. Segundo o pensador indo-germânico, o ser verdadeiro é *aquele que move o títere* (aquele: o *self* de Jung, a *mônada* do esoterismo). O reino daquele que move o títere não é deste mundo. E para vir aqui (como o atleta que por impulso vocacional freqüenta a pista de provas), o *verdadeiro eu* precisa vestir

um escafandro: a própria personalidade. Cada vez que mergulha na matéria, reencarnando, faz a reciclagem do material cármico produzido nos mergulhos anteriores. Até bater o supremo recorde: despotencializar, pela reciclagem existencial, todo o mundo de resíduos gerados pelo carma, libertando-se assim da paixão-tormento que é, para o ego cósmico de cada indivíduo, a roda de renascimentos e re-mortes.

Tal como a trajetória do *verdadeiro Eu, Aquele Que Reencarna*, a *linha de mundo* da Física relativista não se revela objetivamente ao processamento cerebral dos dados recolhidos pelos cinco sentidos humanos. Estas são realidades multidimensionais, muito além das três dimensões que a percepção "sensorial física" pode registrar. A *linha de mundo* (também chamada de *linha de universo*) vem a ser a trajetória de qualquer ser, objeto, partícula ou onda, no contínuo quadridimensional espaço/tempo da Teoria da Relatividade. Tudo o que a consciência humana pode alcançar, nos limites (cada vez mais tênues) da "Objetividade", não passa da projeção tridimensional dessa coisa quadridimensional (Matematicamente, três dimensões de espaço e uma de tempo; mas este tende a revelar-se multidimensional em si).

Subjetivamente, no plano da intuição, o ser humano vem a saber de *n* dimensões: na arte, na poesia, na religião, na filosofia, na ciência. Contudo, o registro "objetivo" que se pode ter da *linha de mundo* ou Roda de Samsara de cada indivíduo humano limita-se, no plano da *persona* (sinônimo de *máscara teatral* na arte cênica dos clássicos), a um pequeno momento da trajetória cósmica de cada um: a vida presente.

A *linha de mundo* é às vezes descrita literariamente como um objeto que serpenteia pelo espaço/tempo. Vem do passado mais remoto, passa pelo presente (onde o percebemos) e se projeta para o futuro. Esta idéia harmoniza-se com a lei de Lavoisier: "na Natureza nada se cria e nada se perde; tudo se transforma". Nem por isso o tempo real da *linha de mundo* deixa de ser o "eterno presente": as transformações de que falou o sábio francês são os movimentos da serpente cósmica ao modificar-se continuamente pelos sucessivos mergulhos no mundo dos fenômenos, dos atos e fatos.

Mitologicamente, é *Oroboro*, a serpente que devora a própria cauda. Trata-se de uma palavra palíndrome, isto é, que se conserva a mesma, lida de trás para a frente.

O entrecruzamento das inumeráveis *linhas de mundo* de todas as coisas do Universo produz o tecido vivo do Cosmos.

Certos sensitivos (como, modernamente, certas técnicas) conseguem vislumbrar um pouco da *linha de mundo*, ou seja, da Roda de Samsara, sucessão de reencarnações de um ser. O importante, nos limites do presente artigo, é reconhecer que, se vemos Oroboro, *aliás* o Self, *aliás* a Mônada, no seu aspecto circunstancial de personalidade, isto decorre tão somente de uma limitação da percepção. O carma não depende da reencarnação para funcionar. É gerado e metabolizado, muitas vezes, no âmbito da vida da *persona*, sem ter de "esperar" por um novo giro da Roda.

Oroboro pode estar sim, aqui e

Divulgação

Marlon Brando abraça sensualmente Maria Schneider em "O último tango"

A cena da violação carnal-filosófica

Este é o diálogo da cena da sodomização da moça (intérprete: Maria Schneider) pelo sedutor (Marlon Brando), em *O Último Tango em Paris* (com pequenas indicações da ação):

"MOÇA (descobrindo um buraco no assoalho do apartamento) — Talvez haja segredos de família aí dentro.

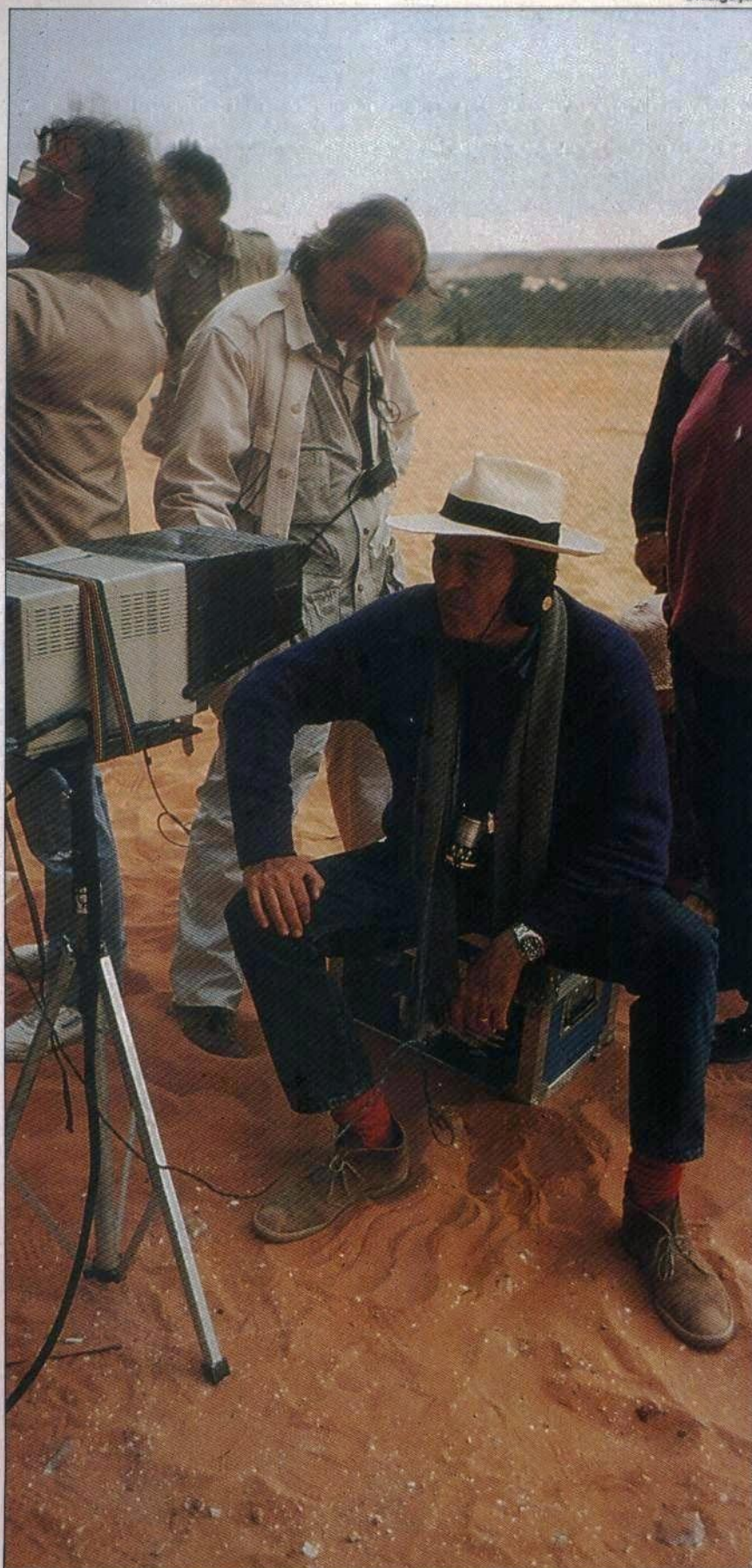
HOMEM - Segredos de família? Vou te falar de segredos de família!... (Pegando a manteiga e virando a moça de bruços).

MOÇA — O que está fazendo?!

HOMEM — Vou te falar da família. (Passando manteiga nela). Esta sagrada instituição que pretende incutir virtude em selvagens.! (Ordenando à moça) Repete o que eu vou dizer! Sagrada família! Teto de bons cidadãos! (Penetrando. A moça repete as frases dele, balbuciando, sentindo dores). As crianças são torturadas até mentirem! A vontade é esmagada pela repressão! Família... M* de família!"

Divulgação

O diretor italiano Bernardo Bertolucci durante um intervalo das filmagens

agora, devorando a si mesma diante dos olhos do público, na carne viva da estirpe Brando. Por algo que ele fez há duas décadas — dentro da presente rodada.

Formas para transar o carma

Um observador taoísta certamente avaliaria que Marlon avançou o sinal. O taoísta faria esta avaliação para o seu próprio governo. Com certeza não a externaria, pois o bom seguidor do Tao só fala quando fala — do essencial. "Quem diz, não sabe. E quem sabe, não diz".

O taoísmo é uma das muitas formas de comportamento, de atitude na vida, que os seres humanos têm desenvolvido, na tentativa de uma harmonização tão perfeita quanto possível com a lei do carma. A forma mais cristalizada da idéia de *não-ação* está na filosofia zen, um desdobramento do Tao, ao mesmo tempo radical e sereno. No Ocidente, a forma mais aproximada — assim mesmo, nem tanto — dessa atitude existencial poderia ser o franciscanismo. Toynbee, o mais britânico dos filósofos da História, sustentou já nesse século que a Humanidade se danou quando, no século XIII, tendo tido a oportunidade de optar pelo caminho de Francisco, o despojamento solidário, preferiu o do pai do futuro santo, a acumulação material.

O tema da *não-ação*, correspondendo a uma economia de esforço cármico que não se confunde com a *inação* (omissão), aparece nas formulações aparentemente mais distantes entre si. Bertrand Russell, ao tratar de Física, refere-se freqüentemente à *Lei da Indolência Cósmica*. Segundo esta, no dizer do filósofo da Ciência, qualquer coisa que se mova no Cosmos (e tudo se move) "escolhe" a trajetória que seja, para ela, a mais longa e lenta possível.

Vejam-se estas duas sentenças: 1) Eu não sou um agente; 2) Eu sou um não-agente. Tão diferentes entre si, que uma nega e a outra afirma. O Senhor, quando se manifesta a Moisés na sarça ardente, é ainda mais econômico. Diz simplesmente: "Eu sou". E ordena ao líder dos hebreus que vá comunicar ao povo: *"Eu-sou* me enviou a vós".

Divulgação

Eis aí uma afirmação cuidadosamente equilibrada entre o *não-ser* e o *ser*. No *Tao-Te-Ching*, antiqüíssimo livro onde Lao-Tsé faz uma sutil decodificação do Tao ("o caminho do meio"), avisa-se:

"Amassa-se o barro, fazem-se os tijolos, erguem-se as paredes. Mas é preciso deixar lacunas para as portas e janelas que tornarão a casa habitável. Corta-se o tronco, desbasta-se a madeira, faz-se a roda. Mas é preciso cavar o buraco que permite a introdução do eixo. Portanto, o ser produz o útil, mas é o não-ser que o torna eficaz".

Ao colocar-se como um não-agente, aquele que busca manter-se no caminho do meio quer ter, no plano humano, o comportamento de um ente cósmico. Quem sabe não-agir sabe não-impor, não-forçar, não-agredir, não-reformar e não-deformar — e ao mesmo tempo não-omitir a sua própria presença no mundo.

Está no Eclesiastes: "o torto não se pode endireitar". Os muitos tradutores e intérpretes do texto bíblico não chegam a um acordo em mais este ponto: o torto não tem como endireitar a si mesmo? Ou ninguém pode fazer isso por ele?

Uma anedota zen sobre um rapaz bem esforçado

Em uma das *anedotas-zen* contadas pelo mestre Suzuki, o próprio conceito de *torto* é colocado em xeque. Havia em certo lugar e época dois mestres muito diferentes entre si. Um, jovem, de ótima aparência, diligente, eloqüente, culto, rico, simpático. O outro, feio, pobre, desleixado no cuidado pessoal, meio gago, nada esforçado nem erudito, já entrando na velhice.

Ocorre que o rapaz brilhante, por mais que se esforçasse, não conseguia nenhum seguidor, enquanto o sem-brilho vivia cercado de discípulos. Um dia, aquele não se conteve e foi dizer ao desleixado:

— Esta situação é absurda! Você, sendo como é, tendo esta gente toda ao seu redor. Não me leve a mal, isto não faz sentido!

Respondeu o interpelado:

— Sim, precisamos discutir o assunto. Vá lá em casa amanhã a tantas horas.

O rapaz compareceu como combinado. Mas o dono da casa foi logo dizendo:

— Agora estou ocupado, volte daqui a meia hora.

Ele voltou, para ouvir que tinha de esperar mais uns quinze minutos. Eperou. Finalmente, o outro mestre lhe disse:

— Chegou o momento de discutirmos a questão levantada por você. Sente-se. Aí não. Naquele outro banco. Olhe, pensando bem, aqui em casa não é o melhor lugar para falarmos sobre isso. Vamos lá fora, debaixo daquela árvore.

O visitante ia seguindo todas as indicações.

— Debaixo da árvore também não está bom, é melhor do outro lado da rua. Isso! Vamos nos sentar nesta mureta.

Sentaram-se. E depois de um silêncio, disse o interpelado:

— O amigo quer discutir como é possível que eu tenha tanta gente comigo, enquanto a você ninguém segue. Mas observe que, desde ontem, está fazendo tudo o que eu mando. Portanto, para que discutir?...

A partir deste pequeno conto, deve-se supor que o mestre atuante, comportando-se como um agente explícito, provocava ondas cármicas que refluíam contra ele mesmo. Em outras palavras, não deixando lacunas na sua ação, cortava o espaço do não-ser.

Os astros nos seus cursos traçados segundo a Lei da Indolência Cósmica não se omitem da harmonia das esferas. Bem ao contrário, permanecem nela pelo fato mesmo. Isto não impede uma estrela de eventualmente explodir como *nova*. E a explosão pode representar um momento na trajetória estelar para a formação de um buraco-negro, na fronteira entre o não-ser e o ser.

A analogia de tudo isto com a figura de Marlon Brando é mais do que "simples poesia".

Muito além do cinema: a cena cármica de um ator

O drama familiar de Marlon Brando comoveu e ainda comove a opinião pública internacional. O filho matou o namorado da irmã. Foi para a cadeia; e a moça, para o hospital de doentes psíquicos. O grande Brando sofre intensamente com toda esta violência que lhe envolveu a família.

Por casualidade (ou causalidade?), quando estava recolhendo dados para escrever este texto, revi no videocassete o filme de Bernardo Bertolucci, *O Último Tango em Paris*. Eu não tinha sequer pensado em incluir o drama da estirpe Brando no material pesquisado. Pessoalmente, acho que o filme é daqueles que só precisam ser vistos uma vez. Mas para atender ao desejo de uma amiga que não tivera oportunidade de vê-lo acabei revendo-o.

Minha amiga não é moralista nem puritana. Contudo, em pleno ano de 1991, mostrou-se ainda chocada com a cena da sodomização da jovem adolescente (Maria Schneider) pelo homem madurão (Brando). O fato de ter-se escandalizado induziu-me a observar que a violência dessa encenação reside em que o homem, enquanto progride na penetração semi-forçada, vai fazendo um discurso irado contra a família como categoria social. (Ver a transcrição do diálogo em outro ponto desta matéria). Não satisfeito com isto, obriga a moça a repetir, entre gemidos, cada frase sado-contestadora.

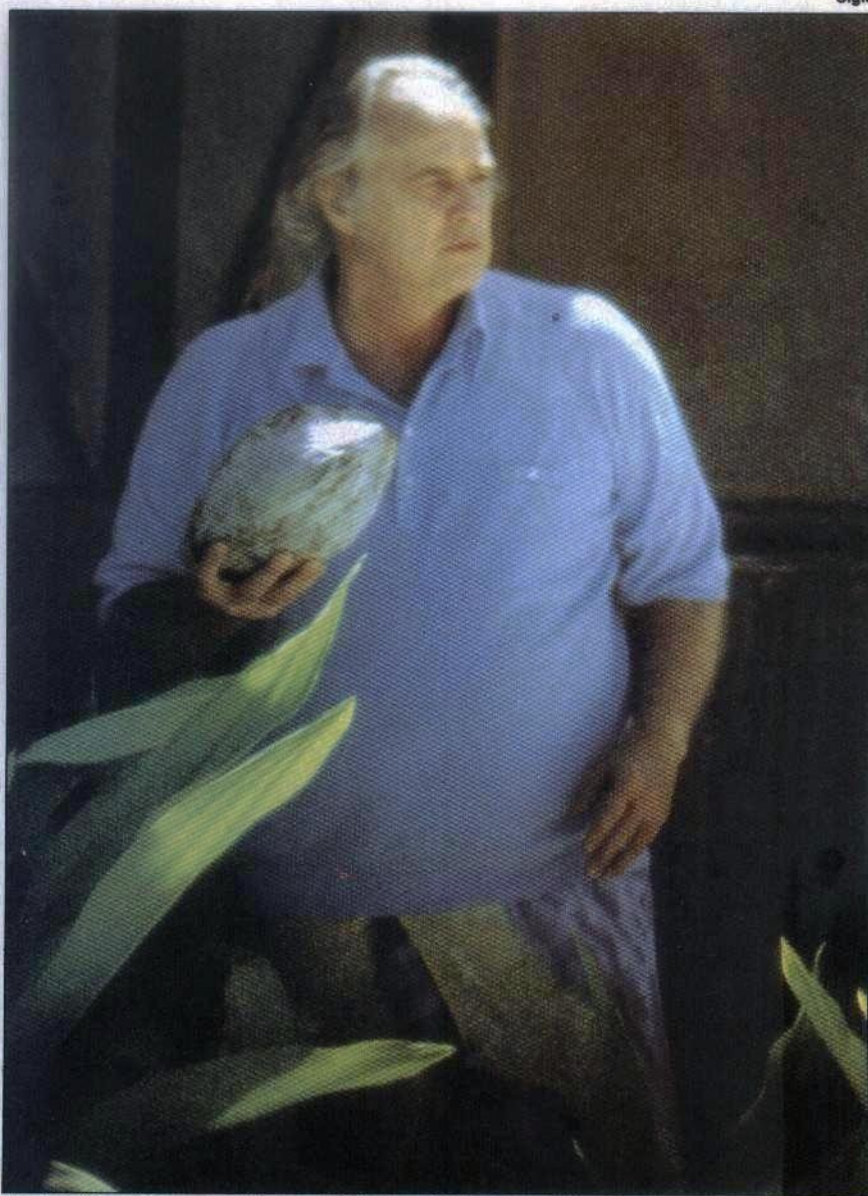
Não fosse pela cena onde palavras e imagens se acasalam de forma intencionalmente perversa. *O Último Tango em Paris* não passaria de um melodrama sofisticado, segundo uma linha bastante tradicional no cinema: o homem vivido e frustrado que começa a corromper uma jovem "de família". Ela vai-se entregando a esse processo, até que, segundo os mandamentos da boa e sólida dramaturgia tradicional, acaba reagindo e matando o amante.

Melodrama sofisticado, sim, pelo estilo neo-europeu de Bertolucci e principalmente pela presença do monstro-sagrado Marlon Brando interpretando situações eróticas laboriosamente escandalosas, ainda mais porque quem as fazia era justamente ele, um dos maiores formadores de opinião e sentimento, no mundo, idolatrado pelas multidões e apreciado pelas elites.

O Último Tango em Paris tornou-se produto e fator do "liberou geral" que marcou a década pré-Aids. Hoje, 20 anos depois, o drama do ator na vida real vem atingi-lo em cheio no núcleo familiar. Foi justamente esse núcleo que o personagem do filme pretendeu violentar e profanar nos diálogos da cena de sodomia.

Pode-se argumentar que tal criação dramática não geraria carma, desde que, convencionalmente, o transgressor é punido no fim, e com a pena capital. A morte "trágica" do protagonista teria purgado as emoções sombrias ou sinistras eventualmente experimentadas pelo público.

Ocorre que o cinedrama de Bertolucci-Brando é marcado por uma espécie de charme da direção, onde o sentimentalismo derramado, próprio do melodrama, é substituído por um realismo *neurocerebral*. O cultivo friamente calculado de um carisma ao mesmo tempo torturado e cerebral, foi, aliás, a grande novidade que o talento do jovem Marlon Brando trouxe, pessoalmente, das técnicas de interpretação desenvolvidas pelo Actor's Studio, a grande onda entre os intelectuais das artes dramáticas, há três ou quatro décadas.

Sigla

Marlon Brando em sua ilha no Taiti, a qual foi obrigado a vender por causa do filho

O gênero *melodrama* produz espetáculos que se dirigem quase exclusivamente ao emocional do espectador, muito pouco ou nada ao seu intelecto. Já *O Último Tango em Paris*, por todo este conjunto de circunstâncias, embora apresentando inicialmente uma tênue ligação com o sentimentalismo próprio do gênero, perdeu-se naquela cena. Ali estão três pessoas reconhecidas como membro da elite intelectual do mundo — Bernardo Bertolucci, Agès Varda (autora dos diálogos) e o próprio Brando —, externando, pela boca do personagem, sua crítica ao sistema de valores da família, considerada aí como a mais grave forma de hipocrisia social. Em função do prestígio de todos — principalmente, no caso, do ator, tal opinião deixa de ser do personagem para se tornar como que deles mesmo. E tudo isto é montado em cima da ênfase da penetração anal, o que acaba provocando uma "mistura de estações".

O Último Tango em Paris fica longe da purificação dos sentimentos (catarse) que, segundo o velho Aristóteles, o espectador experimenta durante e após uma representação onde a situação dos protagonistas desperta o terror e a piedade. Esta vem a ser uma característica do gênero *tragédia*, que um melodrama intelectualizado não pode alcançar.

Sigla

Maria Schneider praticamente desapareceu depois de "O último tango"

Marlon: agente cármico passivo ou ativo?

O tema de *O Último Tango em Paris* não encerra essencialmente nada de novo. A família tem sido saco de pancada de mil e um tipos de contestador. A novidade esteve e ainda está na mistura de elementos, a cargo de um ídolo refletor e formador de uma ética (ou anti-ética) massificada e massificante. Agora mesmo estoura aí a autocrítica do roqueiro Sting, hoje mostrando-se revoltado contra os malefícios que o *rock*, que ele resolveu qualificar de "reacionário", tem feito à juventude e à cultura. E pouco importa uma eventual intenção de *marketing* na cabeça desse esperto e brilhante profissfional.

Claro que a família da sociedade em crise não chega a ser uma maravilha intocável. Seus críticos muitas vezes estão cobertos de razão. Marlon Brando aceitou, quis ser ou acabou sendo o mais assumido dos agentes dessa crítica, no plano da comunicação de massa. Com "boa" ou "má" intenção, descumpriu a Lei da Indolência Cósmica, esqueceu ou ignorou a Lei Sutileza — outro nome da Lei do Carma, no seu aspecto de máxima economia no jogo de ação-reação. Saíu do *Caminho do Meio*.

Inegavelmente, o intérprete está longe de ser o responsável único, ou sequer maior, pelo filme. Há o diretor, o autor da história, dos diálogos, etc. Pouco importa. Quem assumiu o papel de agente explícito da violação carnal-filosófica foi o astro máximo do espetáculo. Além disso, a trama cármica das ações humanas não se revela com freqüência. O drama da estirpe Brando, tendo vindo a público, pode ser a ponta do *iceberg* dos desdobramentos cármicos do filme e tudo o que o rodeia.

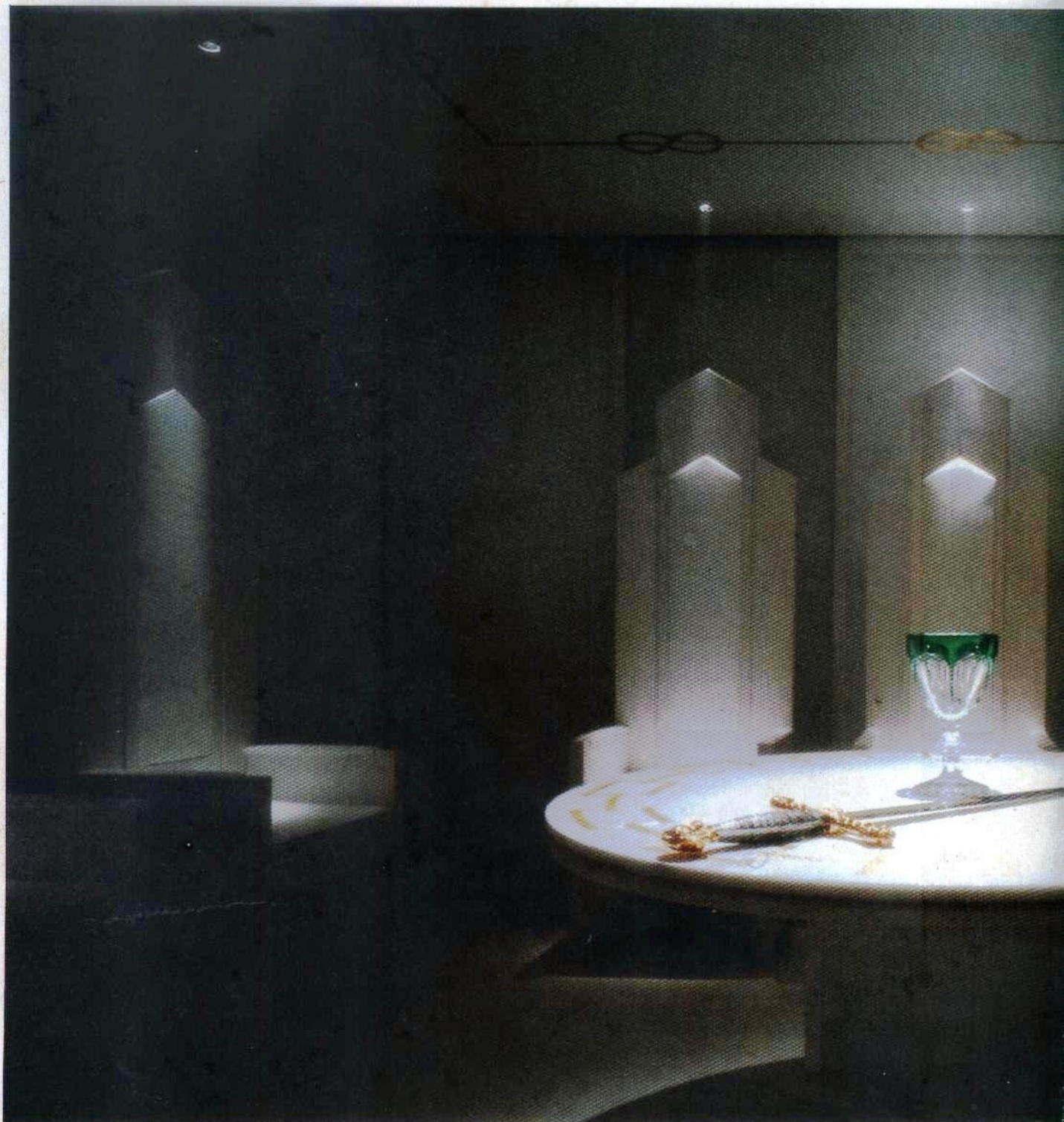
Mais uma vez é preciso lembrar a frase de Helena Blavatsky sobre "as complicadas operações da Lei Cármica". Há possivelmente ligações dessa natureza entre o ator e seus filhos, que nada tenham a ver, diretamente, com a questão de *O Último Tango em Paris*. Também fica difícil dizer até que ponto ele tinha ou não "consciência" do que estava fazendo naquele momento. Não se trata aqui de culpar ou inocentar Marlon Brando. Se ele é um transgressor, é igualmente uma vítima. Ou talvez nem uma coisa nem outra: "apenas" a pessoa escolhida pelos diretores do *teatro cármico* para ser o intérprete de um papel difícil no filme e na vida.

Em todo caso, Marlon Brando correu seus riscos e está pagando seu preço. É afinal o que ocorre com todos os seres humanos. O que pode ajudá-los a calcular os riscos — até, eventualmente, para o "prêmio", dentro da Lei da Retribuição — é levar em conta a realidade dos mistérios cármicos. Pelo menos, para o governo de cada um. Uma lição dos mestres, que aqui estou apenas reproduzindo.

Mas não tenho dúvida de que misturar sexo com intelecto, ainda mais no campo da comunicação de massa, é brincar com fogo. E aqui cabe citar um amigo, o geólogo Edson Barreto, que ouviu de um colega alemão (não lhe sei o nome) uma reflexão oportuna:

Nem mesmo os mais duros representantes da hierarquia militar ousam executar alguém atirando-lhe na cabeça. Os pelotões de fuzilamento alvejam o coração. Provavelmente eles sabem ou intuem que trucidar um sentimento, no seu órgão-símbolo, gera menos carma do que destruir o cérebro, a sede física da idéia, do mental.

Nova Era templária

A CAVALARIA NO TERCEIRO MILÊNIO

Oficialmente, os Templários desapareceram com a condenação à fogueira do grão-mestre Jacques de Molay, em 1314, sob falsas acusações que encobriam interesses poderosos. A Ordem do Templo era, porém, inspirada em um princípio arquetípico conhecido como *Espírito Cavaleiresco*. Este espírito permaneceu vivo.

Em pleno século XX os Templários saem da clandestinidade, novamente integrados à sua antiga missão sócio-espiritual.

A câmara viva do espírito cavaleiresco: aqui respira o CIRCES Internacional.

Por Marco Antônio Coutinho

• Rio de Janeiro, 19 h — Após um breve período de meditação, alguns membros da Ordem do Templo examinam correspondências, recortes de jornais e relatórios de visita. Eles se preparam para discutir as bases de um projeto social voltado para a organização de comunidades no terceiro milênio.

• Paris, França — Um grupo de Cavaleiros acaba de debater e aprofundar questões relativas à economia européia e mundial, discutindo, em especial, a economia pitagórica.

• Em Cotonu, no Benin (África) — Os debates se sucedem e os templários discorrem sobre os valores tradicionais autênticos do continente africano, ressaltando a importância de seu desenvolvimento nas próximas décadas.

Apesar da aparente disparidade dos assuntos tratados e da distância que separa estes grupos, eles mantêm um tema comum e cultivam as mesmas aspirações: trabalham para criar as bases de um mundo mais sólido e fraterno, visando a aliança entre o ritmo pulsante da Nova Era e o tradicional espírito cavaleiresco. Assim como milhares de pessoas espalhadas em mais de trinta países, eles são membros do CIRCES Internacional, um moderno movimento iniciático, fundado em 1988 pelo filósofo e escritor francês Raymond Bernard.

Um espírito em busca de um corpo

Falar de um *espírito cavaleiresco* às vésperas do terceiro milênio pode parecer estranho à primeira vista, mas é importante que se leve em conta duas questões fundamentais. Uma diz respeito às características de transição da nossa época que, embora façam parte de um cenário absolutamente inédito e estejam fundamentadas em milênios de vivência concreta, não são propriamente "novas" se forem consideradas em sua essência. Alguns estudiosos, entre eles Umberto Eco, chegam a falar de uma "Nova Idade Média", o que não deixa de ser sintomático.

O segundo ponto a ser considerado é o fato de o *espírito cavaleiresco*

ser comumente confundido com armaduras e cavalos, o que revela uma postura inocente e saudosista. No entanto, a cavalaria histórica, que conheceu o seu apogeu na Idade Média, não poderia ter surgido do nada. Ela foi resultado de muitos anos de história e de um princípio básico que remonta a séculos antes. Do ponto de vista tradicional, o espírito cavaleiresco pode ser considerado trans-histórico, um princípio arquetípico que busca concretizar-se nas manifestações humanas através dos tempos e que apenas tomou emprestado o nome da cavalaria histórica. Mas é com Pitágoras que veremos pela primeira vez esse espírito expressar-se de maneira significativa.

Uma perna de ouro

No frio das primeiras horas da manhã, um jovem está encerrado em uma cela triste e vazia, acompanhado apenas de um vaso com água e um pão seco, debruçado sobre um problema de geometria aparentemente insolúvel. Ele é um dos muitos postulantes à admissão na Ordem Pitagórica, e foi selecionado por Pitágoras, que observou discretamente a linguagem de seu corpo, seus gestos e seu sorriso, através dos quais o mestre analisava o caráter e a disposição espiritual dos pretendentes à iniciação em sua escola. Depois de doze horas, a experiência era encerrada e o postulante convidado a comparecer a uma grande sala, onde os noviços estavam reunidos com ordens de zombar do recém-chegado que, invariavelmente, não havia conseguido resolver o problema. Esgotado e humilhado, ele poderia justificar seu fracasso com ironia, cólera ou descontrole emocional, o que lhe fecharia definitivamente as portas da Ordem. Se, pelo contrário, respondesse com humildade, firmeza e frescor de espírito às provocações, teria passado na prova do amor próprio e seria, em seguida, recebido por aqueles mesmos noviços que pouco antes haviam debochado dele.

Depois de recebido, o noviço já tinha possibilidades de galgar os quatro graus que constituíam a estrutura da Ordem Pitagórica — inclusive o Círculo Interno — e partilhar dos ensinamentos secretos do mestre, que o transformariam em um instrumento vivo do *Logos* e num construtor habilitado em participar da edificação do *Templo do Homem*.

A Ordem Pitagórica foi fundada por um Pitágoras já maduro e iniciado nas escolas de mistérios do Egito, onde debruçou-se na mais profunda espiritualidade e na filosofia dos magos da Pérsia, familiarizando-se com os arcanos secretos da antiga magia. Desde jovem, ele buscava a sabedoria junto a renomados mestres da Grécia e era considerado divino, já que seu nascimento tinha sido anunciado pelo Oráculo de Delfos. Seus contemporâneos acreditavam que ele era filho, não de Mnesarcos, seu pai, mas do próprio Apolo, que teria visitado secretamente a sua mãe e gerado um *daimon* ou, segundo aqueles que os veneravam como a um deus, o *Apolo Hiperbóreo*. A perna de ouro que os antigos atribuíam a Pitágoras, seria um dos sinais de sua descendência divina.

Depois de aproximadamente 25 anos de estudos no Egito e na Babilônia invadida pelos persas, ele retorna à Grécia e percorre todas as suas regiões, pregando. Sua missão o leva a Crotona, na Itália, onde encontra uma sociedade apegada a valores materiais, ao prazer imediato, ao deboche e à indolência, inspirados pela vizinha Síbaris, cidade decadente e voluptuosa, que faria os nossos mais fervorosos discípulos do consumismo roerem-se de inveja.

Com o passar dos anos, Pitágoras e sua fraternidade, fundada por ele e seus discípulos mais próximos, conquistaram a confiança e a admiração de Crotona e realizaram uma significativa obra de curas, educação espiritual e transformação social. Uma revolução baseada nos valores do conhecimento, lealdade, apoio ao mais fraco e liberdade política, que buscava sintetizar as sabedorias do Oriente e do Ocidente, em benefício da Humanidade. Como seria de se esperar, tudo isto acabou por incomodar as conveniências do poder estabelecido, que reagiu com uma hábil campanha de difamação e em pouco tempo conseguiu voltar o povo contra os pitagóricos. Certa tarde, o mestre estava reunido com cerca de 40 de seus principais discípulos, quando a multidão enfurecida cercou a sede da Ordem. À frente dos revoltosos estava Cilo, recusado pela escola muitos anos antes. Por longo tempo ele se dedicou a orga-

O espírito cavaleiresco é trans-histórico, um princípio arquetípico que busca concretizar-se através dos tempos.

nizar a conspiração contra Pitágoras, que culminou com a população ateando fogo à casa onde estava o mestre. A vingança de Cilo se consumou e as chamas devoraram rapidamente a habitação e aqueles que se encontravam ali reunidos. O destino de Pitágoras permanece um grande mistério até hoje. Segundo algumas versões, ele teria morrido com seus discípulos. Mas há quem diga que ele ascendeu aos céus como convém ao filho de um deus. O fato é que nunca mais foi visto por ninguém.

Com a perseguição promovida contra Pitágoras na Itália, a Ordem foi oficialmente dissolvida e seus remanescentes espalharam-se pela Sicília e pela Grécia, de onde a proposta pitagórica de aplicar a sabedoria ao governo dos homens iria se irradiar silenciosamente para outros pontos da Europa, através de pequenos núcleos secretos. A revolucionária mensagem de Pitágoras não se perderia. Éduard Schuré nos conta que após a grande tragédia de Crotona, um dos sobreviventes, miserável e doente, foi acolhido pelo dono de uma hospedaria. Apesar dos cuidados ele não resistiu e acabou morrendo em alguns dias. Entretanto, pouco antes de sua morte, desenhou sinais misteriosos na porta da casa, dizendo: "não se preocupe, um dos meus irmãos pagará as minhas dívidas". Um ano depois, um forasteiro passou por ali e viu os sinais desenhados na porta. Imediatamente, disse ao dono da hospedaria: "Sou pitagórico. Um de meus irmãos morreu aqui, diga o quanto estou devendo por ele".

Os cavalos estão prontos

Com o passar dos séculos, o pitagorismo espalhou-se ainda mais por toda a Europa e parte do Oriente Próximo, estreitando relações com outras Ordens secretas. A influência científica e cultural de Pitágoras foi considerável na chamada Era Cristã e em boa parte do mundo civilizado de então.

Por volta do ano 1000, a instituição da cavalaria histórica começa a assumir os seus primeiros contornos. Os antigos guerreiros germânicos seriam os criadores deste movimento, no qual um ancião transmitia a um jovem as qualidades e as virtudes do guerreiro por meio de golpes com a mão aberta sobre o ombro ou na nuca do iniciado, gestos que seriam repetidos durante um certo período na cavalaria, que mais tarde trocaria o toque de mão pelo da espada.

O segundo milênio se inicia, portanto, com a estruturação gradativa da instituição cavaleiresca, que começou composta por camponeses, comerciantes, jograis, pastores e todo tipo de gente. Aos poucos, o perfil do cavaleiro vai mudando e eles passaram a ser recrutados quase exclusivamente entre os filhos de outros cavaleiros, e a iniciação de plebeus ficou restrita a raras exceções. Esta hegemonia, inicialmente, caracterizou o cavaleiro como alguém afeito aos prazeres e à ociosidade.

Esta estagnação será quebrada em 1095, com a promoção da Primeira Cruzada, convocada pelo Papa Urbano II, para tomar Jerusalém dos muçulmanos. Esta conquista se dá, efetivamente, em 1099, em meio a cenas de saque e violência que escandalizaram o mundo islâmico. Embora conhecido pela força e valentia de seus guerreiros,

O Grão-Mestre Raymond Bernard

Em sua edição de janeiro de 1988, a revista *Le Monde Inconnu*, uma das publicações especializadas em esoterismo e cultura mais lidas na França e em toda a Europa, atraiu a atenção de seus leitores a um furo jornalístico que, contraditoriamente, já era esperado por milhares de pessoas: a fundação de uma nova organização, por Raymond Bernard. A expectativa se justificava, pois além de sua conhecida trajetória e das altas funções exercidas por ele na Rosacruz, Raymond Bernard ao longo de sua vida foi recebido nos mais secretos cenáculos tradicionais e iniciáticos da Europa, Oriente Próximo e da África, recebendo transmissão de poder e legitimidade. Em 19 de fevereiro do mesmo ano, o CIRCES Internacional confirmava as afiliações de seus primeiros membros e quatro meses depois realizava sua primeira assembléia plenária, na Sorbonne, da qual participaram cerca de 700 delegados.

A partir daí, o CIRCES fundou chancelarias em praticamente todos os países do mundo, entre eles Estados Unidos, México, Canadá, Brasil, China, Israel, Argélia, Marrocos, parte da África e quase toda a Europa. Além do entusiasmo e da ativa militância de seus membros, o rápido desenvolvimento da organização tem relação direta com a pessoa de Bernard.

Nascido em 19 de maio de 1923 em Bourg d'Oisans, Isère, na França, Raymond Bernard formou-se em Direito pela Faculdade de Grenoble e começou sua vida profissional nos negócios da empresa de sua família. Em 1856, é levado a abandonar o mundo dos negócios para se consagrar à reorganização do ramo francês da Antiga e Mística Ordem Rosacruz, substituindo Jeanne Guesdon, falecida anos antes, e assumindo funções de nível internacional como Grande Mestre, Legado Supremo e membro do Conselho Supremo da Ordem. Em 88, aposentado e liberado de suas obrigações à frente da AMORC, sem romper seus laços com a mesma, ele fundou o CIRCES Internacional concebido como organização independente de qualquer outro movimento.

Raymond Bernard também é conhecido por meio de seus livros, publicados em vários países, sobre assuntos esotéricos e tradicionais como, por exemplo, *Encontro secreto em Roma*, *Encontro com o insólito*, *O império invisível* e *O corcunda de Amsterdã*, entre outros.

Em seu gabinete, em Paris, ele recebe representantes de outros movimentos, elabora documentos e diretrizes e delega responsabilidades, descentralizando a direção da Ordem, dividida proporcionalmente entre o Conselho Supremo, o Secretário-Geral, os responsáveis nacionais e regionais e os membros. "Eu apenas lancei a idéia — diz ele — mas não estou só. Estou acompanhado de milhares de pessoas que podem fazer tudo, dentro do maior rigor, mas na mais completa liberdade".

O Arcano Dezenove simboliza, entre outros aspectos, a solidariedade e o trabalho em comum, e é um dos elementos-chave para toda a estrutura circeana.

este povo floresce em uma civilização sábia e sensível, muito superior ao Ocidente medieval, considerado por eles como bárbaro e sem refinamento.

A partir daí, a presença cristã no Oriente, a pretexto de proteger o Túmulo de Cristo e os peregrinos contra assaltantes, acabou manifestando interesses pouco benévolos e o dia-a-dia na Terra Santa (Jerusalém) se revela tenso e violento. No entanto, este encontro foi culturalmente frutífero e a cristandade aprendeu mais do que poderia desejar.

Os cavaleiros estão a postos

É no princípio do século XII, um período difícil, porém rico, que surgiu a instituição que iria representar com mais profundidade o espírito cavaleiresco: a Ordem do Templo. Iniciada em 1118 na Palestina por dois cavaleiros franceses — Hugues de Payns e Geoffroi de Saint-Omer — sua criação foi uma espécie de protesto contra a natureza decadente da cavalaria da época, descaracterizada pelo excesso de luxo e por interesses que sufocavam as intenções verdadeiramente nobres. Pouco depois, De Payns, Saint-Omer e sete companheiros que se juntaram a eles, estavam longe de serem tão elegantes, vestindo-se com simplicidade, sem qualquer sinal que denunciasse suas origens nobres. Durante quase dez anos eles não aumentaram de número e atraíram, pouco a pouco, a admiração da cristandade, tanto no Ocidente quanto na Terra Santa ocupada.

As origens da Ordem do Templo serão sempre atribuídas ao idealismo de dois cristãos fundamentalistas, mas a tradição confirma que ela foi decidida em um cripta remanescente de antigos ritos pré-cristãos nas proximidades de Roma. Seus alicerces não foram construídos pelos próceres da Igreja, mas pelos chefes secretos das centrais de preservação do conhecimento, que lançaram as bases de um trabalho destinado a realizar a conjunção entre Oriente e Ocidente, na tentativa de promover o aprimoramento da Humanidade. Estas bases foram lançadas em Constantinopla, no ano

de 1096, quando a primeira Cruzada já havia acontecido, durante o encontro de um grande sábio com os iniciados do Ocidente cristão e do mundo islâmico. Vinte e dois anos mais tarde, Hugues De Payns e Geoffroi de Saint-Omer iniciariam publicamente a sua missão.

Pobres Cavaleiros ricos

O prestígio crescente dos nove "pobres cavaleiros de Cristo", como ficaram conhecidos os primeiros membros da Ordem, trouxe o apoio das autoridades da época e eles logo ocuparam o local do Templo de Salomão como quartel. A partir daí foram denominados "pobres Cavaleiros do Templo", de onde surgiria, finalmente, o título de "Cavaleiros do Templo", como passaram a ser conhecidos ao longo da história.

Progressivamente, a Ordem do Templo cresce e se desenvolve com o apoio de São Bernardo de Claraval, que lhes prescreve a *Regra* (as novas obrigações quotidianas da Ordem), participando ativamente de grandes batalhas travadas na Terra Santa. Apesar dos combates, os contatos secretos entre os Templários e os chefes das Ordens iniciáticas muçulmanas são cada vez mais intensos. Essa importante ligação, orientada pelo Islã, irá influir de forma decisiva, não tanto no papel militar do Templo no Oriente, mas em sua missão civilizadora no Ocidente. Quando a cristandade perdeu definitivamente a Terra Santa, retomada em 1244 pelos muçulmanos, a Ordem do Templo já havia ampliado sua ação na Europa e criado alicerces a partir do quais o mundo nunca mais seria o mesmo.

Sentindo-se ameaçado, o poder estabelecido mobilizou o povo para atacar o templo da sabedoria.

O poder e a riqueza conquistados pela Ordem em 200 anos de existência não incomodaram tanto a nobreza e o clero quanto o uso que ela fez deste poderio. Os Cavaleiros continuavam a não possuir pessoalmente nada, mas a Ordem tornava-se cada vez mais influente. Apesar da opulência alcançada no Ocidente, os Templários jamais se esqueceram de sua missão original e, sendo assim, os dois milhões de hectares que possuíam somente na França foram isentos por eles de qualquer imposto ou dízimo e todos aqueles que se encontravam sob a sua proteção nada pagavam. Esses camponeses foram progressivamente libertados da condição de servos, transformando-se em arrendatários das terras do Templo. As estradas templárias, que se estendiam por toda a França e boa parte da Europa, também eram isentas de pedágio e proporcionavam grande segurança, garantida pelos monges-guerreiros da Ordem. Além disso, a sabedoria preservada pelo profundo esoterismo do Círculo Interno do Templo, que incluía o número de ouro pitagórico usado na construção das catedrais, foi também aplicada na economia de forma ainda mais ampla, com a invenção e o aperfeiçoamento da estrutura que daria origem ao sistema bancário. Uma revolução silenciosa parecia estar acontecendo e não demorou muito para que o Rei Felipe o Belo desconfiasse que os Templários pretendiam chegar ao extremo de propiciar o surgimento de uma república livre. Por isso, o soberano inicia uma hábil conspiração que deu origem a um processo jurídico, traiçoeiro e manipulado, resultando na tortura dos Cavaleiros para que confessassem heresias, traições, canibalismo e perversões sexuais que escandalizaram a opinião pú-

A Cavalaria no Brasil

Na cerimônia de Avignon, que marcou a estruturação definitiva da Ordem Soberana do Templo Iniciático, dois Cavaleiros estiveram presentes representando o Brasil e os trabalhos circeanos que vêm sendo desenvolvidos no país, desde a fundação do CIRCES Internacional, por Raymond Bernard, em 1988.

Foi em junho deste mesmo ano que teve início a troca de correspondência e documentação entre o presidente da Ordem e Grão-Mestre da OSTI, e um pequeno grupo de brasileiros. Ainda em 88, Raymond Bernard nomeou um chanceler para o país que, juntamente com seu grupo de trabalho, funda a chancelaria do Brasil, em 1990.

Além das assembléias de cavaleiros, o trabalho do CIRCES aqui se estende a projetos elaborados pelas oficinas do Círculo externo, que abrangem temas sociais (prevenção de acidentes com animais em comunidades de base e escolas), ecológicos (educação não formal / educação ambiental) e científicos (terapias alternativas: experiência fora do corpo).

A partir deste ano, o público poderá ter acesso ao trabalho que está sendo realizado em várias partes do mundo pelas oficinas e comissões circeanas, dentro do moderno espírito cavaleiresco. Será lançada brevemente no Brasil a *Grande Obra Circeana*, também acessível a não-membros, que traça um panorama completo da história da Ordem. Além disso, será publicada em capítulos um livro inédito de Raymond Bernard, *A Cidadela Oculta dos Sábios*.

É necessário que uma nova linha de pensamento seja desenvolvida pelas mentes mais atentas: trabalhar consciente do espírito cavaleiresco em um país onde várias gerações já aprenderam a curvar-se aos deuses da desilusão e da desesperança, parece ser a estratégia mais apropriada para um longo e difícil combate. Segundo o decano do CIRCES no estado de São Paulo, João Polovanick, "não existe problema sem solução, e os desafios apenas aumentam no Cavaleiro a vontade de lutar".

Símbolo templário por excelência, os dois cavaleiros dividem uma única montaria, numa proposta simbólica de união entre o Oriente e o Ocidente, ou ainda, entre o temporal e o espiritual. Por trás da imagem, a assunção de uma espiritualidade ativa e militante.

blica. Com o objetivo de apossar-se dos bens materiais do Templo e anular uma dívida financeira e moral que havia contraído com ele, Felipe o Belo destitui o Papa Bonifácio VIII, que não concordava em abolir a Ordem dos Templários, e exerce sua influência para colocar em seu lugar Clemente V, um homem sem força de caráter e de excessiva prudência, que cede às pressões do rei.

O Grão-Mestre do Templo, Jacques de Molay, sente o cerco apertar aos poucos em torno de si e sagra o seu sucessor em sessão secreta, incumbido de organizar a Ordem na clandestinidade. Em 1312, o Papa Clemente V suprime oficialmente a Ordem e dois anos mais tarde Jacques de Molay foi executado na fogueira, em Paris, diante de uma multidão consternada. As crônicas da época afirmam que ele morreu na mais profunda paz, como se tivesse abandonado o corpo antes que as chamas o consumissem, e o povo disputou suas cinzas, como relíquia.

Assim, terminava a missão pública da Ordem do Templo e o mundo dos homens jamais se recuperou dessa queda, que Victor-Émile Michelet classificou como "o maior cataclisma do Ocidente". Os bens do Templo foram rapidamente confiscados e os cavaleiros sobreviventes receberam autorização para retornar à vida profana ou integrar outras Ordens cristãs. Mas a tradição diz que alguns deles prosseguiram clandestinamente na obra templária, fosse em pequenos núcleos dispersos pelo mundo ou por meio de sagrações secretas preservadas no seio de determinadas famílias. O sucessor de Jacques de Molay também teve seus próprios sucessores e a Ordem continuou a trabalhar silenciosamente, enquanto aguardava a maturidade dos templos e a possibilidade de continuar, à luz do sol, a missão que lhe havia sido confiada pelos sábios de Roma e de Constantinopla.

Os anos se passaram rapidamente, mas apesar do ritmo frenético dos tempos modernos e da sociedade de consumo, o espírito cavaleiresco não desapareceu, inspirando grandes iniciativas que realizam um trabalho importante junto à Humanidade.

Dentre essas iniciativas, a fundação de um moderno movimento de cavalaria causou um impacto significativo no final da década passada, trazendo a mais pura flama templária.

Uma cripta, um sábio

Por volta dos anos sessenta, dois franceses encontraram-se na madrugada de uma primavera romana, nas proximidades da Fonte da Tartaruga. Um deles era Raymond Bernard, então Grande Mestre da Ordem Rosacruz na França, e figura de destaque nos principais círculos esotéricos europeus. O outro, era *Jean*, pseudônimo sob o qual ocultava-se um membro de uma importante e histórica família francesa, que perpetuava a tradição templária.

Para que se compreenda melhor a natureza deste insólito encontro, é preciso que recuemos até os anos 40, quando Raymond Bernard, na época um jovem de 16 anos de idade, aplicava-se às aulas particulares de inglês, ministradas por uma cidadã britânica refugiada em sua cidade natal nos alpes franceses. Neste período, em que a Segunda Guerra Mundial não permitia a realização de qualquer empreendimento nobre, as Ordens tradicionais tiveram suas atividades externas seriamente prejudicadas e reprimidas pelos nazistas. Para enfrentar esta situação, a tradição buscou meios alternativos de expressão e fez uso das mais diversas estratégias como, por exemplo, utilizar os canais da Resistência francesa como meio de transmissão de informações e documentação, instruindo na clandestinidade os principais quadros das Ordens Esotéricas. Foi assim que, paralelamente às aulas de inglês, Raymond Bernard recebeu de sua professora inglesa os ensinamentos da Ordem Rosacruz, sem imaginar que no futuro viria a ser um dos principais dirigentes da organização cuja sabedoria lhe era transmitida de maneira tão especial.

Nos anos seguintes ele progride rapidamente nos domínios iniciáticos e faz contato com algumas das mais significativas correntes da tradição cavaleiresca, em vários pontos da Europa.

O encontro misterioso com o aristocrático personagem na noite ro-

Apoiadas numa reflexão em comum, e motivadas pela ação efetiva, as oficinas são a pedra angular do trabalho circeano.

mana, nos anos sessenta, leva Raymond Bernard à antiga cripta da Abadia de São Nilo, em Grottaferrata, a trinta quilômetros de Roma. Nessa cripta, de origem pré-cristã, ele é recebido por um alto dignatário do Templo, um sábio que o seu coração chamou de Cardeal Branco, e recebe então uma sagração especial.

Posteriormente, Raymond Bernard prossegue suas atividades de dirigente rosacruciano, ao mesmo tempo em que procura elaborar um veículo apropriado, através do qual pudesse deixar fluir a mais pura tradição templária. As primeiras tentativas demonstraram claramente que os tempos ainda não estavam maduros e ele resolve esperar o momento preciso para dar início a sua missão.

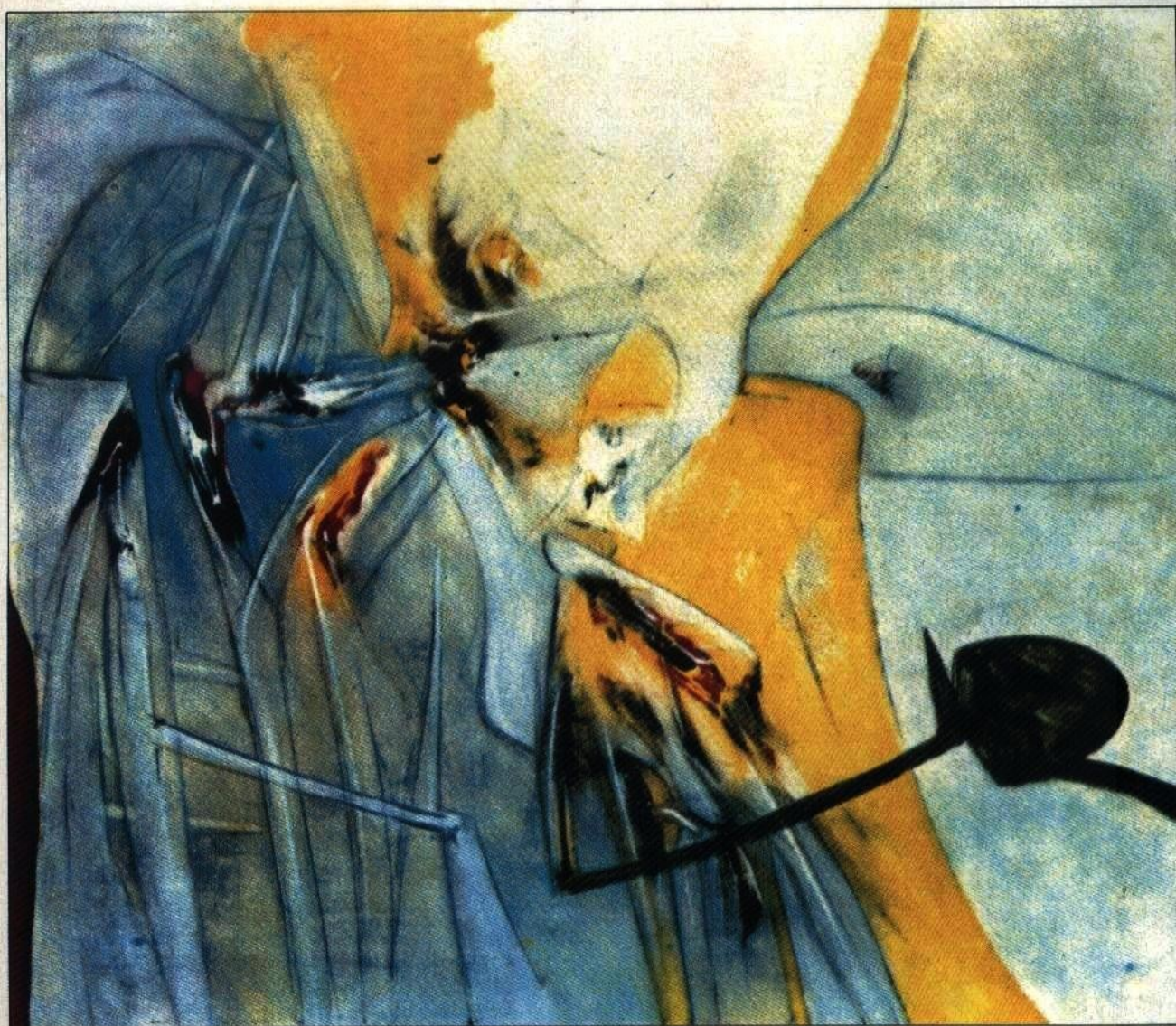
Novos cavaleiros no antigo palácio

Em 19 de fevereiro de 1988, Raymond Bernard funda não uma Ordem, mas um movimento moderno e harmonizado com a Nova Era, com uma proposta de reflexão e ação adaptada às necessidades de expressão do mundo contemporâneo. É criado, então, o Círculo Internacional de Pesquisas Culturais e Espirituais — CIRCES Internacional — que agrupa um grande número de membros articulados em torno de atividades, oficinas, intercâmbio de informações e de um código cavaleiresco que cada um, individualmente, se compromete em aplicar.

Ao mesmo tempo, no Palácio dos Papas, em Avignon, antiga residência de Clemente V, Raymond Bernard sagra os primeiros cavaleiros da Ordem Soberana do Templo Iniciático, a OSTI, estabelecida como um círculo interno do CIRCES, e acessível somente aos membros do círculo externo em condições de transpor as provas tradicionalmente exigidas.

Na estrutura prevista por Raymond Bernard e pelo Conselho Supremo da organização, a OSTI desempenha uma dupla função: inspirar as atividades do círculo externo do CIRCES e preservar uma busca interna ainda mais específica, originada na Ordem Pitagórica Internacional (OPI), organizada no círculo interno como uma grande universidade mística.

Após sua fundação, o CIRCES ampliou suas atividades, realizando encontros internacionais através dos quais mantém vivo o intercâmbio entre seus membros em todo o mundo e estreita suas relações de amizade com outros movimentos tradicionais.

Atualmente, depois do Grão-Mestre Raymond Bernard ter confirmado a estruturação da nova cavalaria, em cerimônia fechada, na presença de mais de mil Cavaleiros de todo o mundo, uma egrégora assume o seu novo corpo e a cavalaria toma o seu lugar na aurora do terceiro milênio.

Jung apaixonado

A SECRETA SIMETRIA COM SABINA SPIELREIN

Por José Raimundo Gomes

ENTREVISTA

É comum que pacientes se apaixonem por seus terapeutas. Mas é raro que ocorra o contrário ou, pelo menos, que o terapeuta reconheça em si mesmo isso que se chama *transferência amorosa*. Entre C.G. Jung e Sabina Spielrein, aconteceu. Por que não?

Entrevista com Aldo Carotenuto

Hospital Psiquiátrico Burghölzli, 1900. Aqui se desenvolve a pesquisa avançada sobre a origem e significado da doença mental. Seu diretor, Eugen Bleuler, em pouco tempo transformará o termo *demência precoce* em *esquizofrenia*, apontando para uma causa psicológica dos distúrbios da afetividade.

Não muito longe de Zurique, um anônimo neurologista apronta-se para conquistar o mundo e lançar as bases de uma nova visão dos processos psíquicos. Da Bergasse 19, uma modesta rua no centro da sofisticada Viena, Sigmund Freud trabalha dia e noite na elaboração do livro que se transformará brevemente em fonte de luz inesgotável para aqueles que irão se reunir em torno do mago vienense. A estes eleitos, que reconhecem as idéias de Freud, bem como sua ambição de reformular as ciências, ele próprio chamará de *Horda Selvagem*.

Especialmente sobre um destes, o olhar de Freud se dirige. É um jovem alto, forte, filho de um pastor protestante e recém-casado com a filha de um rico industrial suíço. Ele prepara-se para assumir o disputado posto de médico-assistente no famoso hospital Burghölzli. Em seu currículo, um livro já editado sobre a psicologia dos fenômenos mediúnicos. Na bagagem, muitos projetos e sonhos a serem realizados. No coração, um infinito anseio de desbravar o inconsciente e resgatar velhos tesouros ocultos. Trata-se de Carl Gustav Jung, a quem Freud, no futuro próximo, chamará de filho adotivo e elegerá príncipe herdeiro de suas descobertas.

O jovem Carl passeia todas as tardes pelas mórbidas enfermarias apinhadas de seres humanos abandonados e bombardeados de medicamentos. Conversa e ouve com atenção os delírios de seus pacientes. No seu bloco de anotações vai registrando tudo, pois sabe que não são destituídos de sentido e que revelam o caráter mais profundo dos abismos, de regiões psíquicas nunca antes exploradas.

Quatro anos depois, 17 de agosto de 1904. De pé, no pavilhão dos doentes graves, Jung conversa com um homem que diz ter visto Deus naquela madrugada e que este o tinha encarregado de salvar a Humanidade. A idéia de Deus é algo que comove Jung, mas naquele dia sua atenção parecia não acompanhar a história daquele homem que gesticulava de forma brusca e desajeitada.

Os olhos de Jung estão fixos em outro lugar. Parecem hipnotizados por alguma miragem no fundo do corredor. Em um dos cantos está agachada, com o rosto entre as pernas e as mãos sobre a cabeça, uma mulher com cerca de 20 anos e que dera entrada naquele dia no hospital. Sua postura parece revelar uma terrível dificuldade de ver o mundo.

Sem conseguir disfarçar o forte impacto que aquele quadro lhe desperta, Jung vai até a mulher. Suave, pergunta seu nome. Ela não responde, permanecendo com a cabeça entre as pernas. Ele insiste. Ela permanece imóvel. Jung decide abaixar-se e carinhosamente toca seu rosto, erguendo-o. Fica estarrecido com tanto sofrimento roendo a alma daquela jovem. Sente um irresistível desejo de ajudá-la. O alegre Carl estende sua mão para puxá-la do labirinto da psicose. Muitas vezes, porém, ele cairá por terra, se arrastará e momentaneamente perderá sua rota, também levado pela psicose. Aprenderá dolorosamente que aquele desejo intenso que brotou em seu coração tem um nome. Chama-se amor.

Sua vida será desfeita e reconstruída a partir da experiência fundamental de estar completamente perdido na paixão. A dor se instalaria nele por longos anos e cada gota do que escreverá no futuro sobre *transferência amorosa* guardará a amarga e doce saudade daqueles difíceis dias de sua vida.

Através desta entrevista realizada em Roma com o Dr. Aldo Carotenuto, contaremos um pouco da história do envolvimento que se deu entre Jung e Sabina Spielrein, e suas conseqüências na vida e obra de cada um deles. O caso é fartamente documentado pelas cartas trocadas entre Sabina, Jung e Freud, além do diário dela. Estes documentos foram casualmente encontrados no Palais Wilson, em Genebra, e estão hoje em poder do dr. Aldo Carotenuto, em Roma.

Logicamente, nossa intenção neste trabalho não é o julgamento moral dos personagens deste episódio, mas apenas a contemplação, em toda sua intensidade, da grande realidade da vida: o amor.

Os psicanalistas não gostam de falar sobre suas experiências amorosas.

ANO ZERO: — Como o senhor se deparou pela primeira vez com o nome da Dr.ª Sabina Spielrein?
ALDO CAROTENUTO — Estudando a correspondência entre Freud e Jung encontramos logo no início uma carta onde Jung pede algumas observações a Freud acerca de um caso difícil que começara a tratar. Com muita reserva o nome da paciente ainda não aparece, somente a sua sintomatologia, que é diagnosticada como "Histeria psicótica". Hoje, sabemos com precisão que a paciente internada no hospital psiquiátrico Burghözli a que Jung se refere é Sabina Spielrein.

AZ — Quem era Sabina Spielrein?
AC — Uma mulher muito bonita que sofria de uma grave doença. Provavelmente era esquizofrênica. Nascera na Rússia e os pais, ricos judeus, a levaram para Zurique com o intuito de submetê-la a um sério tratamento. Nesta época, por volta de 1906, Jung desenvolvia um trabalho de pesquisa sobre as associações de palavras ao mesmo tempo que aplicava o método de Freud no tratamento de psicóticos. O próprio Jung informa a Freud que trata Sabina pelo método psicanalítico e ainda neste ano apresenta o caso no 1.º Congresso Internacional de Psiquiatria e Neurologia de Amsterdã.

AZ — Quais eram seus sintomas?
AC — Alucinações visuais alternadas com crises de choro, risos e gritos. Conseguia reter as fezes por mais de duas semanas e mantinha sempre a mão sobre o rosto porque não podia olhar as pessoas. A imagem da defecação atormentava sua alma. Masturbava-se compulsivamente. Jung a encontrou neste estado, abandonada na enfermaria do hospital. Sabina tinha, nesta época, cerca de 20 anos e Jung, 33.

O psiquiatra Eugen Bleuler (abaixo, à esquerda), diretor do Hospital Burghölzli. À direita, Emma Jung: supõe-se que a carta anônima tenha sido escrita por ela

AZ — Durante quanto tempo permaneceu internada?
AC — Ela era efetivamente uma mulher de sorte. Em muito pouco tempo Jung consegue bons resultados terapêuticos utilizando o método freudiano e os avanços de suas pesquisas sobre os complexos. Em menos de um ano Sabina consegue livrar-se em grande parte das alucinações e das crises nervosas podendo ser tratada na clínica particular de Jung.

AZ — Existe apenas uma referência a Sabina na correspondência entre Freud e Jung? E mesmo assim não explícita?
AC — De forma alguma. Muitas outras vezes Sabina será citada nas cartas mas Jung manterá segredo em torno de seu nome porque estará envolvido amorosamente com ela. É a própria Sabina quem toma a iniciativa e resolve escrever para Freud solicitando um encontro pessoal, em Viena, na tentativa de resolver seus problemas com Jung. Isto ocorre em junho de 1909, cinco anos após o início do seu tratamento.

AZ — Antes de entrarmos neste plano da transferência, gostaria de saber como os documentos que comprovam este caso de amor entre terapeuta e cliente vieram parar nas suas mãos.
AC — É uma história muito curiosa. Quando eu estudava a extraordinária correspondência entre Freud e Jung, selecionei todas as passagens relacionadas a este caso difícil e comparei com o livro autobiográfico de Jung *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Aí Jung fala de uma voz feminina que habitava a sua alma. Esta voz era identificada como a de uma mulher que tinha sido sua cliente, uma psicopata que fizera uma forte transferência nele. Logo pude perceber que as datas das cartas a Freud, comentando o caso, coincidiam com a do aparecimento da voz feminina. Não tive dúvidas: a experiência da ânima que Jung realizara estava irremediavelmente relacionada a Sabina e a voz feminina que lhe falava a partir de seu mundo interior não era de outra mulher senão daquela que encontrara internada no Hospital psiquiátrico.

AZ — E os documentos? Como chegaram até o senhor?
AC — Eu havia escrito um livro chamado *Senso e Contenuto della Psicologia Analitica* (*Sentido e conteúdo da Psicologia Analítica*) onde tinha formulado a hipótese de que este caso, de Sabina Spielrein, tinha sido exemplar na vida de Jung. O meu amigo de Universidade, Carlo Trombetta, ficou muito entusiasmado com as minhas conclusões e conversando com De Morsier, seu amigo suíço, comentou as minhas suposições acerca do envolvimento amoroso entre Jung e Sabina. Não sei por que cargas d'água De Morsier guardou o nome de Sabina Spielrein. Tempos depois ele ligou para o Trombetta avisando que foram encontrados no Palais Wilson, em Genebra, alguns documentos que pareciam ter pertencido a Freud, Jung e Sabina

Spielrein. O Palais Wilson era a antiga sede do Instituto de Psicologia. De Morsier perguntou: "aquele seu amigo Carotenuto não estaria interessado neles?" Uma semana depois os documentos estavam sobre a minha mesa de trabalho.

AZ — Em que consiste este material?

AC — São cartas trocadas entre Freud, Jung e Sabina Spielrein, e o diário dela. O valor destes documentos para história da psicologia é inestimável e mostra com incrível sensibilidade humana o quanto a psicologia é, acima de tudo, uma experiência pessoal.

AZ — Foi fácil conseguir a permissão das famílias dos envolvidos para a publicação dos textos?

AC — A família de Freud e de Sabina não se opuseram. Mas não foi tão fácil conseguir a permissão de Franz, filho de Jung. Durante muitos anos insistimos na necessidade de liberarmos estes documentos para o público em geral e, finalmente conseguimos publicar quase todo o material.

AZ — Faltam as cartas de Jung para Sabina.

AC — É verdade.

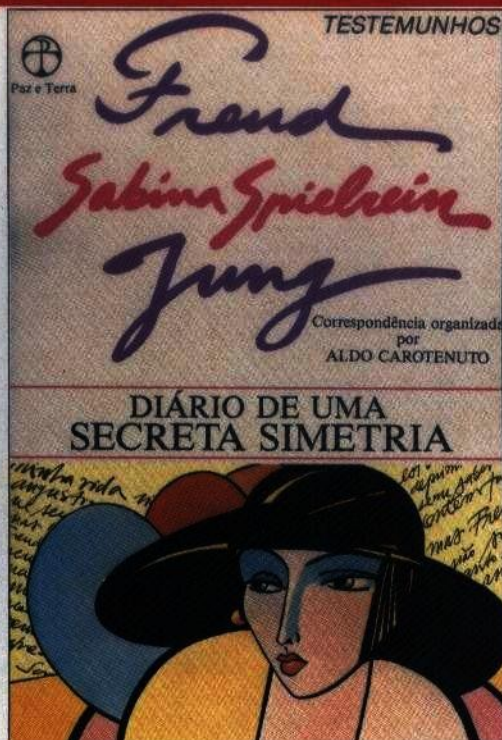
AZ — Por quê não foram publicadas?

AC — Porque não foi permitido. Mas tenho certeza que muito em breve conseguiremos editá-las.

AZ — Estivemos recentemente com Franz Jung (entrevista publicada em Ano Zero, nº 6) quando comentei estes documentos e sua publicação. Tive a impressão de que este é um assunto especialmente embaraçoso para a família.

AC — Não há nenhum motivo para embaraço. Estes documentos revelam profundamente o aspecto emocional e humano do envolvimento entre Jung e Sabina Spielrein. Não há nada de ameaçador no amor e suas mais distintas expressões. Por isso penso que a situação desencadeada pela publicação de meu livro não deva provocar nenhum julgamento moral sobre o comportamento de Sabina ou Jung. A psicologia não lida com estas questões. O importante é saber se você está na direção de sua própria realização e se o que está em jogo for amor verdadeiro, vale a pena ir até o fim ainda que se tenha de lutar contra os preconceitos. E neste sentido Jung e Sabina são exemplos luminosos deste processo.

AZ — Em seu livro *Diário de uma secreta simetria* o senhor divulgou o caso Jung-Sabina Spielrein. Qual foi a repercusão disso nos círculos psicanalíticos?

AC — Não foi tão má. Algumas pessoas mais velhas falaram-me que talvez fosse melhor destruir os originais pois ao ser liberado para o grande público poderia prejudicar a imagem dos envolvidos e mesmo da psicanálise. Ora, não há nada sobre a face da terra que seja vergonhosa para a psicanálise, sobretudo o amor. Estas pessoas que sugeriram tal coisa não eram inteligentes e

No livro* Diário de uma secreta simetria, *Aldo Carotenuto relata a história da* transferência amorosa *entre Sabina e Jung

nem mesmo bons analistas. Entretanto, a grande maioria percebeu a importância desta descoberta e a maior prova disto é que meu livro já foi traduzido em inúmeros países, inclusive no Brasil e Japão.

AZ —- Afinal, o que se passou entre Sabina e Jung?

AC — Um caso de amor. Jung irá se envolver até a medula com Sabina e muitas outras pessoas irão participar desta terrível e fascinante aventura onde vida e morte irão alternar-se, revelando aspectos da experiência humana até então desconhecidos para os instrumentos da psicanálise. Freud participará de todo o desenrolar deste processo onde, por mais de uma vez, Jung perderá sua rota.

AZ — Esse caso amoroso envolvia sexo?

AC — Não se pode provar isto com segurança. Muito provavelmente sim, mas todo analista, de modo geral, passa por essa experiência de estar apaixonado. Evidente que a grande maioria dos analistas não gosta de falar sobre isto. Mas faça uma enquete e você vai constatar a quantidade de psicanalistas que acabam por ter um caso ou mesmo casam-se com clientes. Eles têm medo de falar sobre isto e se protegem por debaixo da couraça teórica. Estes sujeitos não fazem as experiências fundamentais da vida. Realmente têm medo dela. Jung e Freud tiveram esta coragem, por isso são gênios. O que escreveram é o retrato fiel de sua própria vida. Bruno Bettekrei diz, no artigo que dedica à análise do meu livro, que Jung só foi capaz de enfrentar a psicose de Sabina porque estava apaixonado. Isto é lindo demais e certamente o mistério da análise.

Jung e Freud tiveram coragem para vivenciar as experiências fundamentais da vida. Por isso foram gênios.

Bruno Bettelheim: *"Jung só foi capaz de enfrentar a psicose de Sabina porque estava apaixonado".*

Cartas escritas por Sabina Spielrein (ao lado) e Jung (página seguinte)

AZ — Amor significa ter que ir para cama com o cliente?

AC — Claro que não. Mas nestes caso parece ter sido necessário. Por que não? Não posso provar que isto aconteceu, mas Jung enamorou-se dela e com amor a salvou da psicose. Isto é um fato. Se eu não amo meus pacientes então não lhes dou atenção e eles se tornam simplesmente uma fonte de renda de onde tiro meu sustento. Jung sequer cobrava pelo tratamento de Sabina, no qual investiu "toneladas de paciência" como diz numa carta a Freud. Por isso digo: se algo aconteceu entre os dois envolvendo sexo, sorte deles.

AZ — Você parece relativizar a posição de Jung...

AC — Claro. As situações amorosas que acontecem ainda hoje nos nossos consultórios não são diferentes das que viveu Jung. O amor é sempre o amor e como disse, pelo fato de ser transferencial nem por isso é menos amor. Eu diria mesmo que é mais amor. Para mim não existe texto mais confuso de Freud em toda sua obra do que aquele em que ele trata destas questões por isso é capaz de formular em "O mal estar da civilização" que nunca estamos tão desprotegidos senão quando amamos, e nunca tão irremediavelmente infelizes senão quando perdemos a pessoa amada ou o seu amor. É isto, nós, terapeutas, somos obrigados, pelo tipo de trabalho que escolhemos, a aprender a lidar com estes sentimentos perturbadores.

AZ — E qual a resposta de Freud ao pedido de encontro de Sabina?

AC — Freud recebeu muitas cartas de Sabina, mas só foram conservadas duas das vinte e uma que ele escreveu a ela. Mas não foi difícil para ele, especialista em decifrar enigmas, descobrir que aquela desconhecida estava relacionada de alguma forma a Jung. Na certa valeu-se do endereço de Sabina: Pensão Hohenstein, Platterstrasse 33, Zurique. Imediatamente envia um telegrama a Jung revelando-lhe o acontecimento e aproveita para perguntar-lhe se tratava-se uma tagarela ou de uma paranóica.

AZ — Mas qual o interesse de Sabina neste encontro com Freud?

AC — Queria contar a Freud a sua versão. Até aquele momento ele só conhecia o que era falado por Jung e, convenhamos, Jung muitas vezes pintou um quadro de acontecimentos onde parecia ser completamente vítima das diabólicas estratégias de sedução de sua cliente. Mas apesar de Sabina contar-lhe o que pensava e sentia em relação a Jung e das atividades deste em relação a ela, Freud não se deixou convencer. Numa carta datada de 18 de junho de 1909, diz a Jung que é impossível evitar "pequenas explosões de laboratórios".

AZ — Mas Freud amava Jung...

AC — Por isso não é capaz de enxergar a trágica situação de Jung. Não percebe que o amor que ele tem por Sabina é sincero mas nem por isso deixa de ser psicótico porque vale-se de uma situação analítica, onde todas as resistências dos envolvidos estão em jogo. De qualquer forma, com fina percepção demonstra um conhecimento profundo da psique feminina quando diz a Jung que algumas mulheres têm uma incrível capacidade de movimentar, como estímulos, todas as astúcias psíquicas possíveis até que consigam seus objetivos e que esta dança representa um dos mais belos espetáculos da natureza.

AZ — O caso parece ter vazado em direção aos pais da cliente, que se encontravam na Rússia. Provavelmente uma carta anônima, posteriormente identificada como escrita pela própria Emma Jung, tenha advertido a família de Sabina do que acontecia.

AC — A situação se agravou bastante com este incidente. Os pais de Sabina vão até Zurique ver de perto o que está acontecendo e o próprio Freud, num momento quase patético, se compadece de Jung quando, para ajudar o filho adotivo, diz que ele mesmo já havia passado por difíceis situações, mas nenhuma havia chegado a este ponto.

AZ — Parece que este caso traz em si todos os ingredientes para levar os seus autores à mais profunda loucura ou mesmo ao crime passional. Houve um momento em que Sabina, sentindo-se traída por Jung, deu-lhe um tapa no rosto.

AC — Sim, a situação se agravou a tal ponto que por alguns momentos tem-se a impressão de que uma tragédia maior ainda está por vir. Sabina ameaça contar toda a história para Bleuler, que é diretor do Hospital onde Jung trabalha, vai até Viena conversar com Freud, seus pais correm para Zurique para ver o que se passa, enfim, o despertar de forças psicológicas no inconsciente de Jung quase o leva à total destruição. Mas há dentro dele alguma coisa imensamente forte que não o deixa sucumbir. É difícil compreender algumas coisas...

Jung: "Minha experiência médica, como minha vida pessoal, colocaram-se constantemente diante do mistério do amor e nunca fui capaz de dar-lhe uma resposta válida".

AZ — E o incidente da agressão?

AC — É um momento dramático. Sabina se sente absolutamente traída em seu amor. Recorda que muitas vezes foi capaz de ficar em mudo êxtase para ver seu terapeuta chorar e reconhecer o quanto era incapaz de compreender de imediato os acontecimentos de sua vida. Recorda que aquele homem alto, forte, rico e famoso, o mais brilhante de todos os discípulos de Freud e escolhido por este para ser o grande sucessor e príncipe herdeiro, o homem que a havia libertado da psicose, ele mesmo, agora, parecia um menino desprotegido e carente. Não era possível que este homem fosse capaz de fazer com ela experiências, que fosse capaz de escrever para seus pais negando todos os acontecimentos que juntos haviam vivido. A traição do amor transferencial não é qualquer traição. É uma ferida funda. É assim que Sabina se sente alvejada. Por isso insiste que Jung volte a atendê-la novamente. Numa das sessões se dá conta de que está com uma faca na mão. Jung se precipita em sua direção para impedi-la de cometer uma loucura. Depois da luta, transtornada, se vê na rua, onde algumas pessoas chamam sua atenção para o sangramento que escorre de suas mãos e braços. Percebe que o sangue não é seu e pensa que esfaqueou Jung. Acalma-se e só então recorda que atingira-o com um soco na têmpora e não usara a faca.

AZ — Não é fácil compreender como Jung permitiu que o tratamento pudesse chegar a este ponto...

AC — Tão difícil quanto compreender a atuação de Jung é ver como Freud se comportava em relação aos dois.

AZ — Como Freud se comportava em relação a eles?

AC — Apoiava incondicionalmente todas as iniciativas de Jung e perdia totalmente a objetividade dos fatos. Mas depois de 1913, quando há o rompimento entre eles, inicia uma série de ataques contra Jung. Isso se vê claramente pelas cartas que Freud escreve para Sabina Spielrein. Numa delas, diz que seu conceito sobre "o seu herói germânico" mudou muito, e que estava decepcionado porque, depois de tudo, ela ainda continuava apaixonada por Jung.

AZ — E Sabina continuou apaixonada por Jung?

AC — Sim, continuou apaixonada por Jung mas nem por isso se tornou infeliz. Casou-se, teve filhos e pode compreender toda a diabólica engrenagem em que havia se metido. Sabina nunca negou o amor que tinha por Jung e a admiração que nutria por Freud. Numa carta datada de 1918 diz a Jung que este precisa ter coragem suficiente para reconher toda a grandeza de Freud mesmo que não concordasse com ele. "Somente assim," diz ela, "você será realmente livre".

Dr. med. C. G. Jung LL.D. 21.VI.16.

Liebe Frau Doktor!

C.G. Jung, na época

AZ — O senhor não acha que todo esse amor de Jung por Sabina está relacionado a uma questão sexual mal resolvida?

AC — Paul Stern, um psicanalista londrino e duro crítico de Jung, diz, em um de seus livros, que Jung se interessava bastante pelas mulheres que apresentavam personalidades muito complexas e problemáticas. Mas sou de opinião que o que mais atraiu Jung em direção a Sabina foi a psicose dela. Jung vai se reconhecer aí, na loucura, e vai descer por ela, conseguindo sobreviver às torrentes avassaladoras do inconsciente. Hoje nós sabemos da realidade da *ânima* e de sua imoportância na psicologia masculina, mas até então não tínhamos pistas sobre seu poder de atuação.

AZ — Jung não me parecia feliz no casamento. Esta insatisfação não poderia ser a fonte geradora de toda esta situação?

AC — Acredito efetivamente que Jung não amava Emma. Amou Sabina e Toni Wolff. O próprio Freud analisa um sonho que Jung lhe narra sem assumir que é seu e chama atenção para a frustração do "paciente" nesta área da sexualidade.

AZ — E como ficou Jung a partir desta experiência?

AC — Sim. Isto é o fundamental. Jung e Sabina saíram disso tudo profundamente transformados. Ela continuou amando Jung profundamente e por isso conseguiu casar-se e ter filhos. Mais do que isto, conseguiu chamar a atenção dos dois titãs do inconsciente para as neuroses que os impediam de ficar juntos e assim produzirem. Sabina nunca rompeu com Jung ou com Freud. Permaneceu amiga dos dois, transformando-se numa espécie de convergência simbólica.

José Raimundo Gomes é analista junguiano e pesquisador do Instituto de Estudos da Religião

"O senhor quer que eu me reconcilie com o dr. Jung? Mas nós não brigamos. Eu desejo acima de tudo separar-me dele com amor." (carta de Sabina Spielrein para Freud)

EXORCISTAS DESASTRADOS

Em julho de 1976, na cidade de Klingenberg, Alemanha Ocidental, uma jovem estudante faleceu por causa de uma suposta possessão demoníaca. Dizendo-se perturbada por forças maléficas, Anneliese Michel, aos 16 anos, deixou de ser a menina alegre, meiga e saudável, querida por todos, para se tornar uma pessoa deprimida, amarga e agressiva. A despeito de ter sido sempre uma atuante católica, passou a odiar a Igreja e seus símbolos religiosos. Sempre agitada e tensa, raramente dormia. Reclamava de queimações internas e evitava comer. Após dez meses de submissão a rituais de exorcismo, sancionados pela Igreja católica, Anneliese acabou morrendo, aos 23 anos, por inanição. Seus pais, Anna e Josef Michel, e os sacerdotes envolvidos no caso, foram condenados pela Justiça por homicídio culposo.

MAIS DO QUE TERRÍVEL

Em 1555, Ivan Vasilyevich (1530-1584), conhecido como Ivan IV, o Terrível (primeiro czar da Rússia), mandou edificar a Igreja de São Basílio em Moscou. Ficou tão impressionado com a obra dos dois arquitetos, Barma e Postnik, que mandou cegá-los para que jamais pudessem desenhar uma construção igualmente bela.

• • •

Ao contrário do que muitos imaginam, algumas das mais antigas e interessantes observações de OVNIs foram feitas por astrônomos. À 01:30h de 9 de julho de 1686, por exemplo, o astrônomo alemão Gotfried Kirch, registrou que "um globo incandescente, munido de cauda, apareceu a cerca de 8º 1/2 de Aquário, e aí permaneceu imóvel durante 1/8 de hora. Seu diâmetro era de aproximadamente metade do da Lua. Ele emitia tanta luz que inicialmente podia-se ler sem castiçal. Em seguida desapareceu de seu lugar, mas muito lentamente."

• • •

Cerca de 100 anos de ação de poluentes nos ares de Nova York, EUA, danificaram mais a Agulha de Cleópatra — um obelisco de granito inteiramente coberto de hieróglifos — do que 3.500 anos de exposição à aridez do Egito.

A história da Arca de Noé foi escrita muito antes da versão incluída na Bíblia. Em "A Epopéia de Gilgamesh" os antigos sumérios descreveram como Utnapishtim ("Noé") recebeu orientações, por vias paranormais, para construir um barco a fim de sobreviver ao dilúvio. As narrativas certamente estão associadas. Entre os diversos pontos em comum, contam que pássaros foram soltos para ver se já aparecera terra firme.

• • •

Thomas Young (1773-1829), médico e físico que estabeleceu a teoria da onda luminosa, foi uma criança prodígio. Com dois anos já sabia ler e, aos quatro, lera toda a Bíblia duas vezes. Em sua juventude estudou doze idiomas e aprendeu a tocar diversos instrumentos musicais. Em 1814, começou a estudar a Pedra de Rossetta e foi o primeiro a conseguir significativo avanço na decifração dos hieróglifos egípcios.

• • •

Se os 23 milhões de quilômetros cúbicos de gelo do mundo derretessem de uma só vez, o volume dos oceanos aumentaria em apenas 1,7 por cento, mas isto seria o bastante para elevar o nível do mar em aproximadamente 60 metros, fazendo submergir edifícios de vinte andares.

CADA UM NA SUA

Um místico indiano que atende pelo nome de Sanjay faz questão de mostrar que as antigas práticas de controle da mente sobre o corpo permanecem vivas na Índia. O iogue, de 35 anos, deixa-se enterrar mantendo as mãos e os antebraços expostos na superfície. Nesta foto, Sanjay completava mais de 36 horas de "animação suspensa", obtida através de técnicas de meditação. O meditante normalmente ganha donativos de peregrinos e turistas admirados com seus feitos.

NA HORA DE ANUNCIAR, EXIJA ESTE SELO DE QUALIDADE.

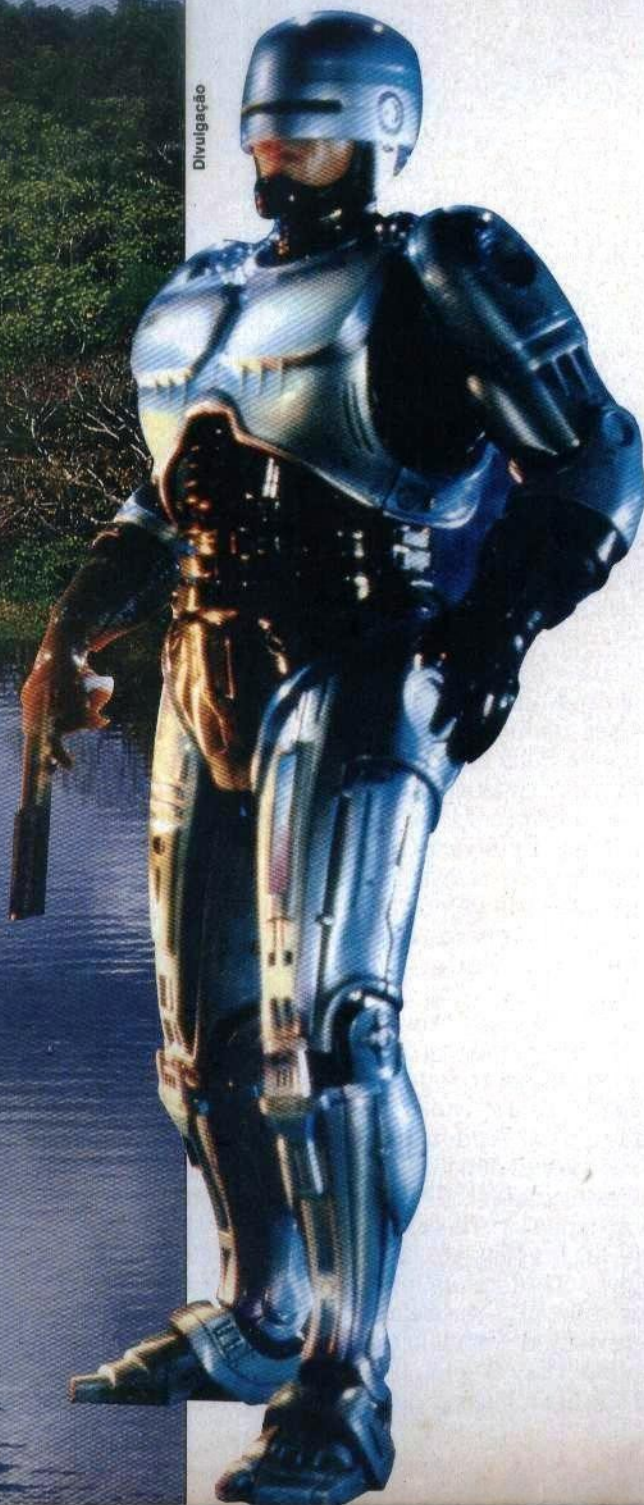
POLEN
PROPAGANDA POR NATUREZA

Rua Sorocaba, 585 - Botafogo - RJ - CEP: 22.271 - Tels.: (021) 286-9112/286-9732/286-9572/286-9392 - Telex (21) 31353 - Fax: (021) 537-2297

Sigla

Divulgação

Das fábricas para as florestas

SUA EXCELÊNCIA, O ROBÔ

O futuro pertence a eles? Previstos pelos escritores de ficção científica e por diretores de cinema vanguardistas, os robôs saltam dos livros e das telas para o dia-a-dia das grandes empresas multinacionais e agora prometem chegar às florestas. Se bem manipulados, eles serão instrumentos valiosos na exploração racional dos recursos naturais, contendo a destruição ambiental.

por Ana Cristina C. Rodrigues

Os robôs estão nas florestas. Ao invés de tratores e motosserras, passamos a utilizar os robôs florestais: trabalhadores hiper-resistentes e altamente especializados. Criaturas mecânicas, especialmente criadas para agir dentro das florestas tropicais, ajudando os brasileiros numa importante tarefa: aproveitar economicamente e, ao mesmo tempo, conservar as maiores florestas tropicais do planeta.

Só robôs podem perscrutar o fundo dos oceanos ou o infinito dos céus, suportando condições ambientais adversas, em que nós não sobreviveríamos. As profundezas inabitadas das gigantescas florestas tropicais existentes no Brasil também são espaços que, para serem melhor explorados, necessitam de equipamentos de alta tecnologia. Os robôs são nossos auxiliares na preservação, por uso racio-

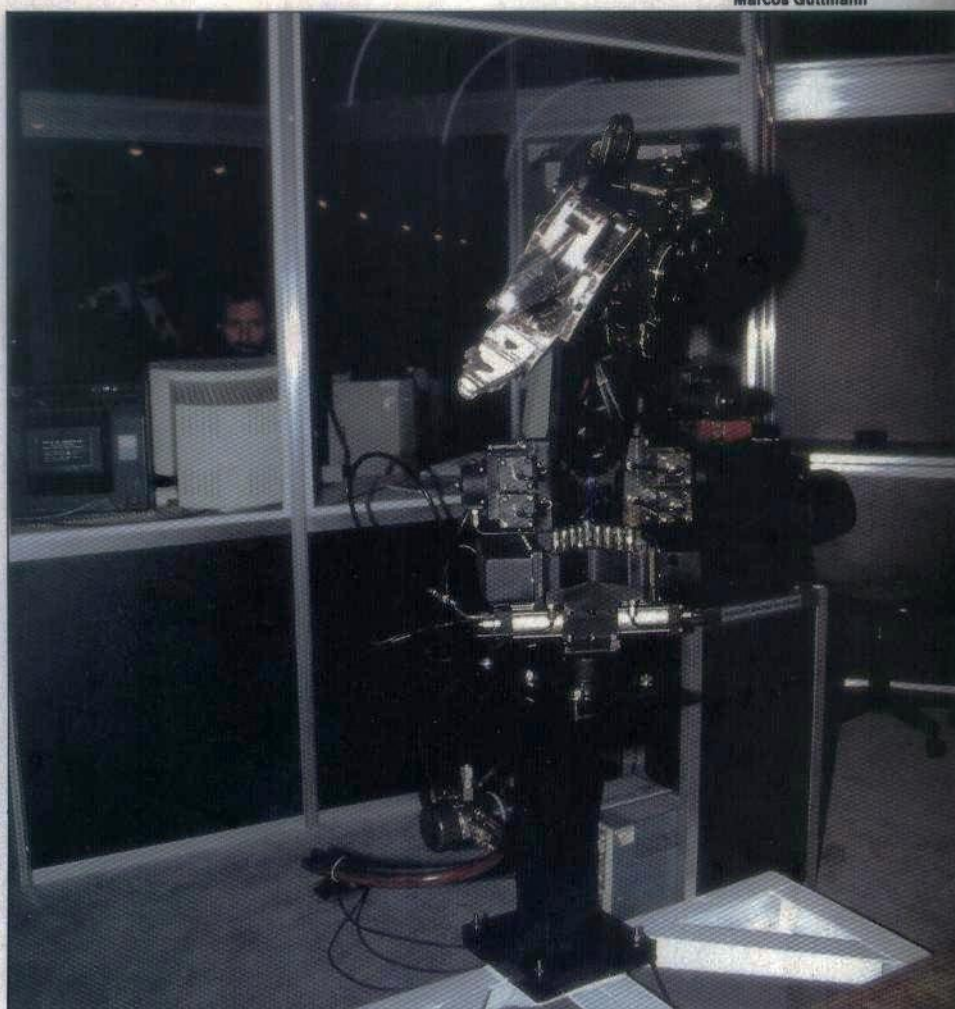
nal, dos recursos naturais deste país — maior nação florestal do mundo.

Em linhas gerais, qualquer mecanismo automático que execute trabalhos e movimentos humanos, é considerado um robô. Antes, porém, que esta palavra assumisse o significado que hoje possui em quase todos os idiomas, o termo empregado para definir o que hoje conhecemos como robôs era *andróide*: autômato de figura semelhante ao homem, quase humano, dotado de inteligência e força física. Reuniam, portanto, as características atualmente repartidas entre computadores (habilidades cerebrais) e máquinas (habilidades corporais). *Andróide* também vem a ser sinônimo de antropopiteco: animal fóssil intermediário entre os macacos e os homens. Recentemente, as pesquisas americanas com os robôs-insetos ampliaram ainda mais o campo semântico da palavra robô. Hoje, ela transcende o significado da palavra andróide. Conseqüentemente, o objeto que esta palavra nomeia pode libertar-se da figura humana como padrão formal.

Para que possamos compreender claramente como os robôs florestais podem ser importantes e viáveis no Brasil, é preciso que estejamos conscientes do processo histórico e cultural, sofrido pela civilização da qual fazemos parte. Seremos orientados neste percurso pelos conceitos e informações emitidos por Isaac Asimov, pai da moderna ciência robótica, através de sua obra de ficção científica.

A Humanidade e os homens mecânicos

Segundo Isaac Asimov, nem sempre os robôs foram vistos de modo amistoso. Em seu livro *Os Novos Robôs*, ele nos conta que na Europa, o continente mais automatizado do planeta, houve tempos em que estes eram considerados monstruosidades que, mais cedo ou mais tarde, acabariam por destruir seu criador. A simples idéia de que um dia fosse possível construir um homem mecânico — dotado de vida e inteligência artificiais e alimentado por eletricidade — era proibida e pecaminosa. Assim, apesar de não existirem condições mínimas para realizar esse sonho da Ciência, a mera hipótese de sua criação permaneceria por muitos séculos como um tabu.

Marcos Guttmann

O robô submarino da Petrobrás é controlado à distância

Essa barreira cultural, entretanto, recuaria mais tarde sob o impacto do progresso tecnológico. A Europa veria os navios, locomotivas e bombas d'água e a vapor, surgindo em lugar de suas caravelas, caravanas e moinhos de vento. Os frutos da ciência certamente seriam úteis à sociedade. Poderiam — quem sabe? — até mesmo criar vida.

Em 1791, o cientista Luigi Galvani descobrira que músculos de rãs contorciam-se ao receber descarga elétrica, e a isto chamou de eletricidade animal. A primeira pilha é criada na mesma época e pouco depois é aperfeiçoada (1807/8). O resultado disso é que a pilha passa a provocar infinitas reações em laboratório. No campo da literatura, surgem obras que refletem a atmosfera daqueles tempos. Frankenstein, romance da inglesa Mary Shelley publicado em 1818, "era a história de um cientista que cria um estranho e horrível ser em seu laboratório. O monstro não encontra lugar na sociedade humana e, em sua dor, volta-se contra seu criador e entes queridos." Mata a família e vai para uma floresta onde, presume-se, morre de remorso. O livro ficou famoso em todo o mundo e Frankenstein virou sinônimo de criatura que destrui seu criador.

Se por um lado esta obra exprime uma certa euforia moderna em torno das investigações científicas por outro resgata o eco de séculos passados, trazendo de volta a figura de Fausto, um personagem da Alemanha renascentista. Duzentos anos antes de Frankenstein, Fausto fora destruído por Metistófeles — cria amaldiçoada de seu saber proibido. E esse temor antigo da humanidade, a despeito de todas as conquistas provenientes da mecanização, não chegou a desaparecer por completo. A I Guerra Mundial e suas inú-

Robô desenvolvido pelo Survival Research Laboratories, em São Francisco

meras máquinas de matar trouxeram novo impulso ao que Asimov chamou de "complexo de Frankenstein": medo inexplicável de máquinas e, principalmente, de robôs.

O batismo dos autômatos

A palavra robôs foi utilizada pela primeira vez para dar nome ao andróide, em 1921 na peça R.U.R. (Robôs Universais Rossum), escrita pelo tcheco Karel Kapek. Como o Dr. Frankenstein, o Sr. Rossum descobre um jeito de fazer seres humanos artificiais aos quais dá o nome de *robots*, um vocábulo tcheco que significa *trabalhador* e que foi adotado em todos os idiomas. Os robôs eram os operários desse mundo imaginário e as pessoas, já sem razão de viver, paravam de ter filhos. Até na guerra usavam-se robôs-soldados. Um belo dia, eles viraram a mesa e passaram a dominar o mundo. "Mais uma vez o Fausto científico é destruído por sua criatura metistofélica", lamenta Isaac Asimov."

A peça R.U.R. foi apenas uma entre as muitas histórias da ficção científica pós-I Guerra, em que o cientista maléfico ou tolo estava sempre presente. É justamente na década de 20 que este gênero literário se populariza. Surgem escritores e revistas especializadas. As histórias de robôs são obrigatórias e bastante variadas, porém, com alguma coisa em comum: os robôs eram criaturas mefistofélicas, destinadas a matar aqueles que lhes deram vida.

Aborrecido com a monotonia das histórias em que robôs sempre venciam a cientistas e se davam mal, Asimov começa a escrever suas histórias de robôs a partir de 1940 e Robie, a saga de um robô-babá, foi publicada em outubro desse ano pela Super Science Stories, com o título de "Estranho companheiro de brinquedo". Para Asimov tudo era diferente: "Devemos involuir ante os perigos do saber?! Fausto deve enfrentar Mefistófeles, mas não precisa perder!" Nas histórias de Asimov, robô era sinônimo de trabalhador, e não de perigo. Comparava-os a utensílios e aparelhos mecânicos considerados inofensivos, como facas e automóveis. O autor frisa que o mau uso de qualquer dessas coisas pode ser tão perigoso quanto o de um robô. Seus robôs eram de paz, o que não era totalmente inédito. Homero contou, 2.500 anos atrás, no livro XVII da Ilíada, que o ferreiro Hefaisto possuía duas jovens feitas de ouro, aparentemente humanas, habilidosas e cordiais.

Princípios da robótica de Asimov

As histórias de robôs escritas por Isaac Asimov se notabilizaram devido às três leis da robótica. Três enunciados criados pelo autor para

traduzir, em palavras, os objetos básicos dos cérebros de seus robôs. As três leis da robótica, que reproduzimos a seguir, se destacam tanto pela abrangência como pela simplicidade.

I — *Nenhum robô pode fazer mal aos seres humanos;*

II — *Os robôs devem obedecer às ordens dos seres humanos, a não ser que isto contrarie a primeira lei;*

III — *Os robôs devem cuidar de sua própria segurança; a não ser que isso contrarie a primeira ou a segunda lei.*

Essas três leis, inseridas no cérebro positônico dos robôs, no momento de sua construção, foram os elementos que mais contribuíram para formar as histórias de robôs contemporâneas. Elas estão implícitas em tudo que foi escrito depois do seu aparecimento, na história "Brincadeira de pegar" — Astounding Science Fiction, março de 1942. Desde então, diversas gerações de cientistas, que hoje atuam na fronteira do conhecimento humano sobre robôs, foram fortemente influenciadas pelas idéias fundamentais contidas nessas três leis. Por tudo isso, Asimov passou a ser considerado precursor de uma ciência ainda inexistente, para qual ele próprio, quase sem querer, criara o nome *robótica*, também inédito nos dicionários.

Assim, robôs amistosos e cientistas heróicos passaram a fazer parte de nosso dia-a-dia, primeiro nos seriados de TV e telas de cinema e, progressivamente, nos noticiários jornalísticos de todos os meios de comunicação. *Indiana Jones* é o pesquisador/aventureiro, que enfrenta os piores perigos para resgatar tesouros arqueológicos. *Robocop* é o policial do futuro, zelando pelo bem num planeta violento e degradado. *O Caçador de andróides*, no final do filme, é salvo por um dos robôs (replicantes) que perseguia. O homem mecânico, agonizante, lhe dá uma lição de amor à vida e o caçador, vitorioso, retira-se para uma floresta com uma bela mulher replicante, de corpo escultural e sem data marcada para morrer.

Os robôs fabricados pela U.S. Robot, indústria imaginada por Asimov, eram inteligentes, além de ouvir e falar como seres humanos. A razão de sua existência era servir à humanidade, realizando o impossível e trazendo informações de mundos inalcançáveis. Mas nem todos tinham a forma humana como, por exemplo os ZZ-1, ZZ — 2, e ZZ-3, que protagonizam a história *Vitória Involuntária*, publicada em agosto de 1942 pela Super Science Fiction. Solidamente construídos, ao longo de 15 anos de trabalhos, especialmente para viajar até Júpiter, "eles eram baixos e atarracados, com o centro de gravidade a menos de 30 cm do solo, com seis pernas curtas e vigorosas, desenhadas para erguer toneladas, considerando uma gravidade duas vezes maior que a da Terra. (...) e compunham-se de uma liga de berilo-irídio-bronze resistente a corrosivos e agentes destruidores, à exceção de um disruptor atômico de 1000 megatons."

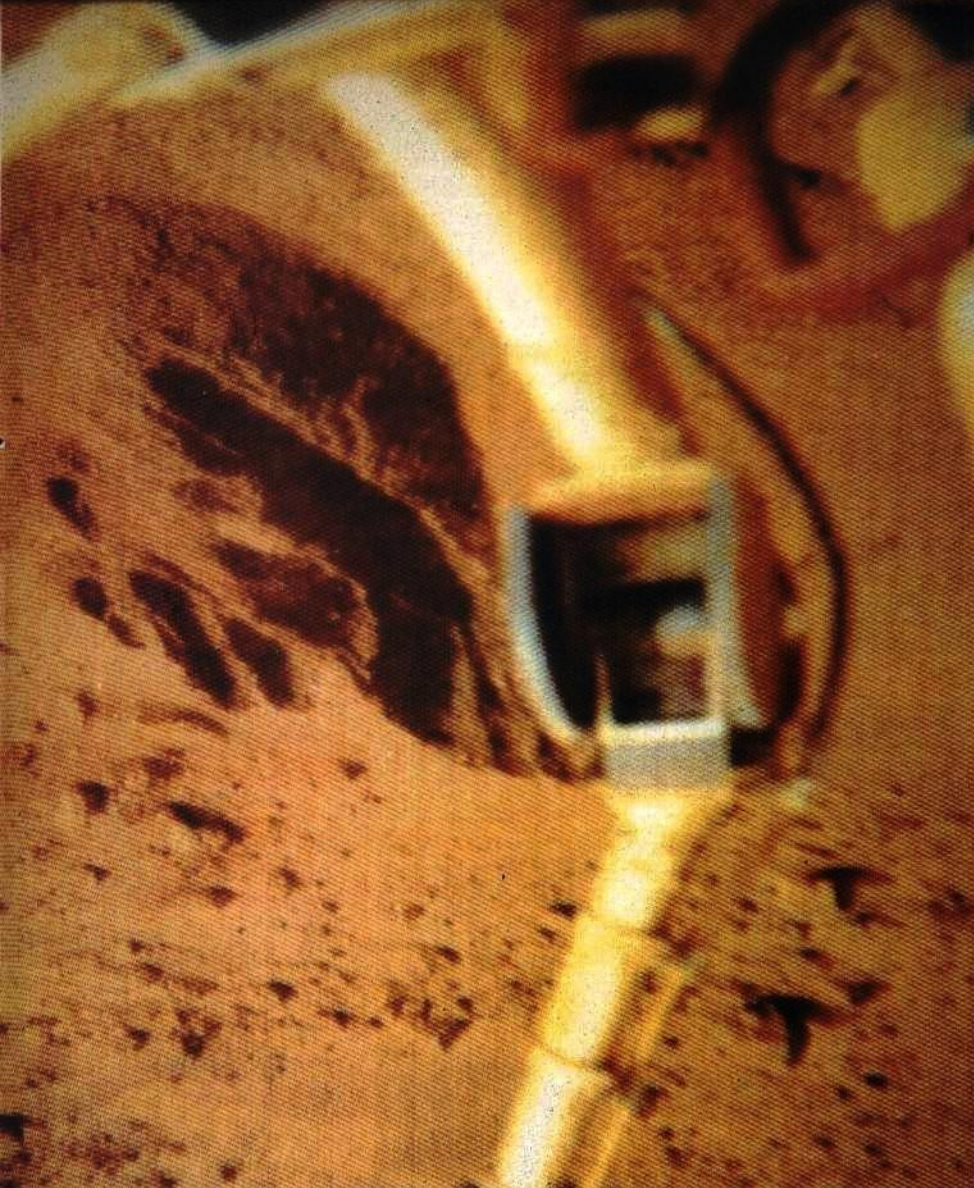
Robôs que matam pessoas por profissão, como os que encontramos no filme *O Exterminador do Futuro II*, são perigosos por que neles inexiste a primeira lei. Já o policial do futuro, *Robocop*, mata com algum senso de justiça, pois seu centro de inteligência é o cérebro de um policial humano, que teve o corpo destruído em combate. Nesse caso, é o cérebro humano que controla o corpo-máquina; as três leis têm menos importância do que a razão, o julgamento e a iniciativa — habilidades que só a nossa mente possui. Prova disso é que *Robocop II*, construído com o cérebro de um terrível criminoso, mata indiscriminadamente a todos e acaba por se destruído.

A série *Jornada nas Estrelas*, que fez 25 anos em setembro de 1991, também utilizou robôs de forma humana. Na primeira fase da série, vários andróides de comportamento frio e artificial participavam da jornada. Já na segunda etapa, destaca-se o simpático robô Data, um andróide que procura ser cada vez mais humano. A própria *Interprise* é totalmente automática e operável por computador. As demais aventuras inter-estelares do cinema, como *Allien — O Oitavo Passageiro* e *2001 — Uma Odisséia no Espaço*, se caracterizam pelo ambiente artificial, minuciosamente construído dentro das espaço-naves, onde, não raro, um cérebro eletrônico pode exercer função de comando.

O braço automático da sonda Viking coleta amostr

Os robôs nossos de cada dia

Na realidade, ainda não existem robôs tão perfeitos a ponto de serem confundidos com o homem. Andróides como os que foram caçados por Harrison Ford em *O Caçador de Andróides*, não passam de projeções futuristas sobre as possibilidades tecnológicas da humanidade no campo da robótica — é o que afirma Nei Robinson, engenheiro de robótica da Petrobrás, e responsável pelos robôs submarinos utilizados pela empresa no apoio à prospecção de petróleo, acima dos 300m, onde o corpo humano já não pode suportar a pressão da lâmina d'água.

Na verdade, os robôs submarinos da Petrobrás são manipuladores mecânicos controlados à distância, através de um monitor de vídeo, por pessoas localizadas na superfície. E

as do solo marciano

a maioria dos robôs que marcam presença nos mais diversos setores da vida moderna, são similares a estes. Enormes braços mecânicos que se movem sobre trilhos para cumprir tarefas árduas e repetitivas, são os tipos geralmente encontrados nas grandes indústrias automobilísticas: no Brasil, a Volkswagen, a Ford e a General Motors utilizam alguns em suas linhas de montagem. A polícia paulista acaba de adquirir um robô israelense especialista na desmontagem de bombas — é o Avispa IV, com 76cm de altura, pesando 85kg, também com controle remoto. Desprovidos de inteligência, os robôs de hoje em dia estão longe dos fantasiados *andróides*. Eles representam os primeiros passos num vasto campo de conhecimentos que apenas começa a ser vislumbrado.

Na medicina, a Universidade de Glenoble (França) promete para breve um robô programado para fazer intervenções cirúrgicas no cérebro, segundo informação recentemente veiculada na imprensa. Outra notícia traz declarações do físico norte-americano Robert Park e do engenheiro soviético Vladmir Pallo a favor de que a exploração espacial seja cada vez mais feita por robôs. Para Park, os robôs se tornaram um prolongamento lógico e sensível da humanidade. Ao contrário dos caríssimos autômatos espaciais, as pesquisas com robôs pequenos no Laboratório de Robótica Móvel do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (USA) abrem a perspectiva de industrialização de robôs para uso doméstico. Enquanto isso, no metrô de Paris, um robô com 1,30 m de altura e 470 kg executa as funções de faxineiro, varrendo toda a plataforma de embarque em apenas cinco minutos. Equipado com sensores de ultra-som especiais, além de buzina e freios, o robô Cab é inofensivo para os usuários.

Mas nem mesmo o telescópio Hubble, robô de um bilhão de dólares, é independente dos seres humanos. Desde que foi lançado ao espaço, o Hubble apresenta uma série de defeitos e corre o risco de ficar inutilizado. A NASA já anunciou que antecipará o envio de uma missão tripulada que poderá salvá-lo.

Os desertos próximos à cidade de Los Angeles são o campo de experimentação de robôs criados para explorar a superfície de Marte. Esses exploradores espaciais custarão ao programa espacial norte-americano 800 milhões de dólares, contra 500 bilhões necessários para o envio de astronautas humanos ao solo marciano. Os robôs serão controlados da Terra por operadores humanos, através das tecnologias de *telepresença*, que permitem a transmissão interplanetária das sensações visuais, auditivas e táteis experimentadas por um autômato em Marte.

No Brasil, também avançam as pesquisas sobre a sensibilidade dos robôs. O grupo de visão artificial do laboratório de sistemas integráveis do Departamento de Eletrônica da Escola Politécnica da USP, desenvolveu um autômato capaz de enxergar em duas dimensões. Ele é chamado célula flexível de montagem, pois existe para ampliar a capacidade dos robôs utilizados nas linhas de montagem das indústrias. Possui dois braços sobre uma base fixa, uma câmera de vídeo e um sistema de computador. Visão tridimensional (como a nossa), tato e noção de força são outras conquistas previstas pelos pesquisadores. Já no Instituto de Física e Química (USP), foi criado o Laboratório de Eletrônica Molecular que, entre outras coisas, desenvolve computadores que buscam reproduzir a estrutura do cérebro humano. Investigações como essa estão sendo feitas no mundo inteiro, com o objetivo de transformar moléculas orgânicas no componente básico de computadores superinteligentes.

O meio ambiente

Todos os robôs são projetados e construídos, obrigatoriamente de

acordo com o ambiente em que irão atuar. Essas estranhas formas de vida mecânica criadas pelo homem, se assemelham aos outros habitantes da natureza na medida em que suas mentes e corpos estão preparados para funcionar num determinado espaço ambiental. Antes de mais nada, estão a três leis da robótica, que traduzem em palavras o objetivo básico do "cérebro" do robô. Todo resto é subordinado a elas. A seguir, toda aparelhagem mental do robô seria impregnada de informações e padrões de comportamento de que ele necessitaria para orientar-se no espaço-tempo e executar suas funções. Um robô fora de seu habitat é um peixe fora d'água. Esse é o caso do robô AL-6, na história do *Robô AL-6 se extravia*, publicada pela *Amazing Stories* em fevereiro de 1942:

> "Seu cérebro positrônico estava equipado para o ambiente lunar, somente para o ambiente lunar. Na Terra receberia bilhões de impressões sensoriais para as quais não estava preparado. Impossível prever suas reações. AL-6 estava confuso. (...) Tudo começou quando ele se achou naquele estranho ambiente... Via-se apenas o verde aqui embaixo e o azul lá no alto. Todos os sons que o rodeavam eram estranhos; passou por água corrente que lhe chegava à cintura. Era azul, fria e molhada".

O robô músico executa as peças mais difíceis em sintetizadores ou pianos

Florestas e robôs

"Para os suecos, o dinheiro brota verdadeiramente das árvores"... Com essas palavras, o jornalista Pierre Turgeon começa a matéria jornalística intitulada *Suécia: o Ouro Verde*, publicada na revista L'Actualité, em agosto de 1988. Turgeon encontra o lenhador Benght-Ake Pearson no interior de uma floresta e, sobre ele, comenta: "este explorador florestal melômano e calculado, possuidor de um equipamento próximo de um milhão de dólares, é um pouco a imagem da indústria sueca de florestas — tecnocrática, ecológica e de uma eficácia capaz de fazer esse pequeno país aumentar continuamente a sua parte na evolução mundial."(...)

Pearson Havia programado o corte de árvores plantadas em 1928, que agora estavam no momento certo para o abate. Com a ajuda de um robô-florestal e trabalhando 24 horas, em sistema de revezamento, chega-se a abater 600 metros cúbicos de madeira por dia. A extrema racionalização da exploração florestal na Suécia começa pela tranqüilidade do madeireiro em saber que os proprietários florestais replantam muito mais rápido do que se derruba. Naquele país, as florestas aumentam cerca de 20 milhões de metros cúbicos por ano. E as árvores que são plantadas hoje, só serão derrubadas no século XXI, pois precisam de 110 anos para amadurecer. Tudo isso começou a ser organizado depois que os suecos perceberam que, durante o século XIX, haviam destruído quase todas as florestas do sul para alimentar as máquinas a vapor da revolução industrial. Por isso, em 1903, foi promulgada uma lei florestal dizendo que *toda terra não cultivada era terra florestal*. Daí por diante os proprietários rurais passaram a plantar árvores em todo lugar que não era ocupado pela agricultura.

Os fazendeiros suecos, muito produtivos, não precisam de mais do que um pequeno espaço para alimentar toda a população. O resto, 85% do território, é para as árvores. Sustentando essa política estão o afeto dos suecos por suas florestas e o imenso lucro que elas rendem ao país. A indústria florestal empregava, em 1988, 250 mil pessoas em uma população de 8 milhões; o valor das exportações do setor quintuplicou desde 1970. No Brasil, ao contrário, a baixa produtividade da agricultura na maioria das regiões, a falta de informação, o preconceito

antiflorestal e a má utilização dos solos já desmatados — encontra sua melhor expressão no emprego de técnicas inadequadas como as queimadas e o desmatamento indiscriminado por tratores e motosserras.

Os brasileiros e suas selvas

A partir do ano de 1500, já se pode falar de duas culturas brasileiras: ameríndia e européia. Cada qual com sua maneira de conviver e perceber o ambiente florestal tropical. Os índios eram biologicamente e culturalmente adaptados à floresta e os portugueses, completamente inadaptados à vida na selva. Gigantescas florestas virgens cobriam quase tudo com seu manto sempre verde. Para os recém-chegados, uma enorme barreira à penetração no território, impecílio ao desenvolvimento da terra descoberta. Dentro da lógica colonial, o desmatador foi sempre indispensável ao progresso do sistema agrário-escravocrata que seria, mais tarde, implantado.

A floresta forneceu a primeira justificativa (econômica) para a ocupação do território. Era o Pau-brasil, indiscriminadamente retirado das selvas. Matéria-prima para fazer tinta vermelha de tingir tecidos. Madeira para construção, caça, energia (lenha), embarcações, veículos terrestres, mobiliário e utensílios... além do próprio nome do nosso País — foram outras contribuições indispensáveis da floresta para nós, através de nossa história.

Mas nada disso parecia ter importância para os colonizadores. Isto fica claro na própria maneira como se referiam a ela, chamando-a de brenhas, profundezas, selva, bosques, arvoredos, vergéis, folhagens, mato grosso, mata, muralha verde... Quase nunca escreviam, simplesmente, florestas. Alguns desses apelidos retratam as florestas de modo ruim ou perigoso, relacionado, inclusive, com a morte (mato/mata). Esta e outras observações levaram Ana Lúcia Camphora a concluir, em sua tese de Psicologia Ambiental, que o povo brasileiro possui um forte preconceito antiflorestal.

No Brasil industrial

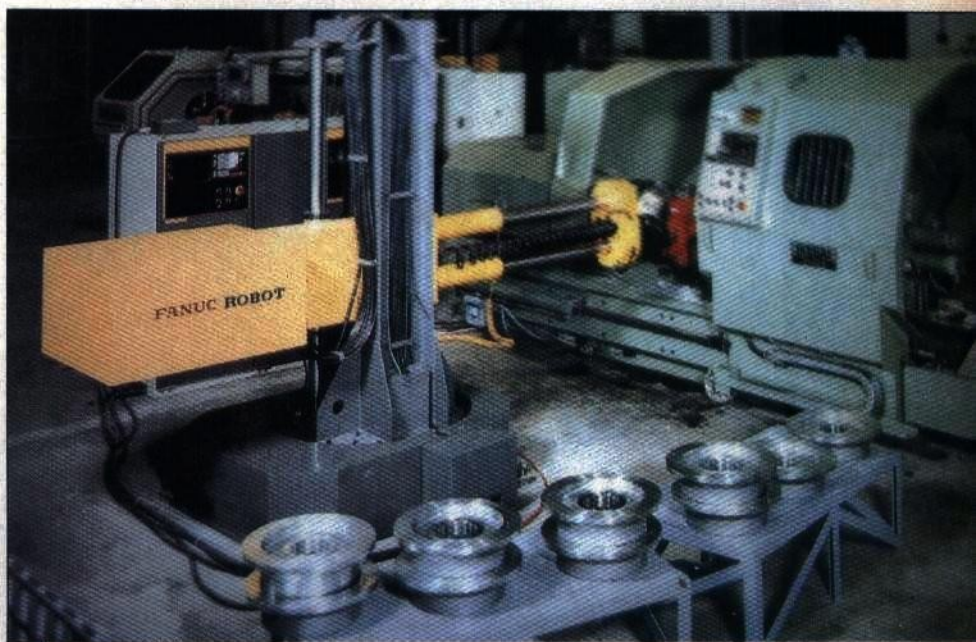
Com efeito, esta mentalidade preconceituosa permaneceria intacta até a segunda metade desta século, momento em que a população urbana superou, em número, a população rural. Uma vez distanciados, fisicamente, das florestas, os brasileiros das cidades se esquecem de que, "ao encher o carrinho em um supermercado se está concluindo um processo que começou com tratores derrubando árvores".

A vertiginosa diminuição das áreas verdes em todo o mundo, foi a maior conseqüência da expansão da mecanização. Tratores e motosserras vieram em auxílio dos desmatadores. Essas e outras armas foram as primeiras máquinas florestais projetadas pela sociedade industrial. *Made in Brazil*, via Zona Franca de Manaus. Projeto Jari e sua usina flutuante, exploração de minérios para a "grandeza" do Brasil, era a Transamazônica levando o "progresso" para o norte do País. Em apenas 11 anos, 20 milhões de hectares da Floresta Amazônica foram devastados; uma destruição de dimensões jamais vista dentro dos limites de um único país. Guerra ecológica.

Cada vez mais, as indústrias nacionais e internacionais necessitam de recursos produzidos pelas florestas quentes. Logo, é no aproveitamento não-predatório de nossas matas tropicais que os robôs florestais construídos no Brasil serão necessários. Racionalizando o uso inevitável e crescente que fazemos de suas riquezas.

Robôs para civilizações tropicais

A tecnologia existente hoje no Brasil já permite o desenvolvimento de um manipulador florestal automatizado, para a exploração racional de madeiras tropicais. O desgalhador de árvores, idealizado por Pedro Paulo Lomba, presidente da Sociedade das Florestas do Brasil — serviria para limpar o tronco das árvores que estivessem prontas para ser abatidas. Em nossas complexas florestas tropicais as raízes das árvores costumam ser superficiais, mas seus galhos se entrelaçam no ar, formando uma copa confusa, e às vezes tão densa, que nem deixa passar a luz direta do sol. Quando uma árvore cai, carrega consigo muitas outras ainda impróprias para o uso. O desgalhador automático impediria que isso acontecesse, conservando a floresta aparentemente intocada.

De acordo com os estudos enviados pela Sociedade das Florestas do Brasil à Assembléia Nacional Constituinte em 1988, o Brasil destruía, na época, cerca de 1.380 árvores por minuto, mas a produção de madeiras tropicais do País não

Máquinas programadas trabalham como torneiros na Fujitso, no Japão

era suficiente sequer para abastecer o mercado interno. O mesmo documento aponta para a valorização econômica das florestas nativas do Brasil, como único meio de protegê-las da devastação, informando que se explorássemos apenas 1% de seus recursos em cada ano, a riqueza gerada seria bastante superior aos ganhos obtidos pela atividade agropecuária em regiões desmatadas.

Se os robôs florestais viessem para a Amazônia seriam um monte de lixo mecânico, pois seu *habitat* são as florestas frias daquele país. As selvas tropicais são incrivelmente populosas e competitivas, as plantas disputam centímetro a centímetro as nesgas de terra e área de exposição ao sol; animais comem plantas e devoram-se entre si para sobreviver, numa cadeia alimentar feroz, mas equilibrada. Para determinar que árvores podem ser derrubadas, escolhendo as árvores certas no meio de uma infinidade de outras que não podem ser retiradas, o lenhador tropical deve entrar na mata e caminhar, pois esse espaço é impenetrável para qualquer tipo de veículo conhecido. Bem diferentes das florestas homogênas do hemisfério norte, onde as famílias vão alegremente colher flores e cogumelos comestíveis — nossas selvas primitivas quentes são espaços que oferecem inúmeros riscos à vida humana e impedimentos à sua ocupação. Como os oceanos e o espaço cósmico, as gigantescas florestas tropicais brasileiras são fronteiras da civilização, áreas de atuação de nossas extensões mecânicas superespecializadas: os robôs florestais tropicais.

Os robôs e o futuro das florestas do Brasil

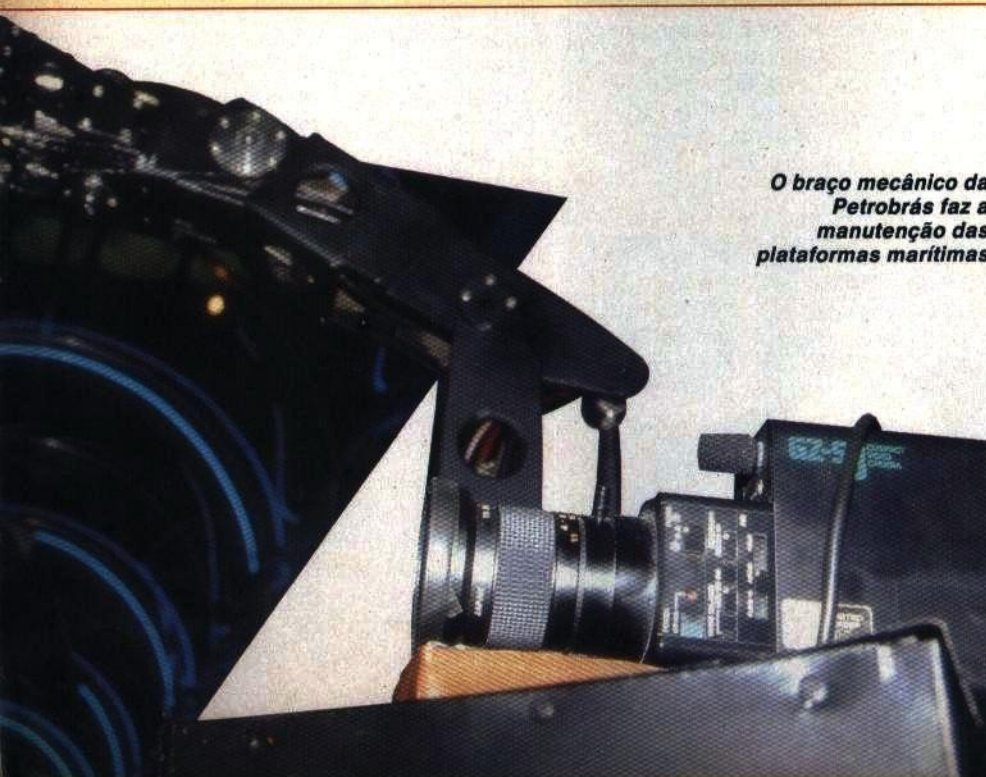
Conforme os estudos de Sérgio Bernardes, arquiteto e inventor social, só poderão haver novas cidades em cinco pontos específicos da Amazônia. A população dessas cidades da selva manteriam contato com as demais regiões do País e do mundo através de transportes aéreos e fluviais, modernos e eficientes. As clareiras em que estas cidades poderão ser construídas, seriam abertas por dirigíveis equipados com grandes pinças automati-

Divulgação

O filme* O Exterminador do Futuro II *dá uma má idéia do futuro uso dos robôs

Marcos Guttmann

Para que servem os autômatos

A julgar pela ficção científica cinematográfica de hoje em dia, robôs servem para matar, causar pânico. Computadores tirânicos e máquinas mortíferas das mais variadas espécies são inventadas para entreter as platéias com exibições de violência e de desprezo pela vida. Os cenários são imundos, decadentes, ou assépticos e impessoais; as texturas são metálicas e artificiais. O futuro é apresentado como uma época terrível, em que a humanidade se degradou tanto, que só sendo mesmo máquina para agüentar. As máquinas são tão poderosas e as pessoas tão frágeis e desinformadas que muita gente deve sair dos cinemas com vontade de ser robô. Todos os efeitos dessas máquinas insuperáveis são, porém, fruto da tecnologia humana. Supercomputadores e robôs não poderiam existir sem a indústria microeletrônica.

"A microeletrônica é como o conjunto de atividades que possibilita criar, desenvolver e suportar a produção de componentes semicondutores utilizados em vários tipos de equipamentos eletrônicos". A microeletrônica começou efetivamente após a II Guerra Mundial, nos primórdios da indústria do rádio e da televisão e, desde então, evoluiu de forma tão acelerada e abrangente que invadiu todos os campos de ação humana. A chamada Revolução da Microeletrônica se configurou a partir da construção do primeiro circuito integrado, ou *chip*, nos laboratórios da Texas Instrument, em 1958. Os primeiros *chips* continham dois ou mais transistores e diodos fabricados simultaneamente num mesmo bloco de silício; mas em 1988 já se fazia em laboratório *chips* com mais de 200 mil transistores num pedaço de silício com apenas 25mm² de área.

Se a Revolução Industrial criou a divisão de trabalho, mais tarde aperfeiçoada pela linha de montagem, a Revolução da Microeletrônica pode novamente reintegrar todo o processo de fabricação de um objeto, nem sempre com a necessidade da presença do trabalhador. A automação da sociedade transforma, cada dia mais, a vida das pessoas. Surgem novas profissões, novas técnicas são desenvolvidas para que o operário aprenda a lidar com as máquinas e, por fim, os empregos são radicalmente modificados ou, o que é pior, completamente eliminados. Calcula-se que até o ano 2000, entre 20 e 30 milhões de empregos da área de escritório serão afetados nos Estados Unidos; 29% desses empregos serão extintos. O trabalho de máquinas e robôs diminui os gastos e aumenta a produtividade, baixando preços e mutiplicando lucros. Talvez por isso haja tanto interesse em se propagar a supremacia das máquinas sobre os seres humanos.

A automação, em si, não é obrigatoriamente nociva. Nos países desenvolvidos, os sindicatos reivindicam a diminuição da jornada de trabalho e, alguns profissionais prestam seus serviços sem sair de casa. Se os robôs fizessem o trabalho pesado, sobraria mais tempo para que nos ocupássemos, por exemplo, de nossas relações pessoais, instrução e elevação espiritual. O que vemos hoje, porém, é algo muito diferente. *O exterminador do futuro II*, o mais caro filme da história do cinema (500 mil dólares por minuto!) é um show ininterrupto de violência. O robô maligno, feito de uma liga metálica mimética, é o astro dos efeitos especiais. Schwarznegger interpreta um tipo mais modesto, pele sobre endoesqueleto metálico que, no fim do filme, aprende por que não se pode matar pessoas impunemente. Na vida real, entretanto, a maior demonstração de equipamentos eletrônicos já vista até hoje, aconteceu no teatro de operações da Guerra do Golfo. Que espécie de civilização constrói robôs, como e para que os utiliza? É a pergunta que se impõe. Resta-nos acreditar, como a bela heroína do *Exterminador do futuro II* que: "se até uma máquina pode aprender o valor da vida humana, nós também podemos..."

O braço mecânico da Petrobrás faz a manutenção das plataformas marítimas

zadas que puxariam as árvores para cima, retirando a árvore inteira e permitindo seu total aproveitamento. Esse robô tornará dispensável a abertura de estradas, favorecendo a preservação das matas e o desenvolvimento das vias fluviais. Ao longo dos rios, uma grande faixa de florestas deveria ser conservada, e replantada onde já deixou de existir.

Tudo isso aconteceria numa civilização tropical tecnológica, ecologicamente equilibrada com seu meio-ambiente. Numa época tão avançada que já seria possível construir duendes-andróides, voadores e movidos por energia solar. Inteligentes, incapazes de fazer mal a uma pessoa ou de destruir inutilmente qualquer forma de vida. Líde-

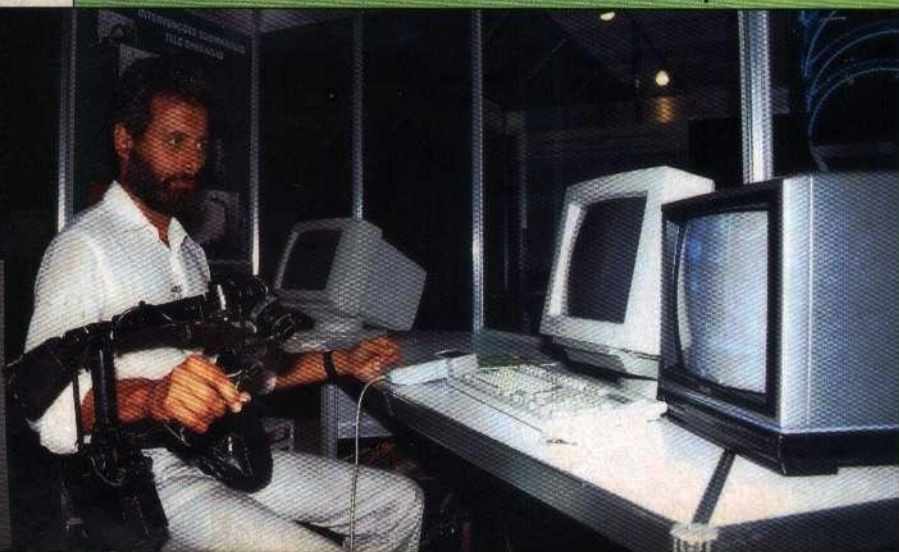
Esses cientistas e suas máquinas maravilhosas

O homem não pode mergulhar além dos 300m. Apesar disso, a Petrobrás tem poços perfurados até 1.000 metros de profundidade. A instalação e manutenção desses poços são feitas com a ajuda de robôs e vários outros equipamentos eletrônicos extremamente sofisticados. O aperfeiçoamento contínuo desta tecnologia submarina está a cargo de Ney Robinson e Luiz Carlos Messina, engenheiros do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento da Petrobrás (Cenpes), localizado na Ilha do Fundão, no Rio de Janeiro.

No Cenpes, as pesquisas com robôs são interfaciadas com computador. Lá são desenvolvidas ferramentas especialmente para o uso dos manipuladores submarinos (robôs). Esses manipuladores são chamados de veículos de operação remota e seus movimentos são controlados da superfície por um operador humano que fica observando uma TV, enquanto movimenta, com precisão, um *joy stick* semelhante ao dos video-games; ao redor dele uma sala de controle, dentro do navio-garagem de onde os autômatos são lançados. Para melhorar a percepção que os operadores têm do espaço real em que o robô está trabalhando, os pesquisadores do Cenpes utilizam as tecnologias de telepresença que, através de recursos como a televisão de três dimensões, permite um aproveitamento cada vez maior das imagens captadas pela câmera de vídeo que desce acoplada ao robô.

Outra inovação foi o posicionamento automático da câmera de TV, que agora segue os gestos do robô sem necessitar de um comando independente. Antes disso, os olhos (câmera) e os braços do autômato funcionavam separadamente. A dificuldade na execução dos movimentos era comparável a de uma pessoa que para pegar um copo d'água tivesse que mexer primeiro a cabeça, ver o copo, e só então mover o braço. Esse sistema de posicionamento automático da câmera de vídeo ampliou a coordenação motora dos robôs.

Robinson e Messina, assim como diversos outros cientistas que trabalham com robôs, passam grande parte do tempo esforçando-se para aumentar a sensibilidade tátil, a capacidade visual ou a inteligência de máquinas que vão, passo a passo, quase que se humanizando. É surpreendente que justamente esses dois homens, tão dedicados ao desenvolvimento dos robôs, sejam categóricos em afirmar que estes não podem substituir completamente os seres humanos. "Podem ter força e inteligência, mas nunca terão sentimento ou criatividade, só podem fazer aquilo para que são programados. São limitados." — diz Nei Robinson. "Acredito que o homem é o princípio e o fim de todas as coisa." — completa Luiz Carlos Messina.

Luiz Carlos Messina desenvolve robôs submarinos no Cenpes

Marcos Guttmann

Robô faxineiro no Japão

res de uma frota de pequenos robôs-insetos, desgalhadores ou reflorestadores. Todos trabalhando sob as ordens de técnicos humanos... Um mundo ideal muito distante da nossa realidade porque ainda não descobrimos como viver em paz com a natureza do Brasil. Mesmo que já tivéssemos a ajuda de robôs, o futuro das florestas quentes que ocupam cerca de 1/3 do território nacional continuaria dependendo prioritariamente de nós.

Se o Brasil tem a extensão territorial de muitas Suécias, e se nossas gigantestas selvas tropicais têm muito maior quantidade e qualidade de madeira para os mais diversos fins, por que o dinheiro não anda nascendo em árvore também por aqui? — Simplesmente porque parecemos não nos dar conta de que nossas árvores valem dinheiro. Nesse sentido, o preconceito florestal difundido pela cultura oficial do nosso país se assemelha ao Complexo de Frankenstein detectado por Asimov; ambos os sentimentos são passionais e relacionados a coisas que desconhecemos (robôs e florestas). A grande diferença é que não existem pessoas que ganham a vida queimando, derrubando ou esquartejando robôs por aí. O caso do Brasil, com a devida licença poética, já se enquadra no âmbito da Síndrome de Mefistófeles, pois como este destruiu aquele que o criou (Fausto), nós matamos florestas todos os dias. E a floresta foi quem proporcionou nosso surgimento e nossa sobrevivência como nação.

A UM PASSO DA SUA REALIZAÇÃO PROFISSIONAL

OBJETIVO, SEGURO E PRÁTICO

OS MÉTODOS DE ENSINO TÉCNICO PARA OS TEMPOS MODERNOS.
O importante é vencer o seu objetivo profissional, com rapidez e garantia de estar no caminho certo.

DESENHO ARTÍSTICO E PUBLICITÁRIO

RADIOTÉCNICO E TV
UM MERCADO DE TRABALHO EM CONSTANTE CRESCIMENTO.

CONTABILIDADE
APRENDA NA PRÁTICA, OS SEGREDOS DESTA RENTÁVEL PROFISSÃO.

MECÂNICA DE MOTOS

SUPLETIVO 1º e 2º GRAUS
O MOMENTO É ESTE! NUNCA É TARDE DEMAIS.

ELETRICIDADE DE AUTOMÓVEIS

CORTE E COSTURA

Curso rápido de FOTOGRAFIA

DESENHO ARQUITETÔNICO — AUXILIAR DE ESCRITÓRIO
MECÂNICA DE AUTOMÓVEIS — INSTALAÇÕES ELÉTRICAS — INGLÊS
ELETRICIDADE, REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO
CURSO PRÉ-VESTIBULAR

Curso Padre Reus
Rua Ernesto Alves, nº 1087 - Caixa Postal, 96
96800 Santa Cruz do Sul - RS

ENSINO TÉCNICO PROFISSIONALIZANTE

GUIA DE PROFISSÕES

25 cursos

SEGURANÇA E GARANTIA PARA O SEU FUTURO

SOLICITE GRÁTIS O SEU GUIA

PREENCHA O CUPOM E ENVIE PARA:

CURSO PADRES REUS
Caixa Postal 10903
22022 — Rio de Janeiro — RJ

SIM, desejo receber gratuitamente, o guia de profissões do Curso Padre Reus, para que eu também possa ser um bom profissional e ter um futuro garantido.

NOME: ....

ENDEREÇO: ....

CEP: .... BAIRRO: ....

CIDADE: .... ESTADO: ....

ENVIE A:
CURSO PADRE REUS
Caixa Postal 10903
22022 - Rio de Janeiro - RJ

O dr. Sérgio Teixeira de cabelos que serão mostra diversos tipos analisados

Se puder, faça um exame

SEU CABELO PODE ESTAR ENVENENADO

Sílvio Barsetti

O perigo pode estar oculto em um simples tubo de pasta de dentes. Ou num prosaico desodorante. Os minerais espreitam o cotidiano do consumidor comum. Alguns deles ainda são benéficos, quando assimilados nas doses corretas; outros, nem em quantidades mínimas. Nos Estados Unidos, os exames para detectar o grau de envenenamento por minerais já são comuns; no Brasil, dão seus primeiros passos.

COMO SE DÁ O CONTATO

Alumínio — entra no organismo pelas panelas de alumínio, latas de conserva e refrigerantes, tubos de pastas de dentes, comidas congeladas em quentinhas, desodorantes antitransparentes, antiácidos, papel de alumínio, sucos de frutas em caixas e leites tipo longa vida.

Bário — entra no organismo através de venenos para ratos, depilatórios, pigmentos para pinturas e cerâmica.

Cádmio — entra através de muitas ligas metálicas usadas em latas de conservas.

Chumbo — através de latas de conservas, tubos metálicos de pastas de dentes, tintas em geral, pela aspiração da gasolina, etc.

Cobre — através de canalizações para águas quentes, sulfato de cobre e certas obturações.

Enxofre — através de sulfas, sucos de frutas em garrafas ou caixas, polvilhos anti-sépticos, cremes antiacne, xampus de cisteína, etc.

Fósforo — através do uso abusivo de inseticidas organofosforados, licores de nozes, amêndoas e avelãs, levedo de cerveja, etc.

Magnésio — a elevação do magnésio nos cabelos indica sua diminuição nos ossos devido à

A medicina alternativa ganhou ao longo dos anos 80 um forte aliado na luta pela preservação da vida: trata-se do exame de espectrometria de absorção atômica. Capaz de traçar o perfil bioquímico de cada pessoa através da análise dos fios de cabelos, o exame mostra a carência e o excesso de metais pesados existentes no organismo. Dessa forma, pode servir não só no combate como na prevenção de doenças. Desde o câncer e o infarto às infecções oportunistas causadas pelo vírus da Aids. No Brasil, o método é utilizado em larga escala pelo clínico geral e homeopata Sérgio Teixeira, Ph-D em Naturopatia pela American University of Natural Medicine, na Flórida (EUA). Ele envia semanalmente dezenas de pequenas amostras de cabelos a um laboratório especializado de Chigago (EUA). Em dez dias, o cliente tem o resultado do exame.

O uso de jóias de metal pode ser perigoso

Sérgio trabalha com o conceito de cura. Acha perfeitamente viável o reequilíbrio do organismo, mesmo que afetado por doenças graves. "Os diabéticos e hipertensos, por exemplo, sofrem com a carência acentuada do cromo. Se você desenvolve trabalho sério de reposição desse elemento, o doente passa a ter condições de manter uma vida estável. O mesmo acontece com o aidético. Em geral, ele carece de magnésio e zinco e padece com o excesso de fósforo. É preciso então ordenar todos os seus passos para que ele evite contato com o elemento que lhe é prejudicial e que supra as deficiências de magnésio e zinco. Enfim, estamos trabalhando com a medicina do século XXI", revela o homeopata.

A técnica da espectrometria permite dosar as substâncias químicas acumuladas no organismo. Com uma série de indicações sobre onde e como entrar em contato com metais pesados, Sérgio dispõe de uma lista extensa sobre os males causados por esses elementos. O tratamento para diminuir o grau de intoxicação do organismo é feito à base de alimentação e do controle no contato com produtos químicos. No Brasil ainda não há laboratórios especializados no exame de espectrometria (ou mineralograma, como também é conhecido). Membro da Organização Mundial de Medicina Alternativa, Sérgio Teixeira ressalta que o método sugere o convívio saudável entre as duas tradicionais correntes da medicina: a homeopatia e a alopatia. "A homeopatia remove os excessos de substâncias nocivas ao organismo. Já a alopatia tem a função de identificar e repor as carências (vitaminas, sais minerais, hormônios). No caso, a ajuda é recíproca".

A violência por um fio (de cabelo)

Nos Estados Unidos, o estudo sobre a espectrometria constatou que o excesso de chumbo e manganês no organisno são em parte responsáveis pela agressividade das pessoas. Com base nessas informações, a Universidade da Califórnia colheu recentemente amostras de cabelos de alguns presidiários da região. O resultado da pesquisa mostrou que os detentos mais violentos apresentavam proporções bem maiores de manganês e chumbo no organismo do que os presos comuns. "Basta a exposição por um mês ao chumbo para que a pessoa se torne extremamente agressiva, encare seus semelhantes como inimigos e passe a querer destruí-los", afirma Sérgio, debruçado nos dados sobre a pesquisa.

O trabalho desenvolvido pela Universidade da Califórnia foi ratificado com novas pesquisas no presídio de Los Angeles. O exame de espectrometria em detentos com não mais de 30 dias de cárcere comprovou a mesma coisa: o alto grau de chumbo e manganês nos presos mais violentos. "Hoje, já é possível afirmar que o cádmio também possui características que tendem a difundir agressividade no indivíduo", pontua Sérgio.

Em 1988, foi a vez da Universidade do Texas comprovar, através de outra pesquisa com detentos, a relação entre os dois elementos e a agressividade. Foram colhidos, além dos fios de cabelos, hábitos alimentares e higiênicos, outros dados pessoais e os medicamentos que já teriam sido utilizados por 80 prisioneiros da Darringron Unit of The Texas Department of Corrections (40 violentos e 40 não-violentos). O estudo concluiu que há diferenças bioquí-

intoxicação por alumínio ou fósforo.

Manganês — a contaminação se dá pelo permanganato de sódio, óleo de linhaça, contato com fogos de artifício, etc.

Mercúrio — através de obturações dentárias de amálgama, medicamentos contendo calomelano, peixes como o atum, tintas, poliuretano, etc.

Ouro — através de tintas, medicamentos, jóias e restaurações dentárias.

Prata — através de obturações de amálgama, jóias e produtos fotográficos.

Sódio — através do sal de cozinha e dos antiácidos contendo bicarbonato de sódio.

O PERIGO DOS ELEMENTOS

Alumínio — causa dormências, seborréia no couro cabeludo acompanhada de queda de cabelos, envelhecimento precoce, paralisia dos membros inferiores, esclerose cerebral, etc.

Bário — provoca retardo mental nas crianças e embotamento nos adultos, perda de memória, degeneração das artérias com tendência a derrames e aneurismas, enfraquecimento do fêmur e destruição óssea do maxilar, podendo matar com apenas meio grama.

Cádmio — causa náuseas, vômitos e diarréia em pequenas medidas, podendo a intoxicação crônica atacar os rins. A perda do olfato e o câncer da próstata são outros aspectos negativos do cádmio, o que também provoca hipertensão, redução das defesas imunológicas e dificuldades de aprendizado.

Chumbo — ataca o sistema nervoso, provoca tumores cerebrais, câncer de mama, convulsões, alucinações, paralisias, impotência, cólicas menstruais, etc.

Cobre — causa asma, espasmos, pelagra, hipertensão, deficiência imunológica, convulsões, esquizofrenia, etc.

Enxofre — o uso excessivo acarreta dores na coluna e crises de ciática; também causa perda de memória, irritabilidade e aversão à água.

Fósforo — a carência causa fraqueza, perda de peso, dores ósseas, falhas de memória, raquitismo. O excesso produz osteoporose, arteriosclerose, perda dos dentes, psicose maníaco-depressiva, etc.

Magnésio — a carência causa desânimo, fadiga e espasmos musculares; o excesso provoca distensão abdominal, dores nevrálgicas, queda de pressão, sonolência, etc.

Manganês — causa psicoses, gagueira, insônia, tremores nas mãos.

Mercúrio — a intoxicação gradativa pelo mercúrio afeta em primeiro lugar o cérebro, causando perturbações emocionais e psíquicas; provoca ainda colites, diverticulites e lesões renais.

Ouro — causa depressão, miomas uterinos, descamação da pele, etc.

Prata — produz manchas cinzentas na pele do rosto, grande ansiedade, medo de altura, etc.

Sódio — provoca retenção de líquido, anemia, reumatismo e em algumas pessoas hipertensão arterial.

Zinco — sua deficiência acarreta perda de apetite, falta de paladar; seu excesso, provoca perda de concentração, dificuldades de aprendizado, autismo, etc.

O papel de alumínio que envolve vários produtos comestíveis como a manteiga e as latas de conserva são alguns dos veículos de intoxicação do organismo por minerais

micas entre violentos e não-violentos. E que a presença de chumbo e manganês está mesmo relacionada com a agressividade.

Para Sérgio Teixeira, a descoberta é revolucionária e pode determinar um novo encaminhamento às leis penais vigentes em quase todo o planeta. "O ponto em questão já é uma realidade. Falta agora saber dimensionar a extensão do problema. Se um indivíduo comete um ato de violência em função da sobrecarga de metais pesados no organismo, ele deve ser preso? Claro que não! No mínimo tem que ter direito a um tratamento digno, capaz de reestruturá-lo, de reequilibrá-lo".

O exame

O espectrômetro é um aparelho computadorizado que já serviu à astronomia e ao estudo da água e do solo. Através das luzes emitidas pelas estrelas, ele determinava sua composição e substâncias químicas. Sua utilidade na medicina tem início com a descoberta de que metais e produtos químicos ficam depositados nos cabelos humanos e que a análise de um fio de cabelo possibilita o levantamento do perfil bioquímico do organismo.

Para a obtenção do resultado, o aparelho separa as faixas de luz que são emitidas por todos os elementos encontrados nas amostras. A partir daí, aponta com precisão as taxas dos minerais que compõem o organismo. Atualmente, o exame custa em torno de 60 dólares, preço relativamente acessível considerando-se o fato de ser feito no exterior.

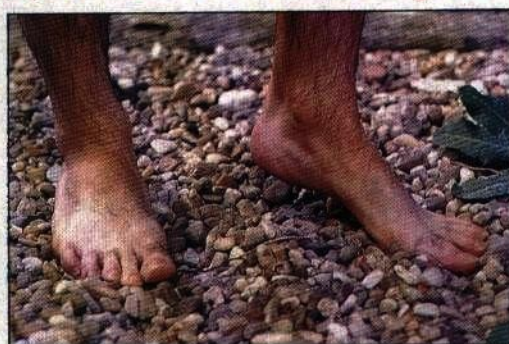
Áreas de reflexos
Cabeça (superior)
Área de reflexos
Reflexo glândula pituitária
Região frontal e temporal
Vértebra cervical-pescoço
Área linfática superior
Paratiróides
Ouvidos
Olhos
Tiróide
Ombro
Pulmões
Coração
Pâncreas
Tórax
Plexo solar
Estômago
Fígado
Supra-renais
Vesícula
Baço
Curva esplênica (baço)
Curva hepática
Rins
Cólon transversal
Linha da cintura
Ureter
Cólon descendente
Cólon ascendente
Lombar
Intestino delgado
Sacro
Válvula ileocecal
Bexiga
Apêndice
Quadris e lombar
Curva sigmóide
Cóccix
Área ciática
Ciática
DIREITA
ESQUERDA

Novas terapias

REFLEXOTERAPIA CURAR DOS PÉS À CABEÇA

A reflexoterapia utiliza os canais naturais que percorrem o corpo humano dos pés à cabeça e cuja função primordial é comunicar as diferentes zonas do organismo (os meridianos da acupuntura). Massageando-se um determinado ponto da planta do pé, por exemplo, podemos suavizar, e inclusive eliminar, a dor de cabeça.

Antiga terapia

A reflexoterapia era conhecida na antiga China desde o ano 3.000 a. C. Era uma técnica usada também no Egito dos faraós, como prova um hieróglifo achado na tumba de um velho médico da época. A partir da década de setenta, esta terapia alternativa espalhou-se pelo mundo ocidental, graças, principalmente, ao *boom* do naturalismo.

A área reflexa mais importante do corpo acha-se na planta do pé, onde quase todo o organismo aparece representado

Para os reflexoterapeutas, este método é indicado para um grande número de doenças — desde a asma até problemas renais, passando pela diabetes e pela hipertensão. É igualmente útil para um dos males comuns do homem moderno: o estresse. A única contraindicação para o emprego da reflexoterapia está nos casos de fraturas ósseas ou problemas de ligamentos.

o segredo: caminhar descalço

O funcionamento da reflexoterapia é bem simples. Baseia-se na idéia de um massagear suave, mas constante, nas palmas das mãos, e nas plantas dos pés, utilizando basicamente os polegares. A área reflexa mais importante do corpo se encontra na planta do pé, onde se acha representado quase todo o organismo.

A forma de vida sedentária do homem moderno impede que ele caminhe descalço e menos ainda sobre solos desiguais, com pedras e seixos, o que seria o ideal para estimular todas as zonas vitais de seu corpo. Muitos dos problemas que sofremos, como as varizes ou o estresse, terminariam se não utilizássemos sapatos e não caminhássemos apenas sobre solos duros e uniformes. Para remediar esta situação, comercializam-se sandálias com cerdas de borracha desenhadas especialmente para estimular as zonas reflexas situadas nas plantas dos pés. Estas sandálias podem ser encontradas na maioria das lojas brasileiras de produtos naturais.

De qualquer forma, existem maneiras simples de comprovar a virtude desta terapia: consegue-se uma massagem muito eficaz caminhando-se descalço sobre seixos arredondados ou sobre terra úmida. Tente, os resultados o surpreenderão.

Os Ovnis foram vistos e fotografados por centenas de pessoas

GULF BREEZE

Em 1987, o casal Frances e Ed Walters tornou-se centro de calorosa polêmica, com a divulgação de sua primeira série de fotografias polaróide de um suposto Objeto Voador Não-Identificado (OVNI) que teria sobrevoado sua residência em Gulf Breeze, Flórida, nos EUA. O misterioso objeto teria reaparecido em várias ocasiões, proporcionando um aumento do acervo fotográfico do casal. A nitidez das imagens e a repetição do fenômeno — não freqüentes em ufologia — levantaram suspeitas entre investigadores norte-americanos. Alguns, mesmo sem provas, chegaram a acusar os Walters de terem produzido um embuste.

As acusações começaram a perder força quando Investigadores de Campo da MUFON descobriram centenas de outras pessoas que também viram e fotografaram os mesmos OVNIs e que não tinham nenhum contato com Ed ou Frances. O físico Dr. Bruces S. Maccabee, especializado em análises de fotografias ufológicas por computador, acompanhou o desdobrar dos acontecimentos e concluiu pela autenticidade dos registros fotográficos.

Em sua recente visita ao Brasil, o Sr. Walter H. Andrus Jr., Diretor Internacional da MUFON, revelou que as aparições continuam em Gulf Breeze. Além das fotografias, foram localizadas pessoas que foram abduzidas (seqüestradas) e marcas de pouso.

Atualmente, uma equipe de oitenta voluntários mantém um sistema de permanente vigília na região e obteve êxito na documentação da fenomenologia em fotos e filmes. Para Walter Andrus Jr., a quantidade, bem como a qualidade do material reunido desde 1987, torna o chamado "Caso Gulf Breeze" o mais importante acontecimento na história da ufologia mundial, principalmente por possibilitar levantamentos técnicos em paralelo com as ocorrências.

BOLAS DE FOGO

No pequeno município de Iporanga, localizado no Alto do Ribeira, sul do Estado de São Paulo, uma equipe de pesquisadores do GUG - Grupo Ufológico do Guarujá, logrou registrar em fotos e vídeo a aparição das chamadas "bolas de fogo". O fenômeno, bem conhecido pelos habitantes da região, tem sua maior incidência no topo de uma serra, denominada Alto da Boa Vista, que dista cerca de 25 km da cidade pela estrada Iporanga—Apiaí.

Segundo Edison Boaventura Júnior, coordenador do GUG e editor do boletim Supysáua, "a partir do entardecer, as bolas luminosas surgem, transitando sobre o vale em trajetórias aleatórias, alternando, vez ou outra, sua velocidade e intensidade de luz. A tonalidade é de um laranja-claro e sua magnitude, pelo que pudemos precisar, chega a – 4 (equivalente ao planeta Venus, em sua máxima intensidade)."

Levantamentos indicam que as "bolas de fogo" são observadas na área desde a década de 40. Os relatos de avistamentos são numerosos e incluem contatos muito próximos com os globos luminosos, alguns dos quais sugerem a existência de um corpo sólido no centro das bolas. A pesquisa continua.

O mistério dos círculos ingleses ainda não foi solucionado

• UFO-RETROSPECTIVA •

•• 18 de setembro de 1976 •• Ao redor das 22:30 h, Hossain Perouzi, veterano controlador de tráfego aéreo do Aeroporto de Mehrabad, no Irã, começou a receber telefonemas de moradores do bairro de Shemiran, em Teerã, que relatavam a presença de estranhos objetos no céu. Perouzi notificou a Força Aérea e o Brigadeiro Abdulah Youssefi ordenou a imediata decolagem de um caça F-4, da Base de Shahrokhi.

À 01:30 h do dia 19, o F-4 rumava para local da aparição, 40 milhas ao norte de Teerã. A luminosidade do objeto era tão intensa que podia ser vista facilmente a 70 milhas de distância. Quando estava a umas 25 milhas da luz, todos os instrumentos do caça deixaram de funcionar e a comunicação (UHF e Intercom) foi cortada. Não podendo prosseguir com a intercepção, o F-4 retornou à Base, sendo substituído por outro.

O segundo F-4 também não teve sucesso na intercepção. Ao se

A MUFON - Mutual UFO Network, Inc., é a maior organização civil de pesquisas ufológicas do mundo, sediada em Seguin, Texas, nos EUA. Edita, mensalmente, o **Mufon UFO Jornal**, cujos direitos de tradução para o Brasil foram reservados à **ABP - Academia Brasileira de Paraciências.**

Exclusivo para ANO ZERO

A "FRAUDE" DOS CÍRCULOS

Com a confissão pública de dois senhores que assumiram total responsabilidade pela execução do "efeito dos círculos" nas plantações da Inglaterra, o mistério das marcas circulares parecia completamente solucionado. No entanto, Michael Chorost, 27, e outros estudiosos do fenômeno, não se convenceram e decidiram ir a fundo na questão. Num relatório com mais de 70 páginas, Chorost detalha a pesquisa científica de norte-americanos e ingleses, que trouxe à luz peculiaridades das marcas impossíveis de serem fraudadas. A pesquisa envolveu até mesmo sofisticadas medições de radiação em amostras do solo e análises microscópicas da estrutura celular das plantas afetadas.

Todos os especialistas em cereologia (paraciência que estuda esses fenômenos) sabem que fraudes foram cometidas e afirmam que é possível distingui-las. As conclusões das pesquisas, até o momento, são as seguintes:

- O fenômeno induz anomalias de radiação;
- Parece aquecer as plantas com rapidez;
- Algumas vezes, deixa as plantas chamuscadas;
- Produz o alongamento das células dos vegetais, mantendo vestígios do processo;
- Provoca anomalias no desenvolvimento de sementes;
- Os círculos podem ter relação com camadas aqüíferas ou freáticas;
- A grosso modo, percebe-se uma relação com os antigos monumentos megalíticos (como Stonehenge, por exemplo);
- as marcas quíntuplas, comuns até 1990, podem ser duplicadas artificialmente em laboratório (gerando um vórtice de plasma);
- Os círculos estão geograficamente associados com algumas observações bem documentadas (filmadas) de objetos aéreos luminosos não-identificados.

Com tempo de exposição de 3 a 4 minutos, a fotografia tirada na noite de 20 de abril mostra a trajetória do Ovni

• A MUFON NO BRASIL •

A partir de fereiro, a MUFON iniciará seu processo de implantação no Brasil, sob a coordenação da ABP —Academia Brasileira de Paraciências. Como nos EUA, aos poucos serão nomeados representantes estaduais e regionais, até que todo o território brasileiro seja coberto por uma rede de informações ufológicas.

O Projeto MUFON-Brasil prevê a constituição de um quadro de consultores, que deverá englobar os mais importantes segmentos do mundo científico e tecnológico.

Visando a formação de grupos filiados, palestras, cursos e simpósios serão promovidos nas grandes cidades, refletindo os 22 anos de experiência da organização.

Eventuais candidatos às vagas de representantes ou consultores devem escrever para o Projeto MUFON-Brasil — Caixa Postal 57028, Moema — 04093 — São Paulo.

aproximar do objeto, este afastou-se rapidamente, motivando uma perseguição até o sul de Teerã, quando um outro OVNI, igualmente luminoso, destacou-se do primeiro e partiu em direção ao caça. O piloto tentou lançar um míssil AIM-9 contra o OVNI, mas seu intento frustou-se, pois o painel de controle e as comunicações silenciaram. Nesse ponto, o piloto viu-se forçado a voltar e, ao longo de três ou quatro milhas, foi acompanhado pelo OVNI. Depois, o objeto tornou a unir-se ao original.

Pouco após essa fusão, outro corpo saiu do OVNI primitivo e desceu rapidamente, em linha reta, contra o solo. O piloto do F-4 recuperou o controle da aeronave e acompanhou o movimento do OVNI, pensando que este fosse colidir. O objeto, no entanto, pareceu pousar suavemente, iluminando tudo ao redor num raio de dois ou três quilômetros. Na manhã seguinte, os pilotos dos caças foram de helicóptero ao local do pouso e entrevistaram pessoas que tinham visto "intensas luzes" durante a madrugada. A ocorrência foi acompanhada por radares, mas nada foi informado quanto ao paradeiro dos OVNIs.

Este incidente no Irã, posteriormente foi confirmado com a liberação de um documento oficial do Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América.

O termo UFO, do inglês Unidentified Flying Object (OVNI - Objeto Voador Não-Identificado) foi criado em 1952 pelo Cap. Edward J. Ruppelt, da USAF - United States Air Force, em substituição ao popular e impreciso termo "flying saucer" (pires voador).

O projeto mais diabólico da CIA
CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY

Keystone

DROGAS PARA CONTROLAR A MENTE

Durante vinte anos, a Agência Central de Inteligência Norte-americana (CIA), financiou investigações clandestinas para controlar o cérebro da população por meio de drogas. Usuários do metrô de Nova Iorque e freqüentadores de bordéis recebiam doses de LSD para que, sem que eles soubessem, os efeitos da droga fossem simplesmente pesquisados através de seus comportamentos. Tudo parece indicar que alguns projetos secretos para controlar as mentes estejam ainda em andamento. Quem será a próxima cobaia?

"Levaram meu companheiro com as mãos atadas às costas. Eu estou alinhado com outros soldados, como se fosse um pelotão de execução. Penso que não quero atirar contra meu amigo e vou passar meu fuzil ao comandante. Mas me dou conta de que não estamos armados... Fazem meu companheiro andar sobre um terreno descampado. Ele tem os olhos vendados e um árabe lhe fala. Outro árabe o golpeia por trás dos joelhos com a culatra do fuzil e ele cai de joelhos. Então, um dos árabes pega uma grande espada e lhe corta a cabeça. O sangue jorra, mas em pouca quantidade, o que parece estranho. Sua cabeça cai por terra. O rosto tem uma impressão impassível. Seu corpo se torce e se convulsiona como o de uma galinha. E é sempre neste momento que desperto..."

Esta cena se repete com freqüência nos pesadelos do ex-sargento Tex Smith, desde que regressou, desmemoriado, do seu serviço militar no Mediterrâneo. O inquietante do assunto é que nada tem a ver com a recente crise do Golfo. Isto ocorreu mesmo antes que Komeini chegasse ao poder, e Kadafi representasse uma ameaça real para os Estados Unidos. Estamos em 1976 e, ainda que alguns grupos palestinos já tenham cometido alguns atentados terroristas, nenhum americano médio poderia suspeitar que os povos do Islam ainda se tornariam seu grande oponente... Entretanto, nas entranhas da intrapolítica, os que movem as peças do xadrez planetário já sabem que o Oriente Médio é o cenário onde irá ser julgado o destino do mundo e será o próximo inimigo a ser abatido, a verdadeira encarnação do Mal, que manterá unidos os seus súditos, alimentando a indústria armamentista que constitui a locomotiva da economia mundial. Mera especulação?

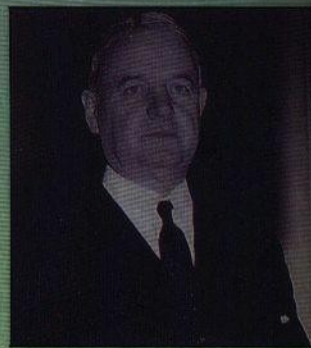
O caso de Tex é apenas um entre os vinte casos reunidos pelo jornalista Walter Bowart, de militares norte-americanos que regressaram desmemoriados do serviço militar e que eram vítimas de pesadelos atrozes.

Em busca de psicocobaias

Bowart descobriu a primeira vítima do controle mental em 1973. Tratava-se de um amigo de infância que havia perdido toda a memória dos seus anos passados na Força Aérea. Graças à psicoterapia intensiva, descobriu-se que ele havia sido hipnotizado e condicionado pelos seus superiores, que demoliram e reconstruíram novamente o seu psiquismo. Bowart supôs tratar-se de um caso isolado. Meses depois surpreendeu-se ao encontrar outro habitante de sua cidade natal que estava convencido de ter sido hipnotizado para que fossem apagadas suas recordações das missões cumpridas para o Exército, pouco antes de aposentar-se.

Bowart não pensou duas vezes. Redigiu um anúncio onde pedia para entrar em contato com pessoas que conhecessem a utilização da hipnose no exército e com soldados que suspeitassem ter sido hipnotizados ou drogados durante o serviço militar e que por conseqüência tivessem sofrido transtornos de memória. O anúncio foi publicado na revista dos mercenários e nas publicações dirigidas a hipnotizadores, psicólogos e neurologistas. Obteve mais de uma centena de respostas, especialmente de ex-militares desmemoriados.

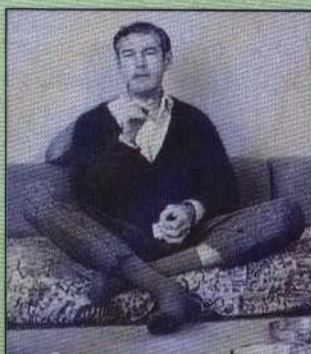
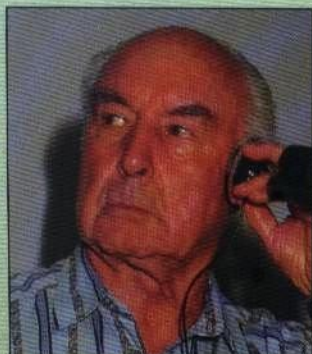
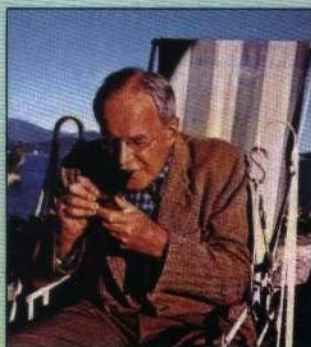
Para descartar os casos em que a perda de memória poderia ser atribuída a um "trauma de guerra", Bowart concentrou-se naqueles que não participaram de combate mas trabalharam com documentação ultra-secreta, selecionando dezoito pessoas cujas recordações lhe permitiam ter uma idéia fragmentada do que lhes sucedeu, cujos relatos pareciam verossímeis e que coincidiam com os primeiros testemunhos.

Entretanto, estas entrevistas esclareceram muito pouco sobre a forma pela qual havia sido provocada a amnésia. Dois anos de investigações em arquivos e bibliotecas foram necessários para conseguir documentos científicos e governamentais suficientes para permitir-lhe esboçar a história completa do que denomina Operação Controle

Donovan, diretor do Escritório de Serviços Estratégicos (OSS), um dos fundadores da criptocracia

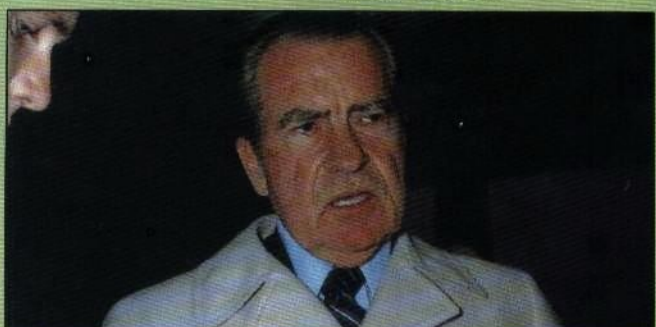
Aldous Huxley, escritor inglês que se dedicou a promover drogas psicodélicas

Frank Olson, especialista em guerra biológica, se suicidou após ter ingerido LSD involuntariamente

Hans Clemens, um dos muitos ex-SS nazistas recrutados pela inteligência ocidental, se tornou agente duplo

O presidente Eisenhower, o seu secretário de estado, Foster Dulles (centro) e o diretor da CIA, Allen Dulles (foto à direita), se basearam no temor aos comunistas — que eles mesmos promoveram — para edificar um verdadeiro governo secreto, sob a cobertura dos serviços de inteligência

Albert Hoffmann (esquerda) descobriu o LSD nos laboratórios Sandoz da Suíça (centro), onde conheceu o superagente da OSS, Allen Dulles. Mais tarde, as agências de inteligência americanas importaram grande quantidade de LSD, cujo consumo no underground foi promovido por Timothy Leary (direita)

Os experimentos realizados pelo Dr. Cameron para a Mk-ultra foram prosseguidos em Beirute por fundamentalistas muçulmanos (foto), utilizando como cobaias reféns ocidentais

O piloto espião G. Powers assegurou que as únicas drogas que recebeu foram administradas pela CIA

Reinhard Gehlen, outro ex-nazista transformado pela CIA em defensor da democracia. No campo nazista de Dachau se realizaram os primeiros interrogatórios utilizando-se a mescalina. O escândalo de Watergate e a queda de Nixon ocasionaram as primeiras investigações sobre a criptocracia

Mental. Muitos outros investigadores, antes e depois dele, reuniram evidências de sobra para demonstrar que, desde 1938 até hoje, diversas organizações dependentes do governo americano têm investigado e desenvolvido técnicas de psicopolítica e controle do comportamento.

Na opinião de Bowart, o objetivo desta operação foi "fazer de seres humanos autênticos zumbis não pensantes, motivados, sem seu conhecimento e contra a sua vontade, para adotar comportamentos que não foram escolhidos livremente".

Zumbis programados no país das liberdades?

Parece impossível que tudo isto tenha ocorrido ocultamente num país democrático, onde se cultua a liberdade de informação, onde um escândalo como o de Watergate — descoberto pelos meios de comunicação — foi capaz de causar a destituição do presidente Nixon. Sempre existem infiltrações, por conta de militares que passam para a reserva ou executivos das agências de informações que abandonaram suas carreiras e acabam denunciando semelhantes atrocidades. E, no entanto, existiram e ainda existem projetos ultra-secretos sobre os quais só sabemos algo por testemunhos distorcidos e rumores que emergem do hábil jogo de desinformação. A *Brigada Vermelha*, que operou durante décadas em toda Europa Ocidental e contou com importantes centros operacionais em vários países, sem que se pudesse sequer suspeitar de sua existência, é um mero exemplo do muito que ignoramos.

No presente caso, passou-se mais de um quarto de século para que a opinião pública norte-americana começasse a saber algo sobre uma série de projetos financiados com os impostos do cidadão e que atentavam contra a liberdade e a dignidade humanas. Mesmo assim, só foi possível conhecer os dados mais superficiais do jogo sinistro.

De fato, foi preciso passar por Watergate para que as águas turvas da política oculta começassem a se

agitar, deixando entrever o seu fundo. Foram necessárias investigações parlamentares para levantar atividades da Agência Central de Inteligência (CIA). Entre elas, as pistas semi-apagadas das pesquisas sobre o controle mental.

Uma revelação monstruosa

Em 1974, uma comissão de inquérito do Senado, dirigido pelo democrata Frank Church, começou a fazer suas primeiras descobertas sobre a existência de um projeto ultra-secreto da CIA, cujo objetivo havia sido investigar o controle da mente. Mas os arquivos relativos a estas atividades foram destruídos no ano anterior. Em 1975, as investigações do Congresso conseguiram encontrar uma série de documentos relacionados com o assunto, guardados por engano nos arquivos de contabilidade de um centro de processamento de dados subordinado à Agência. O informe da comissão Rockfeller sobre as atividades da CIA, nomeada pelo presidente Gerald Ford, permitiu que os contribuintes soubessem que a Agência, em colaboração com outros órgãos governamentais, civis e militares, havia ministrado drogas em cidadãos americanos para influir em seus comportamentos.

Para que se conhecesse em detalhes a história, uma equipe do *New York Times* obteve acesso a cerca de 7.000 documentos relacionados com o assunto, graças à recentemente promulgada Lei de Liberdade de Informação. O impacto na opinião pública foi brutal. E Stanfield Turner, diretor da CIA nomeado pelo Presidente Jimmy Carter, se viu obrigado a prestar esclarecimentos ao Congresso.

Soube-se assim, oficialmente, que a Agência havia desenvolvido um projeto de experiências sobre o controle do comportamento humano, com o auxílio de drogas, tratamentos hipnóticos, estimulação eletrônica do cérebro, ultra-som, infra-som, microondas, isolamento sensorial e outros procedimentos de manipulação mental. Estes métodos foram administrados a milhares de pessoas em penitenciárias, hospitais militares e clínicas privadas.

No metrô de Nova Iorque se difundiu LSD para testar como afeta o público em espaços fechados

Os campos de pesquisa incluíam a perda da memória, a criação de dependências, a alteração da conduta sexual, diversas formas de sugestão, emprego de espionagem e contra-espionagem e a percepção extra-sensorial, entre outros.

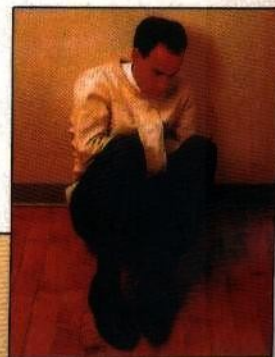
O programa custou 25 milhões de dólares e sua existência conseguiu ser mantida em segredo, mediante uma descentralização que impedia aos seus participantes conhecer a existência de outras investigações paralelas. Neste projeto aconteceram, no mínimo, 149 experimentos diferentes, realizados por 185 cientistas, alguns deles de reconhecido prestígio, em 44 universidades e institutos científicos, 15 fundações e laboratórios, 12 hospitais e 3 prisões.

Tendo o Laboratório Federal de Narcóticos como cobertura, a CIA criou organizações que utilizava para financiar seus projetos, como o Instituto de Engenharia Científica, ou a Sociedade para Investigação da Ecologia Humana. Houve também organizações privadas que cederam verbas para o projeto, como o Fundo Geschikter para investigação médica ou a Fundação Josiah Macy Jr.

O Dr. Sidney Gottlieb, diretor do projeto Mk-ultra, destruiu os 152 informes do citado programa por sugestão do então diretor da CIA, Richard Helms, pouco antes que ambos apresentassem as suas demissões. E, segundo declararam perante a comissão Church, o fizeram para não prejudicar a reputação de quem, sem pertencer à CIA, havia participado desta operação, ignorando que ao destruir os documentos feriam um regulamento da própria Agência.

O mito da lavagem cerebral

Helms explicou que as pesquisas se iniciaram devido ao temor de que os comunistas possuíssem técnicas eficientes de manipulação do cérebro. A opinião pública ocidental se viu comovida quando, nos anos 50, o cardeal Midszenty admitiu falsas acusações das autoridades húngaras. A idéia foi reforçada quando 70 por cento dos 7.190 soldados americanos que caíram prisioneiros na guerra da Coréia assinaram confissões de culpa, pediram que cessasse a intervenção de seu país ou colaboraram com os comunistas.

O termo *lavagem cerebral* foi inventado por E. Hunter, um especia-

Foram administrados alucinógenos em deficientes mentais, incapazes de dar o seu consentimento.

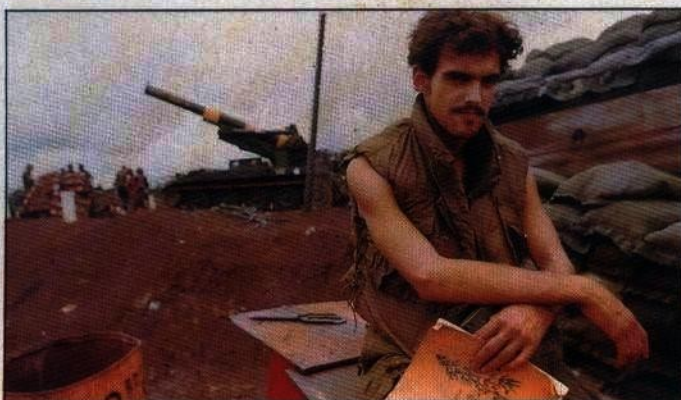
lista em propaganda da CIA para explicar o cooperacionismo e maximizar a maldade do inimigo. Mas o certo é que estas técnicas aplicadas pelos chineses aos inimigos na Coréia, nada tinham a ver com drogas, hipnose ou controle mental. Utilizavam métodos comuns de propaganda e doutrinação psicológica, baseados na repetição, nas conversas, nas gratificações, nas ameaças e nos castigos.

Assim o reconheceram muitos ex-prisioneiros, como o coronel Guttersen, expert em hipnose, responsável pelo seminário da Força Aérea sobre a lavagem cerebral na Coréia e herói da guerra do Vietnam, que deixou claro que os comunistas haviam influenciado, mas não controlado, o espírito dos prisioneiros americanos em ambas as guerras. Mais escandalosas ainda foram as declarações do piloto de provas Gary Powers, abatido em 1960 enquanto sobrevoava com o U-2 o território soviético. Durante o seu processo, pediu desculpas ao povo russo pelos danos causados; enquanto alguns americanos o julgavam traidor, outros supunham que ele tinha sido vítima de uma lavagem cerebral.

Quando Powers foi trocado por um espião russo, escreveu um livro — cuja publicação foi proibida pela CIA durante anos — negando veementemente ambas as suposições. Durante mais de três semanas, ele foi interrogado nos Estados Unidos por especialistas que lhe administraram tranqüilizantes, quando negou haver sido drogado ou submetido à lavagem cerebral. Powers disse com ironia que então comprovou que "os americanos estavam muito mais dispostos que os soviéticos a se servirem de drogas". Estas acusações foram publicamente desmentidas pelo diretor da Agência, Allen Dulles, que assegurou que eles nunca empregaram técnicas de lavagem cerebral. Os documentos que seriam descobertos anos depois indicam justamente o contrário.

As raízes da criptocracia

Na realidade, o interesse dos serviços de inteligência americanos na possível utilização de drogas e hipnose com fins bélicos e de espionagem, se remonta aos anos quarenta.

O general Donovan, criador do primeiro serviço secreto norte-americano (OSS) que iniciou as investigações americanas sobre a guerra psicológica e bioquímica durante a Segunda Guerra Mundial, foi o pai do que Bowart denomina *criptocracia*, definida como sendo "uma burocracia que conspira contra nossas leis e nossa liberdade, invadindo a vida privada dos cidadãos e das sociedades, um governo secreto". Sua identidade e obras começaram a ser reveladas pelo Congresso no curso das investigações sobre *Watergate* e os serviços secretos. A influência da criptocracia se estenderia — segundo Bowart e outros investigadores — desde as diversas agências e administrações governamentais até empresas e instituições privadas e organizações religiosas, com o intuito de influir na política e na imprensa nacional e em outros países.

Durante a guerra do Vietnam, muitos soldados americanos se converteram em cobaias do controle mental

Os verdadeiros arquitetos da criptocracia foram os irmãos Dulles. Em 1952, o presidente Dwight Eisenhower nomeou seu amigo John Foster Dulles secretário de Estado, e, um ano depois, colocou a CIA nas mãos de Allen Dulles, até então responsável pelas operações clandestinas da Agência. Foi então que a guerra fria — da qual Foster Dulles foi considerado o cérebro e que tanto contribuiu para o desenvolvimento da indústria armamentista, base da economia americana do pós-guerra — chegou ao apogeu e os irmãos Dulles edificaram a criptocracia. Assim o indicaram diversos autores, como o tenente-coronel Fletcher Prouty, íntimo colaborador de Allen Dulles nas operações clandestinas da CIA e autor de *A equipe secreta*.

Outro eficiente colaborador de Dulles nesta época foi o Dr. Ewen Cameron, que nos anos 50 se tornaria um dos mais prestigiados psiquiatras americanos e o mais destacado participante da *Operação Controle Mental* da CIA. Mediante suas acuradas análises da mentalidade alemã, Cameron ajudou Allen Dulles na 2.ª Guerra Mundial a expandir a histeria entre a população alemã e a influenciar Himmler para derrubar Hitler. Entre suas sugestões está a proposta que, após o término da guerra, cada alemão maior de 12 anos recebesse um curto tratamento com eletrochoque para apagar de seu cérebro todo vestígio de nazismo.

Washington, Nova Iorque, São Francisco, cobaias da guerra bioquímica.

Foi preciso esperar mais de 40 anos até a publicação de *Blowback*, uma documentadíssima obra que demonstra os efeitos que teve sobre a política e a ciência norte-americanas o recrutamento maciço de nazistas por parte das agências governamentais, para entender que — pelo contrário — tanto Allen como seu irmão Foster influíram de forma acentuada, e clandestina, na ajuda prestada a conhecidos criminosos de guerra e membros da SS.

Impulsionada pelo temor de que os soviéticos estivessem usando procedimentos similares, a Marinha norte-americana, no outono de 1947, colocava em marcha o projeto *Chatter* (Tagarela), primeiro dos cinco programas iguais que se desenvolveriam. Iniciadas no hospital Naval de Bethesda, sob a direção do Dr. Gaefsky, as pesquisas pros-

Primeira página de um memorandum sobre o subprojeto 68 de reprogramação psíquica, dirigido pelo Dr. Cameron

MEMORANDUM FOR: THE RECORD

26 February 1957

SUBJECT: MKULTRA Subproject 68

1. Subproject 68 is being initiated as a means to support a research program, the effects upon human behavior of the repetition of verbal signals. The program will be under the direction of Dr. (D. Ewen Cameron, Chairman of the Department of Psychiatry at McGill University, Montreal, Canada.) The program will be for a period of two years, starting 18 March 1957.

2. The scope of the project will encompass studies upon the effects of predetermined signals upon (a) physiological functions, (b) patterns of behavior. The immediate objectives of the program will entail a study of methods to (a) improve the technique of betéropsychic driving, (b) to investigate the range of physiological functions which can be changed by these procedures. More specifically, these studies will include:

(1) A search for chemical agents which will breakdown the ongoing patterns of behavior:

more rapidly
more transitorily
with less damage to the perceptive and cognitive capacities of the individual than the present physiological agents.

(2) An attempt to develop better methods of inactivating the patient during the period of driving (exposure to repetition), and at the same time maintain him at a higher level of activity, by physiological and chemical agents, than by the present physical effects. Among the chemical agents which we propose to explore with respect to their capacity to produce inactivation are the following (used either singly or in combination):

Artane
Anectine
Bulbocapnine
Curare
LSD-25.

14 July 1952

MEMORANDUM FOR: Director of Central Intelligence

SUBJECT: Successful Application of Narco-Hypnotic Interrogation (ARTICHOKE)

1. A team composed of representatives of this office and of the [illegible] Office have recently concluded [illegible] two successful interrogations using drugs and hypnosis.

2. A more detailed account is attached hereto. However, the highlights are as follows:

(a) Subjects were Russian agents suspected of being doubled.
(b) Cover was psychiatric-medical.
(c). Control methods were by narcosis, by hypnosis, and by combination of both.
(d) The interrogations were regarded by OSO as very successful.
(e) "Regression" under hypnotism was obtained (reliving past incidents of subject's life).
(f) Amnesia of the actual interrogations was obtained.

3. If you should desire, I will arrange for Mr. [illegible] and Mr. [illegible] to give you a full briefing.

Drugs
Hyp.

[illegible]
Colonel, GSC
Security Officer/CIA

seguiram até 1972, contando com a colaboração de diversas universidades. O projeto tinha como meta identificar drogas capazes de atuar sobre a vontade e experimentar seus efeitos sobre animais e voluntários humanos.

Em 1950, a CIA iniciou seu programa *Bluebird* (Pássaro azul), que no ano seguinte foi rebatizado como *Artichoke* (Alcachofra) e durou até 1956. Seus objetivos eram: "descobrir meios para condicionar o pessoal da agência, a fim de evitar que possam divulgar informações que não têm o direito de transmitir; encontrar meios para aumentar a memória; preparar medidas defensivas que permitam prevenir todo controle adversário do pessoal da Agência; avaliar a possibilidade de dominar um indivíduo mediante técnicas de interrogatório não convencionais" que compreendiam a hipnose e as drogas. A primeira experiência foi realizada por dois médicos da Agência que voaram a Tóquio acompanhados por Allen Dulles, para interrogar — com o emprego de amital sódio e de benzedrina — quatro japoneses que trabalhavam para Inteligência do exército dos EUA, e eram suspeitos de colaborar também com os russos. A equipe viajou a Seul para aplicar as mesmas técnicas em vinte e cinco prisioneiros coreanos.

O projeto *MK-naomi*, desenvolvido pela CIA em colaboração com a divisão de Operações Especiais do Exército desde 1952 até 1970, estava baseado na guerra biológica. Seu objetivo era armazenar agentes letais ou incapacitantes, fabricar compostos químicos úteis para as operações da CIA e agentes biológicos que permitissem envenenar as plantações e o gado dos países inimigos para infringir-lhes graves danos econômicos. Hoje sabemos, por exemplo, que a epidemia de febre suína que se instaurou em Cuba em 1971, foi obra de um agente da CIA, e que também foram estudadas as mais alucinantes propostas para acabar com Castro.

O incrível é que, na raiz deste e de outros projetos, foram realizadas experiências de conseqüências potencialmente nefastas sobre o próprio território norte-americano. Assim, lançaram sobre a baía de São Francisco bactérias capazes de provocar a morte de 10 por cento das pessoas infectadas, com o objetivo de medir o grau de vulnerabilidade da população à uma agressão bacteriana. A CIA fez circular por um perímetro de 130 km ao redor de Nova Iorque, um carro cujo tubo de ensaio emitia um gás tóxico, para observar seus efeitos sobre os inocentes pedestres. Outros agentes, equipados com filtros nos narizes, circularam pelo metrô novaiorquino com aparelhos emissores camuflados, a fim de comprovar se o LSD — difundido em um espaço fechado — poderia afetar a população. Tampouco se livraram das incríveis experiências o Pentágono, o aeroporto de Washington e a cidade do Panamá.

No decorrer da operação *White-coat* (Casaco Branco), entre 1958 e 1969, a Unidade Médica do Exército inoculou germes infecciosos em centenas de pessoas, em sua maior

An OSI Study
on the
[illegible]
OF LYSERGIC ACID DIETHYLAMIDE (LSD-25)

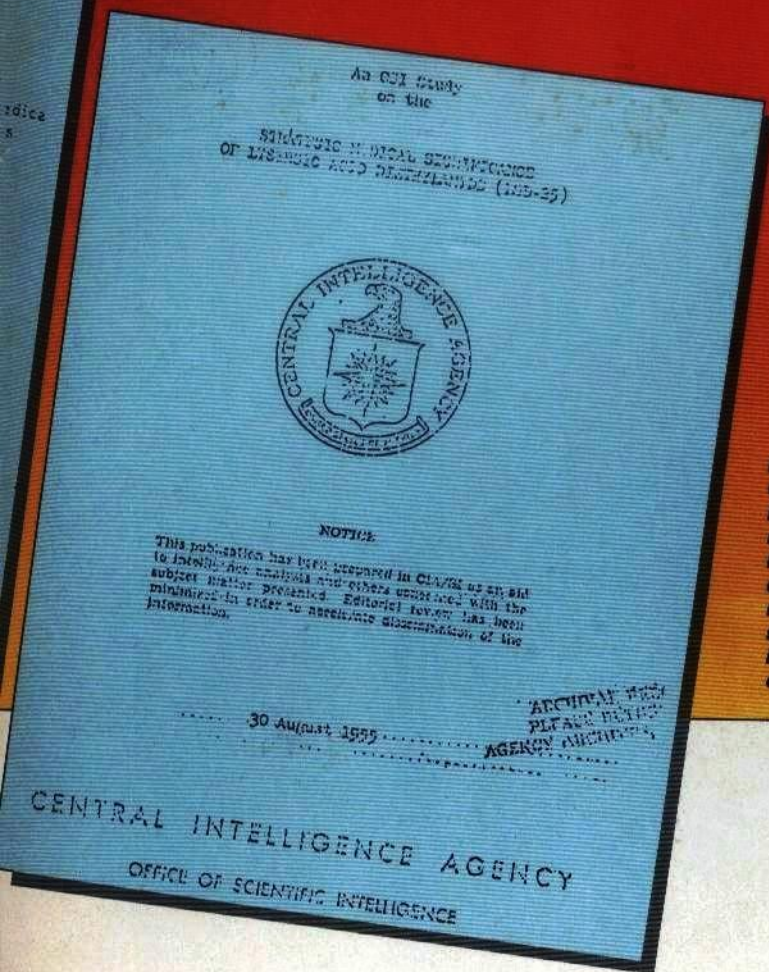
NOTICE

This publication has been prepared in OSI/... as an aid to intelligence analysis and others concerned with the subject matter presented. Editorial review has been minimized in order to accelerate dissemination of the information.

30 August 1955

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY

OFFICE OF SCIENTIFIC INTELLIGENCE

À esquerda, o documento do projeto Artichoke da CIA sobre novas técnicas de interrogatório

MEMORANDUM

SELECTIVE AMNESIA

We have already reported the results of treatment of paranoid
schizophrenics using a treatment procedure based on repetitio
This was reported at the Second World Congress of Psychiatry.
The procedures now used are being extended to cover all type
schizophrenia, and indeed to cover other types of deviant beh
such as certain forms of schizo-affective states and severe
depressions (c.f. Mrs. Rita Stewart). We have obtained unif
good results save with respect to the deficit symptoms of sc
phrenia.

Acima, manuscrito de Cameron sobre amnésia seletiva publicado no boletim da Associação Psiquiátrica. Abaixo, outro manuscrito de Cameron onde se enunciam as regras da obediência psíquica incondicional.

PSYCHIC DRIVING

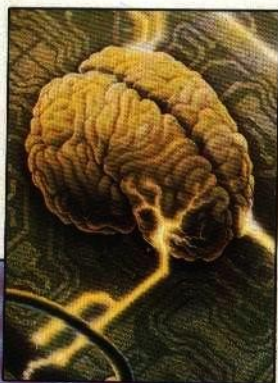
D. Ewen Cameron M.D.

Introduction

The development of readily operated recor
devices, and particularly of the magnetic tape r
corders with their high fidelity, early led to
by a number of investigators of their value in
therapy.

In June 1953, in the attempt to enable a
defensive patient to identify an important dyna
relevant sentences were swung continuously back
forth some ten or fifteen times through the pl
head. It was observed that the patient became
ingly uncomfortable, and as the repetition was
on some thirty times she identified the dynami
the continual repetition progressed, she show
creasing disturbance and settled down only wh
corder was stopped.

Our attention was at once caught by th

Informe da CIA sobre o LSD-25 onde se propõe lançar nuvens de alucinógenos sobre cidades inimigas, à esquerda

Chegaram a difundir LSD no metrô de Nova Iorque para conhecer as reações dos usuários em ambientes fechados.

parte adventistas do sétimo dia, que aceitaram prestar seu serviço militar em unidades não combatentes e admitiram a experiência, já que esta, oficialmente, tinha um caráter apenas defensivo.

Mk-ultra: começa a grande aventura

Em abril de 1953, Allen Dulles aprovou o projeto *Mk-ultra* proposto por Richard Helms, que anos depois viria a ser diretor da CIA. Este foi o mais importante dos programas de investigação bioquímica e sob seu nome se encobriam cerca de 150 subprojetos relacionados com o controle mental, incluindo a parapsicologia, coordenados pelo Dr. Sidney Gottlieb. O programa foi cercado do mais absoluto sigilo, tanto pela escassa legalidade e moralidade de algumas de suas pesquisas como pelo temor de reações hostis da opinião pública norte-americana e dos serviços de inteligência estrangeiros.

Os testes de substâncias capazes de alterar o comportamento se desenvolveram em três etapas. A primeira, centrada na pesquisa das drogas, foi confiada a numerosos especialistas de laboratórios universitários e privados, de hospitais e instituições estatais; a maioria deles ignorava que trabalhava para CIA. O objetivo principal do estudo foi o uso do LSD para obter informações de agentes inimigos, para desacreditá-los ou para mantê-los sob controle, devido à errônea suspeita de que os russos poderiam tentar utilizá-lo.

Na segunda fase colaboraram médicos, psiquiatras, psicólogos e toxicólogos, que realizaram numerosos testes com voluntários recrutados fundamentalmente nas prisões e hospitais psiquiátricos. No Centro de Reabilitação para drogados do Instituto Nacional de Saúde Mental, em Lexington (Kentucky), os pacientes receberam doses de LSD ou heroína, em certas ocasiões durante 77 dias consecutivos, sendo paga a sua participação nas experiências com novas doses das drogas. Em certos hospitais, doentes mentais tomaram alucinógenos, quando estavam absolutamente incapazes de dar seu consentimento.

Desprogramando o biocomputador humano

O já citado dr. Ewen Cameron, primeiro presidente da Associação Mundial de Psiquiatria e diretor do Instituto psiquiátrico Allen Memorial da Universidade McGill canadense, foi o participante mais entusiasta deste projeto. As experiências de Cameron se baseavam na desprogramação ou no apagar total da mente dos seus pacientes mediante doses maciças de drogas, eletrochoques brutais, isolamento sensorial, repetição intensiva de mensagens gravadas e neurocirurgia radical, muitas vezes imobilizando-os mediante o curare, que os índios amazônicos usavam em suas flechas envenenadas. Depois, tentava reestabilizar ou reprogramar, sem consegui-lo, esses indivíduos cujo cérebro havia "lavado" previamente. O que se obteve foi provocar profundas amnésias e destruir personalidades, corpos e vidas de mais de cem pessoas, violando tanto os seus direitos, como as normas que regem a investigação com seres humanos, com o financiamento e aprovação da CIA. As monstruosas experiências foram prosseguidas por médicos de outros países, culminando com aquelas realizadas pelo dr. Al-Abub com os reféns ocidentais seqüestrados em Beirute pelos fundamentalistas muçulmanos.

A terceira fase do Mk-ultra utilizou pessoas normais, sem contar com o seu consentimento ou seu conhecimento, a fim de estudar as alterações que as drogas provocam no comportamento cotidiano.

Operação "Orgasmo da meia-noite"

Para ela, o dr. Sidney Gottlieb, diretor do *Mk-ultra*, solicitou em 1953 a ajuda do Escritório de Narcóticos, que lhe forneceu um grupo de agentes dirigidos por George White, um antigo jornalista meio alcoólatra, que alugou apartamentos contíguos no bairro novaiorquino de Greenwich Village. White atraía pessoas que encontrava em bares, sem se preocupar em selecioná-los. Ele lhes administrava LSD através de bebidas ou alimentos, observando secretamente suas reações. Como estes testes não eram praticados por peritos qualificados, e não havia nenhum acompanhamento posterior dos sujeitos intoxicados, para impedir que tais operações chegassem ao conhecimento do inimigo ou da opinião pública, sua eficácia era muito limitada.

A absurda realidade contrasta com a imagem pacífica de Cameron em um anúncio de sua clínica psiquiátrica cercado de seus pacientes e ao lado com a esposa. Embaixo, Jean-Charles Pagé, uma das vítimas de Cameron que ganhou um processo contra a CIA.

Apesar de tudo, as singulares experiências continuaram. Quando White foi transferido para São Francisco por seus superiores, fecharam "a casa segura" de Nova Iorque e abriram outra naquela cidade. Além dos testes com drogas que eram administradas por prostitutas contratadas, a CIA utilizou os apartamentos para observar através de um falso espelho as atividades destas profissionais. Tudo fazia parte de um programa de estudo das reações sexuais como possibilidades para preparar armadilhas para os homens. A operação foi conhecida como *Midnight climax* (Orgasmo da meia-noite).

Este projeto continuou com outros experimentos para investigação de formas de manipulação da sexualidade estranha "com fins de inteligência". Assim, segundo foi revelado em 1977, foram provocadas todas as formas de desvios sexuais mediante drogas e hipnose. Utilizando inicialmente detentos, depois pacientes de hospitais e finalmente gente comum, converteram em homossexuais e lésbicas pessoas que mantinham até então um comportamento heterossexual. Os investigadores garantem que estas eram as mais inofensivas das práticas, em comparação com outras que implantaram nas mentes das vítimas fixações aberrantes que "as converteram em autênticos monstros".

"Só uma imaginação extremamente doentia poderia conceber este tipo de manipulação" declarou um dos que tiveram acesso à documentação.

O exército joga com o LSD

Algumas destas experiências foram realizadas pelo dr. Harold Abramson, imunologista do Hospital Monte Sinai que também trabalhou com LSD. O dr. Sidney Gottlieb pediu que ele pesquisasse sobre transtornos de memória e comportamento, com o objetivo de tentar provocar em Fidel Castro uma mudança no seu comportamento sexual, a sugestionabilidade e a obtenção de informações.

Na baía de São Francisco (esquerda) foram lançadas bactérias capazes de matar dez por cento dos infectados. Em Nova Iorque (acima), colocaram em circulação um carro emitindo um gás tóxico pelo cano de descarga

Testes similares com LSD e outras drogas foram realizados no estrangeiro dentro do subprojeto *Mk-delta*, aplicadas inicialmente em pessoas suspeitas de espionagem, sob controles médicos que — ironicamente — haviam brilhado por sua ausência nas investigações realizadas com americanos inocentes. O G-2, serviço de inteligência do Exército, também experimentou o ácido lisérgico com não voluntários na Europa e no Extremo Oriente, durante os projetos *Third Chance* e *Derby Hat*, incluídos no programa *EA 1729* (denominação em cógido do LSD).

Apesar das críticas que a utilização de drogas provocou na própria CIA, em 1964, testes com prisioneiros e débeis mentais continuaram sendo praticados no *Mk-search*, um novo programa mais amplo e operativo que retomava alguns dos objetivos do *Mk-ultra*. Ainda que este tenha cessado as pesquisas com LSD em fins dos anos sessenta, continuou-se trabalhando com novas drogas, através dos subprojetos *Mk-chickwit* e *Mk-often*. Este último era um programa desenvolvido com a colaboração do Serviço Químico do Exército no arsenal de Edgewood (Maryland), que, por sua vez, vinha realizando testes com LSD e outros compostos químicos desde 1955, dentro da operação *Whitecoat*, utilizando para isto cerca de dez mil militares. Ainda que em sua maioria se tratasse de voluntários, não lhes foi dito que drogas tomariam, limitando-se a informar que sentiriam um mal-estar passageiro.

Controlavam as relações sexuais das pessoas, através de falsos espelhos, no quarto de um prostíbulo.

Experimentos similares foram realizados em outros centros militares. Entre outras coisas, se tentava verificar se um sabotador poderia conseguir que uma grande cidade deixasse de funcionar introduzindo nas reservas de água uma certa quantidade de LSD. Para isto, esta droga foi introduzida no café de um batalhão de soldados, e logo depois foi pedido que realizassem tarefas rotineiras, enquanto uma câmera oculta os filmava, demonstrando sua incapacidade de cumprir até as ordens mais fáceis. Estudos posteriores mostraram que a sabotagem não era tão simples, já que um indivíduo deveria beber meio litro de água contaminada para ser afetado e no caso de aumento da dose, corria-se o risco de transformar o líquido em um poderoso veneno. Em 1975, as investigações terminaram diante da incapacidade de se imunizar as tropas contra o efeito do LSD, antes que tivesse sido encontrado um antídoto seguro contra o mesmo.

Morreram pela "causa"

Além de diversas tentativas de suicídio posteriores à ingestão das drogas, hoje sabemos que estas experiências causaram pelo menos duas mortes. Harold Bauer ingressou no Instituto Psiquiátrico do Estado de Nova Iorque acometido de depressão, e, em janeiro de 1953, faleceu por uma parada cardíaca, como conseqüência de uma injeção intravenosa de derivados da mescalina que — como em outros pacientes — tinha sido aplicada sem o seu consentimento, como parte de um contrato que a instituição havia assinado com o Exército.

Reprodução das capas dos melhores livros que foram publicados sobre a manipulação do cérebro com drogas por parte dos serviços secretos norte-americanos.

Em novembro de 1953, o dr. Frank Olson, um funcionário civil da Marinha, especializado no transporte de micróbios por aviões, recebeu junto com outros colegas — sem seu conhecimento e por iniciativa de Gottlieb — uma dose de LSD, durante o programa *Mk-naomi*. Seus companheiros conseguiram superar a experiência, mas Olson caiu em forte depressão e acabou pulando do décimo andar de um hotel em Nova Iorque, onde estava aguardando a transferência para receber tratamento psiquiátrico em uma clínica de confiança da CIA. Foram necessários 22 anos para que se tornassem públicas as verdadeiras circunstâncias de sua morte e para que sua família fosse justamente indenizada por esta ação ilegal e irresponsável da Agência.

O *Mk-search*, sobre o qual falta ainda muito para ser descoberto, foi interrompido em 1972, por causa do escândalo de *Watergate*. As denúncias destes absurdos culminaram em outubro de 1988 com a entrega de 750 mil dólares por parte do Departamento de Justiça a querelantes, afetados pessoalmente ou pela morte de familiares citados nas investigações, sendo bem entendido que eles não deveriam voltar a discutir este assunto publicamente. Embora o almirante Stanfield Turner tenha assegurado em 1977 que a CIA não trabalhava em nenhum outro projeto similar, a ampliação das prerrogativas outorgada pelo presidente Ronald Regan aos Serviços de Inteligência, nos levam a suspeitar que as investigações sobre o controle da mente poderiam ter ido muito mais longe do que podemos imaginar.

No entanto, as implicações da operação de controle mental se estendem a um campo muito mais tenebroso: a criação de assassinos programados. Durante a Primeira Guerra Mundial, os irmãos Dulles colaboraram para o surgimento de uma federação mundial de nações com E.M. House, braço direito do presidente Wilson. Prosseguindo com seu projeto mundial, fundaram a seguir o Conselho de Relações Internacionais (CFR), ao qual pertenceram os presidentes Eisenhower, Nixon, Roosevelt, Kennedy e Bush, assim como muitos secretários de Estado, ministros, diretores da CIA e altos funcionários norte-americanos dos últimos 50 anos. O desconcertante é que entre os 1.400 sócios do CFR também se incluem os ex-senadores Nelson Rockefeller e Frank Chuch, que dirigiram as comissões parlamentares encarregadas de denunciar as maquinações imaginadas pelos seus sócios. Mudar algo para que tudo permaneça igual?

O QUE É?

PSICOCIBERNÉTICA

Proposta pelo conceituado cirurgião plástico e psicólogo Dr. Maxwell Maltz, é um processo de aprimoramento pessoal que, redirecionando certas reações cérebro-mentais, visa atingir um modo de viver criativo, descontraído e mais produtivo.

A base da psicocibernética é a "auto-imagem" — a imagem que o indivíduo faz de si mesmo. Segundo o Dr. Maltz, a auto-imagem é a chave da personalidade humana e do comportamento. Modificando a auto-imagem, alteramos a personalidade, o comportamento e também as fronteiras que parecem limitar nossas perspectivas e realizações.

Os praticantes da psicocibernética encaram o cérebro e o sistema nervoso como um complexo mecanismo perseguidor de objetivos, uma espécie de sistema de orientação automática. Dependendo de como é operado, este sistema trabalha a nosso favor, como um mecanismo de êxito, ou contra nós, como um mecanismo de fracasso. O emprego da psicocibernética proporciona a aquisição de uma auto-imagem adequada à realidade, o que pode gerar no indivíduo um ânimo renovado e até novas aptidões, transformando, assim, o fracasso em sucesso.

O principal instrumento de trabalho da psicocibernética é a imaginação criativa. Ensina-se ao cérebro a lutar pelo êxito, experimentando-o sob a forma de situações imaginárias.

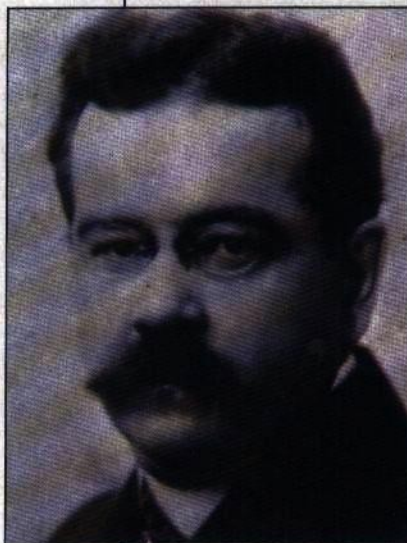
QUEM FOI?

CHARLES HOY FORT

Desconhecido em sua própria época, foi redescoberto em 1947 e reverenciado como um verdadeiro mestre no estudo de fenômenos inexplicáveis. Seu biógrafo, Damon Knight, nos conta que Fort era um homem corpulento, embora de natureza extremamente pacífica. Tinha uma vida sedentária e raramente saía de casa, exceto para fazer consultas na biblioteca. Era fascinado por tudo o que parecia bizarro, anômalo e inexplicado.

Nascido em 1874, em Albany, New York, EUA, saiu de casa aos dezoito anos para tentar enriquecer o seu saldo no "banco da experiência". Aos 23 anos, Fort lia todos os livros e periódicos científicos que conseguia encontrar. Em pouco tempo, tinha colecionado 25.000 anotações de acontecimentos estranhos. Em 1919, foi editada a sua primeira coletânea de fatos misteriosos, intitulada "O Livro dos Danados". A obra, entre outros pioneirismos, antecipou em mais de 40 anos a teoria da presença de astronautas no passado da Humanidade, recentemente popularizada pelo escritor Erich von Däniken.

Enfraquecido e quase cego, em 1932 conclui seu último livro, "Wild talents" (Talentos selvagens), que tratava de poderes parapsíquicos. Morreu semanas depois, em 3 de maio.

Em reconhecimento ao seu notável empenho, a palavra *Fortean* (Forteano) passou a ser usada para denominar o estudo de quaisquer fatos inexplicáveis.

CARTAS

Recentemente, vi um anúncio da *Ordem Templária* em São Paulo. Gostaria de obter mais informações sobre este assunto.

Paulo Avella - São Paulo - SP

Neste número publicamos uma matéria do jornalista e esoterista Marco Antônio Coutinho, sobre a *Ordem do Templo*.

•••

Quanto à dúvida do leitor Raimundo Nonato Mariano, de Bambeú (MG), posso adiantar que a *Gnose* não só aponta onde e como viveram as quatro raças anteriores, como também prova a sua existência. Ela explica o *karma* e o *dharma*, fala da vida em outros planetas, vida pós-morte, dos sonhos, da alquimia sexual, do segredo dos arcanos e de muitos mistérios ainda não revelados. Espero que a revista ANO ZERO não se transforme em uma publicação estritamente científica e materialista.

Maria Paula Ricci - Mogi Mirim - SP

•••

Desejo saber como poderia receber pelo reembolso postal o livro *O Paradigma Holográfico*, organizado por Ken Wilber.

Edson Cavalcante - Guajará Mirim - RO

Sugerimos que o leitor entre em contato com a editora Pensamento/Cultrix (Rua Dr. Mário Vicente, 374 - São Paulo - SP - 04270)

•••

Vocês, de ANO ZERO, têm gerado informações e esclarecimentos para os leitores em um momento crucial do Planeta. Os temas abordados são amplos, diversificados, desmitificam tradições e preconceitos, descortinam novas possibilidades para uma Humanidade mais feliz e, por fim, holística.

OSHOTIMES/Dedicado à visão de Bhagwan Shree Rajneesh - Florianópolis - SC

•••

Estando a revista em seu nono número, continua impecável, e os artigos atestam a qualidade do trabalho da equipe de ANO ZERO. Tenho me deliciado com a redação, diagramação, ilustração e a variedade de assuntos abordados, o que permite ao leitor uma ampliação de suas concepções.

Lilian Bastos - Salvador - BA

•••

Sou mais um leitor cativo de ANO ZERO. Tenho 14 anos, procuro me informar e aprender um pouco mais sobre o misticismo e vocês têm me ajudado muito nessa busca. Parabéns pela revista, que tem nos mostrado o caminho da Nova Era.

Márcio Pereira Rocha - São Paulo - SP

•••

Gostaria de entrar em contato com alguma instituição que realize pesquisas com golfinhos, pois esse é um assunto que me empolga. Desejo saber mais sobre esses animais que deduzimos ter uma inteligência superior à de todos os seres do Planeta.

Gustavo Cunha - Campo dos Goitacazes - RJ

O leitor pode procurar a Fundação de Estudos do Mar (FEMAR), localizada à rua Marquês de Olinda, 18 - Botafogo - Rio de Janeiro - 22251.

•••

Eu gostaria de me corresponder com a dra. Nise da Silveira, pois li uma entrevista com ela nesta revista e achei muito interessante.

Dika - Santa Maria da Vitória - BA

O endereço da Sociedade dos Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente é: rua Marquês de Abrantes, 151/ ap. 503 - Flamengo - Rio de Janeiro - 20000.

•••

Somos ao todo três adolescentes que há pouco começaram a se interessar por ufologia. Antes de ANO ZERO tínhamos poucas fontes de informações a respeito deste tema. Colecionamos a revista e aguardamos com impaciência a do mês seguinte. Queremos parabenizá-los pela entrevista com a professora Irene Granchi, que nos levou a entrar em contato com o CISNE. Portanto, sugerimos mais reportagens sobre ufologia, pois temos certeza que será útil não só para nosso grupo, mas também para todos aqueles que, como nós, pensam em ser ufólogos.

Rodrigo Santos, Fabrício Santana e Paulo Renato - Sapucaia do Sul - RS

Informamos aos leitores que a partir desta edição, ANO ZERO passa a publicar o *Jornal da Mufon*, uma nova coluna sobre ufologia. A Mufon (Mutual UFO Network, Inc.) é a maior organização civil de pesquisas ufológicas do mundo, sediada no Texas, Estados Unidos. O leitor terá acesso mensalmente, às últimas novidades sobre este tema, que apaixona milhares de pessoas.

•••

ANO ZERO é o elo que faltava para estabelecer a cadeia entre as publicações esotéricas e as de cunho científico, abrindo caminhos e cabeças para a Nova Era. É fundamental a afirmação da fé pela razão, a aproximação entre a ciência e a religião.

Gilda Menezes - Rio de Janeiro - RJ

•••

A livraria esotérica *Tempo de Ler* oferece um serviço diferenciado para os interessados no assunto: além de ter acesso aos livros disponíveis, o cliente pode obter orientação pessoal sobre o tema. O objetivo é fazer com que o homem atinja a autoconsciência, conheça as suas limitações e identifique suas capacidades, retomando o bem-estar espiritual, mental e físico, através da evolução. A livraria é localizada na cidade de São Paulo, à rua Tabapuã, 934, em Itaim.

***Tempo de Ler* - São Paulo - SP**

•••

Desde o primeiro número acompanho a surpreendente e quase perfeita revista ANO ZERO e desde então tive vontade de escrever-lhes. A apresentação gráfica, diagramação, revisão, o conteúdo inovador e futurista, tudo é impecável.

F.A. Gomez - Patos de Minas - MG

Tenho acompanhado as edições de ANO ZERO e sei de sua popularidade entre aqueles que estão sendo *preparados*. O Brasil receberá a manifestação do Senhor de Maytréia Budha, pois nosso país será o seu berço e a cidade de São Lourenço traz em seu ventre a semente da nova raça. Uma matéria sobre este tema pode ser esclarecedora.

Valmir de Andrade - Mogi-Guaçu - RG

•••

Gostaria de parabenizá-los pela excelente publicação e dizer-lhes que gosto muito das entrevistas e das seções "O que é?/Quem foi?" e "Livros". Espero que elas continuem a ser publicadas por muito tempo.

Roberto Vicentini - Brodowski - SP

•••

É com muita alegria que volto a escrever para esta revista, que a cada edição torna-se mais fantástica e envolvente. Gosto principalmente das reportagens sobre ufologia e assuntos relacionados à paranormalidade e à reencarnação.

Carlos Póvoa — Uberlândia - MG

•••

Cara redação de ANO ZERO, quero falar uma coisa: essa revista desenvolve o meu intelecto. Quero saber mais sobre o Egito antigo e fazer uma pergunta em relação à matéria *O dia em que ninguém morrerá*. Por que na época romana o indivíduo vivia até os 20 anos? Gostei de tudo do nº 6, quero que vocês façam um artigo sobre fotossíntese.

Carlos Augusto P. da Cunha - Manaus - AM

A ERA DE AQUARIUS

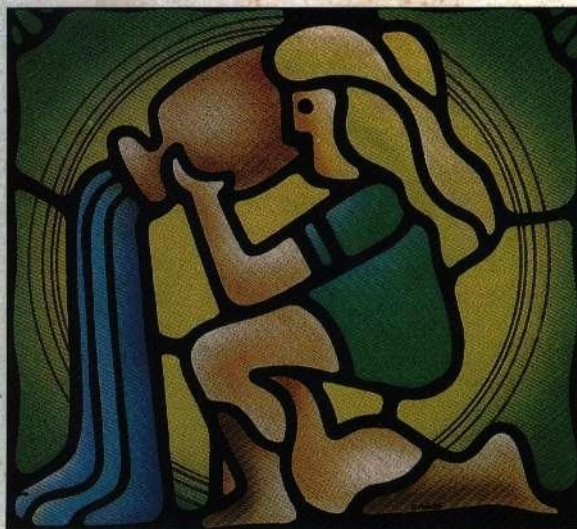
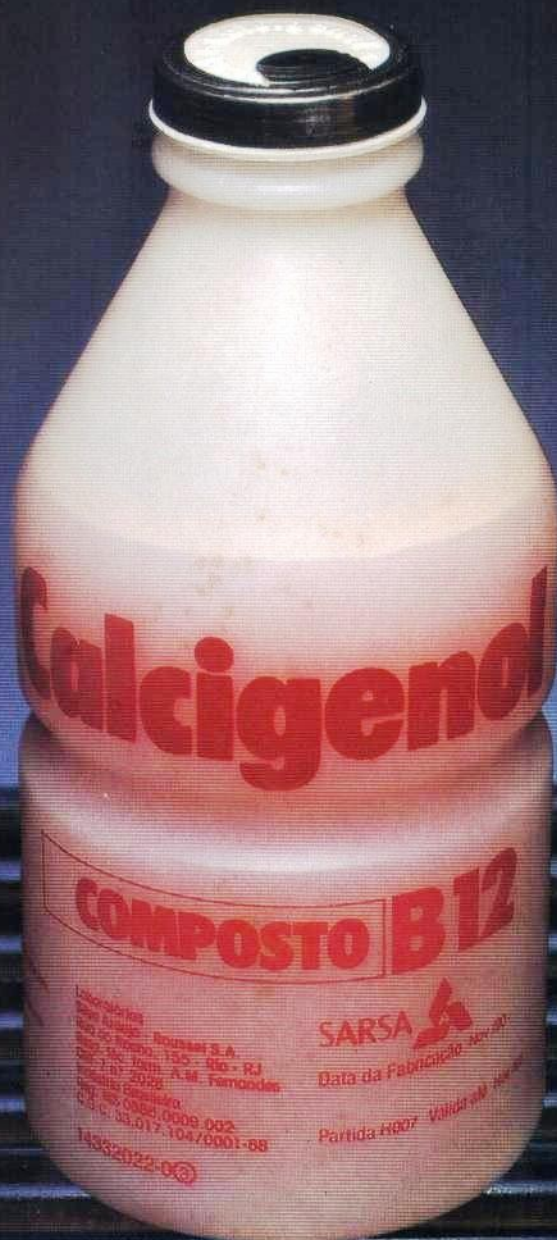
Martha Pires Ferreira

Muitos querem saber o que seja a tão decantada Era de Aquarius. Parece mesmo que os olhos brilham mais ao tocar nestes assuntos do vir a ser do mundo futuro — o amanhecer do ano 2.000. Uma esperança, um anseio de beleza, felicidade, gozo paradisíaco?

Não darei dados de Astronomia para explicar que o eixo vernal, por um processo de retrocesso, se afasta do signo de Peixes, por onde passou vinte séculos, e se aproxima agora do signo de Aquário. Depois do ano 2.000 aproximadamente, por volta do ano 2.014, podemos dizer que este eixo passou para a constelação de Aquário, dando assim início a uma nova Era da História da Humanidade.

A Astrologia é uma ciência e arte tão antiga quanto o homem. É o estudo das correspondências universais aplicadas aos indivíduos de toda natureza: "os astros dispõem, mas não impõem" (*astra inclinant, non necessitant*). Como não se pode afirmar categoricamente nada a respeito de acontecimentos futuros, acredita-se apenas que esta época será de grande esclarecimento mental para a Humanidade. A Era de Aquário é o despertar da intuição — apreensão imediata — tendendo a Humanidade para maior expansão espiritual e científica. Era da libertação, da independência, da auto-expansão, da telepatia, da clarividência, da pré-cognição. O homem em busca da sabedoria — e por uma espécie de vidência — sabe o que pensam, são ou desejam todos os outros. Ele é um pouco qualquer outro. É o ser se ampliando em todo os sentidos e em todas as direções. É a ciência tomando novos rumos, rumos estes que permitirão conhecimentos até agora enigmáticos. Anuncia um estado superior da evolução humana — um estado de esclarecimento individual — iluminação ou lucidez da consciência.

A Era de Aquário constitui um novo plano de desenvolvimento na história do homem. Uma total mudança de nível — o homem agindo noutro nível psíquico. A criatividade em toda a sua potencialidade, força e vigor, transcendendo completamente a realidade atual.

A consciência do Deus interno — do Eu profundo — se manifestará no centro mesmo da psique. Cada ser humano terá como desejo primordial o autoconhecimento — o anseio de se saber tal qual se é em essência. O que no pensamento de C.G. Jung significa o caminho da individuação. O homem experimentará por vivências pessoais o que realmente seja harmonizar-se uns com os outros. Um crescente sentimento-amor, sacrifício-generosidade, tomará conta de toda a espécie humana. Homens e mulheres saberão que somos todos da mesma família — que somos todos um só. Que a dor e o sofrimento de um é a dor e o sofrimento de todos, o mesmo se dando em relação ao bem-estar comum, às chances e oportunidades, alegrias e prazeres. O homem aprenderá enfim a respeitar profundamente a individualidade própria e alheia — a respeitar sobretudo, e em absoluto, o outro como ele é, com seus segredos, defeitos e virtudes. A Era de ouro da Humanidade, segundo a filosofia iogue. A Era da Beleza, porque a Era do Caminho da Sabedoria. E quem sabe, a Era da Arte de Viver. O homem se harmonizando com sua natureza. O crescente emergir da criatividade trará maiores possibilidades de felicidade e prazer na esfera individual e coletiva. Os homens continuarão como sempre foram, com seus aspectos claros e escuros, com suas contradições de seres mortais. Entretanto, saberão melhor como lidar com esses aspectos escuros e sombrios que existem em cada um de nós. As máscaras, tão comuns nos relacionamentos diários, não terão mais sentido porque o homem novo na sua autenticidade e espontaneidade não terá mais o que evitar, esconder, temer. Ele saberá aceitar-se e aceitar o mundo, assim como será aceito na sua legitimidade de ser único, integrado no coração mesmo no Universo. O homem da Era de Aquário é o homem independente. É o homem que elabora o processo da liberação total.

Martha Pires Ferreira é astróloga e artista plástica.

CALCIGENOL

Ossos fortes e dentes sadios para o futuro.

Laboratórios Silva Araújo Roussel